

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

**QUANDO FALAR E OUVIR É APROPRIAR-SE:
UMA REFLEXÃO SOBRE APROPRIAÇÃO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
À LUZ DA TEORIA SAUSSURIANA**

Janaína Nazzari Gomes

Porto Alegre

2016

**QUANDO FALAR E OUVIR É APROPRIAR-SE:
UMA REFLEXÃO SOBRE APROPRIAÇÃO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
À LUZ DA TEORIA SAUSSURIANA**

Janaína Nazzari Gomes

Orientadora: Prof. Dra. Luiza Ely Milano

Dissertação de Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Nazzari Gomes, Janaína
QUANDO FALAR E OUVIR É APROPRIAR-SE: UMA
REFLEXÃO SOBRE APROPRIAÇÃO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS À
LUZ DA TEORIA SAUSSURIANA / Janaína Nazzari Gomes. --
2016.

101 f.

Orientador: Luiza Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. apropriação . 2. línguas estrangeiras. 3.
Ferdinand de Saussure. 4. falante. 5. ouvinte. I.
Milano, Luiza, orient. II. Título.

*A todos aqueles e aquelas que se aventuram
no contato com línguas.*

*À minha mãe, que me propiciou o contato com línguas –
hoje não tão estrangeiras – desde muito cedo.*

Agradecimentos

À **Luiza Milano**, orientadora deste trabalho, que me acompanha desde as primeiras reflexões sobre o contato entre línguas. Obrigada, Luiza, pelo diálogo, pela escuta, pela compreensão, pelas trocas teóricas, profissionais e, sobretudo, humanas. Obrigada, também, pela paciência, pela meticulosidade na leitura de minhas produções, pelo entusiasmo, e, de sobremaneira, pelo arejamento teórico que permites e que tanto enriquecem nosso trabalho enquanto leitores e releitores de Saussure.

À **Aline Stawinski**, amiga que o mestrado me deu, pelo companheirismo de sempre, a qualquer momento, sobre qualquer assunto. Obrigada pelas lembranças e orientações sobre certas burocracias da universidade. Obrigada por ter feito desse momento de tornar-se mestre, que durou, no mínimo, dois anos, um momento agradável, encorajante e dialético.

Ao professor Valdir do Nascimento Flores, pelo dialogismo em suas aulas, pela ausência de medo da pergunta e do contraditório.

Aos meus colegas do Grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure”, pela escuta em momentos de desabafo, pelas perguntas e dúvidas e pela experiência de ler Saussure e compartilhá-lo.

Aos professores que compõem a banca de avaliação deste trabalho, por terem se colocado à disposição para escutar o que este estudo tem a dizer. À **professora Carmem Luci da Costa Silva**, que já enormemente contribuiu na defesa de meu Trabalho de Conclusão de Curso e que aceitou voltar à mesa para ainda mais enriquecer este estudo, que continua na busca pelo tornar-se falante – e agora, também ouvinte – em língua estrangeira. À **professora Leci Borges Barbisan**, com quem tive a satisfação de aprender durante o mestrado, de dividir as iniciantes interrogações sobre apropriação de língua estrangeira à luz da teoria saussuriana; sei que tuas contribuições sobre a língua francesa, Saussure e apropriação de idioma estrangeiro serão extremamente ricas. À **professora Silvana Silva**, com quem espero poder aprender muito sobre Saussure e seu legado.

À **minha mãe, Vera Lúcia Costa Nazzari**, exemplo de professora e de pessoa amante do dialogismo. Obrigada pelo incentivo de sempre, pelo suporte em todos os sentidos, por ter me apresentado livros desde muito cedo, por ter me permitido e incentivado o acesso, desde criança, às línguas.

À **Tauba**, amiga de sempre, de ontem, de hoje e de amanhã, com quem compartilho todas as dores e alegrias desta existência.

Ao Lorenzo Ribas, amigo filósofo e poeta, que corrigiu este trabalho e que tantas vezes

compartilhou comigo os anseios teóricos que rondaram esta produção.

Ao meu analista, que me fez ver a importância que as línguas têm em mim.

Ao meu ex-aluno, MIC, que me concedeu as entrevistas que permitiram e geraram tanto meu trabalho de conclusão quanto esta dissertação.

Aos meus alunos e alunas, que acreditam no meu ensinar, que nada mais é do que um aprender todo o dia. Graças a eles, aprendi a fazer os interrogantes que suscitam este trabalho.

Aos meus amigos francófonos espalhados pelo continente e pelo mundo, com quem me dei conta da diversidade da língua francesa, da diversidade dos sotaques e das expressões. Obrigada a eles, também, por terem me reconhecido francófona.

À Myriam Paquet, com quem o diálogo permaneceu presente apesar da distância.

Ao Centre de la francophonie des Amériques, cujas atividades oportunizam a jovens conhecer a diversidade da francofonia das Américas e a decorrente riqueza linguística que aparece com essa diversidade.

Ao povo brasileiro e ao Governo federal, pela formação gratuita de mestrado e pela bolsa que sustentou financeiramente toda essa formação.

Resumo

O que faz com que nos tornemos falantes e ouvintes de uma língua estrangeira? Tal é a questão que suscita o estudo que ora apresentamos. Neste trabalho, a pesquisa acerca do processo de apropriação de línguas estrangeiras adota como ponto de partida teórico o legado deixado por Ferdinand de Saussure, cujas reflexões sobre o que veio a ser a linguística moderna foram tornadas públicas no Curso de Linguística Geral (1916), obra que é, neste trabalho, relida à luz dos Escritos de Linguística Geral (2002) e do manuscrito *Phonétique* (1995). Embora o linguista de Genebra não tenha se dedicado ao estudo sobre apropriação de línguas estrangeiras, sua teoria, que partiu do estudo de várias línguas (idiomas) para despontar na ideia de língua (enquanto sistema), fornece-nos as bases teóricas necessárias para o empreendimento de deslocamentos que visam à elaboração de uma reflexão que explique o processo linguístico de entrada em contato com línguas estrangeiras. Iniciamos, então, nosso percurso com o estudo sobre os conceitos de língua e de fala, para, em seguida, desenvolvermos outros importantes construtos teóricos presentes na obra saussuriana à luz da apropriação de línguas estrangeiras: trata-se do aspecto fônico e dos procedimentos analógicos. Dedicamo-nos, assim, ao estudo de várias dimensões do aspecto fônico da língua, que engloba reflexões sobre a percepção e a produção de seu sistema de sons. Nesse sentido, o fônico revelou-se como a instância que instaura a necessidade de um falante tornar-se também ouvinte da língua-alvo. Vimos, pois, a importância, para a apropriação, de que o falante perceba as unidades fônicas da língua-alvo, para, somente então, conseguir produzi-las. Já a analogia, por sua vez, entra em nosso trabalho por mostrar-se deveras recorrente na expressão de falantes de línguas estrangeiras, revelando-se, em nossa pesquisa, o mecanismo mais claro da apropriação. Os signos criados em línguas estrangeiras, em razão do mecanismo analógico, apesar de apresentarem traços de língua materna, mostram-se situados na língua-alvo, já que fica evidente a percepção e a realocação de suas unidades nas novas formas criadas. Tais produções, por serem fruto do *tesouro linguístico* de cada falante (CLG), são sempre inéditas e, por isso, constitutivamente singulares; nesta singularidade reside a noção que propomos de apropriação. Com efeito, é esse tornar próprio – nesse novo estado de língua, que se produz cada vez em que conhecemos novas formas linguísticas – que caracteriza o processo de apropriação de uma língua estrangeira.

Palavras-chave: língua estrangeira; apropriação; Ferdinand de Saussure; fônico; analogia;

Résumé

Qu'est-ce qui fait en sorte que l'on devienne parlants et auditeurs d'une langue étrangère ? Voici la question qui suscite cette étude. Dans ce travail, la recherche sur le processus d'appropriation de langues étrangères prend comme point de départ l'héritage théorique laissé par Ferdinand de Saussure, dont les réflexions sur la linguistique moderne ont été rendues publiques dans le Cours de Linguistique Générale (1916), oeuvre relue dans cette étude à la lumière des Écrits de Linguistique Générale (2002) et du manuscrit Phonétique (1995). Le linguiste genevois ne s'est pas penché spécifiquement sur l'étude de l'appropriation de langues étrangères ; sa théorie pourtant, qui débute avec l'étude de plusieurs langues (idiomes) pour déclencher dans la notion de langue (comme système), nous fournit les bases pour entreprendre des glissements théoriques ayant pour but l'élaboration d'une réflexion qui explique le processus linguistique de prise de contact avec des langues étrangères. Nous commençons alors notre parcours avec les concepts de langue et de parole pour, ensuite, développer d'autres importants construits théoriques présents dans l'ouvrage saussurien tout en essayant de comprendre l'appropriation de langues étrangères : il s'agit de l'aspect phonique et des procédures analogiques. Nous nous dévouons ainsi à l'étude de nombreuses dimensions de l'aspect phonique de la langue, ce qui comprend des réflexions sur l'appropriation du système des sons ainsi que sa production. Dans ce sens, le phonique s'est révélé comme l'instance qui instaure la nécessité d'un parlant devenir également auditeur de la langue cible. Nous avons donc observé l'importance qu'a, pour l'appropriation, que le parlant s'aperçoive acoustiquement des unités phonologiques de la langue cible pour alors être capable de les produire. Quant à l'analogie, ce mécanisme linguistique prend place dans ce travail pour se révéler assez présent dans l'expression de parlants de langues étrangères, ce qui le rend, peut-être, le mécanisme le plus clair de l'appropriation. En effet, les signes créés en langue étrangère grâce à l'analogie sont déjà situés dans la langue cible puisque la perception et la réallocation des unités de la langue étrangère sont évidentes dans les formes créées et, ce, malgré les traits de la langue maternelle que nous pouvons y voir. Ces productions, fruits du *trésor linguistique* de chaque parlant (CLG), sont toujours inédites et, pour cela, constitutivement singulières, caractéristique qui nous permet de proposer la notion d'appropriation. Ce processus de rendre propre – à chaque nouvel état de langue, c'est-à-dire, à chaque prise de connaissance de nouvelles formes linguistiques –, c'est bien ce qui caractérise le processus d'appropriation d'une langue étrangère.

Mots-clés : langue étrangère ; appropriation ; Ferdinand de Saussure ; phonique ; analogie ;

Principais abreviaturas

Aviso ao leitor – 1: Frente ao caráter heterogêneo do *corpus* saussuriano e com a finalidade de facilitar a leitura deste trabalho, utilizaremos as abreviaturas elencadas abaixo.

Curso de Linguística Geral SAUSSURE, Ferdinand de. <i>Curso de Linguística Geral</i> . São Paulo: 1996, Cultrix.	CLG, Curso, p. ____
Escritos de Linguística Geral SAUSSURE, Ferdinand de. <i>Escritos de Linguística Geral</i> , São Paulo: 2002, Cultrix.	ELG, Escritos, p. ____
Edição crítica de Tullio de Mauro ao Curso de Linguística Geral - notas biográficas SAUSSURE, Ferdinand de. <i>Cours de linguistique générale</i> . Edição crítica preparada por Tullio de Mauro, França, 1967.	Tullio de Mauro, p. ____
Edição crítica de Tullio de Mauro do Curso de Linguística Geral - notas sobre o Curso SAUSSURE, Ferdinand de. <i>Cours de linguistique générale</i> . Edição crítica preparada por Tullio de Mauro, França, 1967.	Tullio de Mauro, nota número ____
Manuscrito de Phonétique SAUSSURE, Ferdinand de. <i>Phonétique</i> , Il manoscritto di Harvard.. Padoue :1995, Unipress.	Phonétique, p. ____

Traduções :

Aviso ao leitor – 2: Todas as traduções francês-português efetuadas neste trabalho são traduções livres, feitas pela autora deste estudo.

Sumário

1. Considerações iniciais	10
2. A problemática.....	16
3. A inspiração teórica.....	22
3.1. Como tratamos as fontes do pensamento de Saussure	22
3.2. Uma certa novidade saussuriana.....	24
3.3. O amanhecer da teoria saussuriana	26
3.4. A teoria saussuriana, tomada pelos conceitos e língua e de fala.....	31
4. O processo de apropriação de línguas estrangeiras tomado à luz da teoria saussuriana.....	42
4.1. O estado de língua.....	43
4.2. O lugar do fônico na apropriação de línguas estrangeiras	46
4.2.1. O fônico a partir da perspectiva do sistema fonológico de uma língua	47
4.2.2. O fônico e a fonação	51
4.2.2.1. A margem de ação na pronúncia.....	53
4.2.2.2. A importância da imagem acústica para a pronúncia	54
4.2.3. Para tornar-se falante de língua estrangeira, é necessário tornar-se também ouvinte.....	56
4.3. O valor e a significação.....	63
4.4. A analogia	67
4.4.1. A criação analógica em língua estrangeira.....	71
4.4.1.1. A analogia como marca da apropriação.....	77
4.4.1.2. Erros em língua estrangeira: signos anunciadores da apropriação	80
4.4.1.3. A noção de interlíngua	85
4.4.1.4. A noção de <i>code-switching</i>	90
5. Quando falar é apropriar-se. Quando apropriar-se é navegar entre os sistemas.....	93
6. Bibliografia	100

1. Considerações iniciais

As interrogações e reflexões que levam à produção deste trabalho iniciam-se em 2009, ano em que o Departamento de francês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul organizou o primeiro curso de extensão universitária sobre a fonética da língua francesa. O objetivo inicial de tal atividade era complementar a formação dos futuros professores e tradutores de francês, então graduandos da instituição. À época monitora do Departamento, fui uma das ministrantes do curso de extensão, que contou também com oficinas de conscientização articulatória ministradas pela professora doutora Luiza Milano, que, hoje, orienta esta dissertação.

Dos relevantes acúmulos daquela primeira experiência pedagógica com o fônico em francês, o principal concerniu à evidência da presença imponente da língua materna dos participantes – na sua grande maioria lusófonos brasileiros –, quando na tentativa de pronúncia dos fonemas da língua francesa¹. Tal presença apareceu na inicial dificuldade em produzir certos sons da língua-alvo, notadamente, aqueles inexistentes em português, como [ø], [y], [œ], [ə], [ã], [Ê]. A saída encontrada pelos aspirantes a francófonos era substituir tais sons por aqueles disponíveis em português, que eram, por sua vez, próximos – tanto em relação à articulação quanto em relação ao efeito acústico – do som desejado em francês. Destarte, [y] se tornava [u] ou [i]; [ø], [e] ou [o]; e assim também nos demais casos semelhantes.

Uma segunda dificuldade de mesma natureza, porém em sentido inverso, pôde ser observada: a não distinção de certos sons do sistema fonético da língua francesa. Com efeito, por vezes, os estudantes não eram capazes de perceber, por exemplo, a diferença entre [e] e [ə], que pode indicar, em francês, singular e plural, como em *le* ou *les*, ou entre [œ], [ø] e [o], que também importam significados diferentes, como em *peur*, *peu*, *peau*.

A fim de delimitar os sons que constituem cada sistema e, sobretudo, o sistema fonético francês, empreendíamos, então, exercícios de pronúncia e de distinção, mirando, especialmente, as confusões mais frequentes apresentadas por falantes de português brasileiro, algumas das quais citadas acima. Para o ensino de línguas estrangeiras², tal procedimento não é, porém, novidade: os manuais mais atuais de ensino já trazem exercícios de fonética, tanto no sentido da percepção quanto da produção dos sons da língua-alvo, o que demonstra o

¹ Professores se formam na França e transmitem, portanto, o sistema fonológico da língua francesa.

² Trataremos como sinônimos os termos língua estrangeira, L2, língua-alvo, segunda língua.

reconhecimento da relevância da perspectiva fônica na apropriação de línguas. No entanto, a relevância dada a tal dimensão da língua é ainda muito tímida: raramente um manual oferece mais do que um exercício de fonética por unidade e, em geral, trata-se de exercícios de escuta e distinção; raríssimas exceções a esse cenário.

A novidade do curso de extensão promovido pelo Departamento de francês da UFRGS, então, além de complementar a formação dos universitários com noções da fonética da língua, foi a centralidade que adquiriu a fala, a pronúncia em francês, tanto através da produção comparada entre as articulações de sons em português e em francês quanto da produção dos fonemas exclusivos do francês. Assim, ao invés de partir somente da percepção acústica para, em um segundo momento, culminar com a produção, em geral, iniciávamos as aulas pela produção oral: o aspirante a falante precisava experimentar-se corporalmente fazendo novos movimentos musculares, através da exploração de novas articulações, buscando produzir sons com identidades semelhantes às do francês. Não raro, os falantes descobriam-se, inclusive, com novos timbres ao expressarem-se em francês.

As reflexões advindas do projeto de extensão, acrescidas às experiências de docência em francês, foram, então, objeto de meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na mesma instituição que hoje acolhe o presente estudo. Inspirada pelas reflexões acerca da subjetividade na linguagem do linguista sírio Émile Benveniste e pela noção de língua proposta pelo genebrino Ferdinand de Saussure, questionava-me sobre a possibilidade de tornar-se sujeito em língua estrangeira da mesma forma como se é sujeito em língua materna.

À época, junto com a experiência e os aprendizados do curso de extensão em fonética, duas outras vivências contribuíram para o interrogante acima exposto: no Brasil, lecionava a um nordestino que se preparava para imigrar ao Canadá e, no Canadá, participei de várias atividades de formação sobre a diversidade da francofonia das Américas. Assim, no que diz respeito à experiência pedagógica de preparar linguística e culturalmente um futuro imigrante, pude notar nos dizeres de meu então aluno um forte hibridismo entre língua materna e língua estrangeira, não somente na produção fonética, mas também nos aspectos morfológicos, sintáticos e até mesmo prosódicos. Aos olhos – e, sobretudo, aos ouvidos – de um linguista, a fala de meu ex-aluno é uma fonte de constantes interrogações, já que, ao se instaurar falante no sistema linguístico alvo, o francês, reivindica constantemente seu sistema linguístico base, o português, mas o dizer que disso resulta é claramente identificado à língua francesa.

No que toca à experiência no Canadá, pude entrar em contato com o forte debate linguístico que marca aquela sociedade: a disputa de hegemonia política – e linguística – entre o francês e o inglês e as consequências linguísticas e identitárias decorrentes. Além disso,

defrontei-me, pela primeira vez desde que estudava a língua francesa, com a possibilidade identitária de ser considerada francófona. Com efeito, não raro, são considerados francófonos os indivíduos que têm no francês a língua materna ou a língua segunda; sendo aqueles que aprendem francês como língua estrangeira considerados somente francófilos – amantes da dita língua. A incoerência de tal classificação, apesar de evidente, não é apagada do senso-comum de grande parte dos locutores nativos do francês. As atividades de que participei no Canadá – todas elas organizadas e promovidas pelo *Centre de la francophonie des Amériques*³ – tinham como ponto central a noção de inclusão, segundo a qual qualquer pessoa que se exprime em francês é francófona, independente de sua língua materna e da forma como o hibridismo L1/L2/Ln se apresenta.

O terreno para uma reflexão sobre a constituição do sujeito falante estava, pois, conformado e dessa confluência de experiências e reflexões nasceu o trabalho monográfico, intitulado “O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível?”.

O estudo que ora iniciamos é, assim, fruto de um percurso já longo mas não por isso exaurido. Com efeito, com a linguística enunciativa benvenistiana e com o conceito de língua saussuriano, pudemos compreender e evidenciar a heterogeneidade linguística que constitui a expressão em língua estrangeira e a insistência da língua materna em se fazer presente no processo. Pudemos também refletir sobre o valor da língua materna para o sujeito falante, pois sendo a primeira língua, é também aquela que lhe permite ser no mundo, na medida em que o sujeito se constitui na e pela linguagem.

Convencidas, com o trabalho de conclusão de curso acima citado, da possibilidade da constituição do enunciador em língua estrangeira, nas próximas linhas tentaremos aprofundar as reflexões acerca da apropriação de línguas não maternas e, desta vez, teremos como principal suporte teórico os dizeres do suíço já citado na introdução, Ferdinand de Saussure. Interessa-nos, no estudo que ora realizamos, compreender os mecanismos linguísticos que permitem a apropriação de um sistema simbólico diferente do materno, levando em conta as duas principais conclusões tiradas do referido curso de extensão em fonética do francês, a saber, a presença inexorável da língua materna no processo de apropriação de língua estrangeira e o papel central do fônico, como porta de entrada para o falante, na tentativa de

³ Órgão estatal quebequense responsável pela promoção e divulgação da francofonia das Amériques. Maiores informações: francophoniedesameriques.com.

acesso a uma língua.

Outro tópico a que nos dedicaremos – e que concerne direta e especialmente à presença da língua materna na expressão em outra língua – é o que é comumente chamado de erro em língua estrangeira. Nas pesquisas que culminaram nesta dissertação, pudemos compreender que “erro”, a partir de uma perspectiva saussuriana – em que o linguístico é o encontro entre massas amorfas de som e de sentido dentro de um sistema –, é um fenômeno intrínseco ao contato entre sistemas e, portanto, inerente a qualquer processo apropriativo. Assim, exploraremos e tentaremos definir os mecanismos linguísticos, dos quais a analogia é o principal, que permitem a produção e a criação de formas que fogem ao comumente esperado na língua-alvo e que, talvez por isso, permitam a apropriação dessa língua porque permitem ao falante movimentar-se entre os sistemas linguísticos que conhece.

Um estudo que também se impõe a este trabalho concerne à obra saussuriana. Por uma parte, tentaremos traçar uma leitura arejada do pensamento saussuriano, que leve em conta mais fontes do que somente o *Curso de Linguística Geral* e que proponha a existência de uma necessária complementaridade entre os fenômenos língua e fala e uma vital importância do fônico tanto para a teoria quanto para o fenômeno de apropriação de uma língua estrangeira. Além disso, visto que Saussure não se dedicou à pesquisa sobre apropriação de língua estrangeira, colocamo-nos, desde o início, como leitores e deslocadores da sua teoria. Assim, posicionar-nos-emos quanto ao tratamento que daremos ao *corpus* saussuriano – neste trabalho, composto pelo já citado *Curso de Linguística Geral* (1996), pelos *Escritos de Linguística Geral* (2004) e, lateralmente, pelo manuscrito *Phonétique* (1995) –, propondo, como já assinalamos, a releitura de certos conceitos para, finalmente, empreendermos os deslocamentos necessários à compreensão do processo de apropriação de línguas estrangeiras. Com essas novas leituras conjugadas, acreditamos poder, também, ressituar teoricamente o lugar do fônico no pensamento de Saussure e contribuir, assim, indiretamente com as numerosas pesquisas que têm sido desenvolvidas no sentido de uma hermenêutica do pensamento saussuriano.

Além das obras saussurianas *strictu sensu*, também nos valeremos, ainda que de forma não aprofundada, de leitores consagrados de Saussure, cujas reflexões foram deveras importantes para o advento deste trabalho. Assim, mencionaremos Roman Jakobson e suas reflexões sobre o balbucio; a linguista francesa, Claudine Normand, especialista em epistemologia e em história da linguística; o linguista Rudolph Engler, de quem tomaremos as respectivas interpretações sobre a recepção do CLG; o pesquisador emérito da Universidade de Leuven, Herman Parret, que trata do fônico em Saussure a partir do manuscrito *Phonétique*

e sobre a relação entre língua e voz; o professor Loïc Depecker, que retoma os conceitos veiculados no Curso à luz dos manuscritos e, finalmente, o linguista sírio Émile Benveniste, que nos lega um artigo sobre a presença de Saussure em Paris, quando professor da *École des Hautes Études*.

A perspectiva que ora adotamos para pensar o processo de apropriação de língua estrangeira mostra-se um tanto incomum menos pelo que propomos acerca do legado saussuriano – interpretações para o pensamento do genebrino com ênfase à noção de língua-fala, ao fônico e ao mecanismo analógico – do que para o campo que estuda aquisição de línguas não maternas – uma vez que defendemos uma noção de apropriação e de hibridismo sistêmico. Nesse sentido, entendemos que seja relevante dar espaço, neste estudo, a dois outros campos do saber que apresentam tradicional acúmulo sobre o contato entre línguas: a didática de línguas e a linguística aplicada. Com efeito, trata-se de campos que produziram conceitos como erro, interlíngua e *code-switching*, que são, hoje, muito utilizados na docência de línguas estrangeiras e nos estudos sobre fronteiras entre línguas. Assim, desejamos, de um lado, compreender as leituras já estabelecidas e difundidas acerca do contato entre sistemas linguísticos e, de outro, explicitar as nuances entre tais perspectivas e aquela que propomos no presente estudo.

Até então, detalhamos o percurso acadêmico que nos levou a produzir este trabalho dissertativo e abordamos brevemente o caminho teórico que iremos percorrer para compreender o processo de apropriação de uma língua não materna à luz do legado saussuriano. Faz-se necessário, igualmente, elencar as razões pelas quais um trabalho como o nosso parece-nos relevante, de maneira geral, para a sociedade brasileira, que é, em última instância, a financiadora de nosso estudo e, especificamente, para as pesquisas do campo da linguística.

No que diz respeito à pertinência social desta pesquisa, acreditamos que, na medida em que as trocas econômicas, culturais e linguísticas intensificam-se e generalizam-se globalmente, viagens e intercâmbios tornam-se cada vez mais correntes, o que faz da aprendizagem de línguas estrangeiras, com vistas à capacidade de comunicação com outras culturas, um assunto da ordem do dia. Assim, o estudo sobre o processo de apropriação de línguas acompanha tal tendência e mostra-se, portanto, pertinente por poder contribuir com reflexões cujos efeitos podem propagar-se até o ensino de línguas.

Já a justificativa linguística para a produção deste estudo, por um lado, diz respeito à necessidade de se retomar os dizeres saussurianos, que, fundadores da disciplina da linguística e estruturantes de tantas outras, como da antropologia lévi-straussiana e da psicanálise lacaniana, foram interpretados deveras dicotomicamente, o que produziu uma tradição epistemológica que não raro separa os fenômenos de língua e fala, secundariza a noção de significante, e, sobretudo, promove uma higienização da língua, separando-a do indivíduo que a fala. Além disso, por outro lado, não é desnecessário sublinhar que, ao estudarmos apropriação de língua estrangeira, refletimos também sobre aquisição de língua materna e sobre linguagem, uma vez que L1 é o sistema já estabelecido com o qual LE passará a se relacionar e que tanto L1 quanto LE necessitam da capacidade de simbolizar do ser humano, isto é, da capacidade de linguagem, para serem possíveis. Encontramos ecos sobre isso nos Escritos, quando Saussure afirma que “o estudo das línguas existentes se condenaria a permanecer quase estéril, a permanecer, em todo caso, desprovido (...) de método e de qualquer princípio diretor, se não tendesse constantemente a esclarecer o problema geral da linguagem” (ELG, p. 129) e também que “a todo instante, em todos os ramos da ciência das línguas, todos estão sobretudo ansiosos (...) para tornar público o que pode interessar à linguagem em geral” (idem, p. 129). O próprio linguista conclui dizendo que “cada divisão e subdivisão da língua representa um documento novo, interessante como qualquer outro para o fato universal da linguagem” (idem, p. 129).

O trabalho dissertativo que ora tecemos constitui-se, portanto, em um exercício teórico de interpretação de um fenômeno linguístico – a apropriação de uma língua estrangeira – à luz do pensamento saussuriano, notadamente a partir da noção de língua-fala, de fônico e de analogia. Como veremos a seguir, iremos nos valer de exemplos de produções em idiomas não maternos, sobretudo em francês, para podermos compreender os processos linguísticos que pautam a produção em língua estrangeira.

2. A problemática

O que faz com que nos tornemos falantes e ouvintes de uma língua estrangeira e o que impede tal processo? Quais mecanismos linguísticos estão em jogo quando tentamos nos expressar em uma língua que não é a primeira língua em que simbolizamos? Qual é o lugar do fônico no processo de apropriação de um idioma estrangeiro? E, finalmente, seria possível conceber o que se entende por erro como elemento intrínseco e necessário à apropriação de uma língua estrangeira?

A busca por respostas que levem em conta o linguístico, isto é, o sistêmico, tal como proposto por Ferdinand de Saussure, é o grande encorajador deste trabalho. Com efeito, as perguntas não são novas para aqueles que estudam aprendizagem/aquisição de línguas estrangeiras. A neuro, a psico e a sociolinguística já ofereceram respostas a grande parte das perguntas acima colocadas. Trata-se, porém, de respostas que têm como eixo principal as relações entre o languageiro e o cerebral/mental/semântico e o languageiro e o social/uso, respectivamente.

Pouco se investigou ainda sobre os mecanismos linguísticos – assim como o considera Saussure – que marcam, definem e condicionam o processo de apropriação de uma língua não materna. O que propomos neste trabalho é, a partir de deslocamentos teóricos da linguística desenvolvida por Ferdinand de Saussure, tentar responder a tais questões. Assim, neste primeiro momento, iremos nos dedicar a esmiuçar as problemáticas com que nos deparamos para, em um segundo momento, adentrarmos na obra deixada pelo linguista genebrino e, por fim, pensarmos o processo de apropriação de línguas estrangeiras à luz das reflexões saussurianas.

Nossas questões nascem da confrontação entre o legado deixado por Saussure e os fenômenos linguísticos em língua estrangeira com os quais tivemos contato, seja diretamente – como durante o ensino do francês ou durante o curso de extensão em fonética – seja pelo contato indireto – com testemunhos sobre a experiência em língua estrangeira. Assim, durante as aulas da formação universitária em Letras português-francês e do mestrado em Análises textuais, discursivas e enunciativas e durante os encontros do grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure”⁴, ao lermos os escritos saussurianos, impunham-se questionamentos no sentido de colocar à prova a teoria desenvolvida por Saussure frente aos fenômenos

⁴ Grupo de pesquisa dirigido pela também orientadora deste trabalho, professora Dra. Luiza Ely Milano.

linguísticos em língua estrangeira.

Por tratar-se de um trabalho de caráter teórico, os fenômenos linguísticos que aqui elencaremos têm caráter ilustrativo. Tal estatuto, no entanto, é fruto de uma anterior análise de *corpus*, empreendida para o trabalho monográfico “O enunciador em língua estrangeira: uma apropriação possível?”, já mencionado. É, inclusive, por conta de tal análise e de seus resultados acerca da presença maciça da língua materna quando da expressão em língua estrangeira e da relevância do caráter fônico nessa apropriação que podemos, hoje, dar voz a este estudo.

Se em um primeiro momento empreendemos uma análise descritiva e interpretativa de viés enunciativo-saussuriana, que partiu do linguístico para compreender o aspecto linguageiro – a imposição da língua materna, os valores desta e da língua estrangeira para o sujeito falante, o papel da cultura na apropriação de LE –, iniciamos, agora, uma caminhada essencialmente teórica, baseada na teoria saussuriana e com foco no sistema e nos mecanismos que a língua, enquanto sistema de signos partilhados por uma comunidade linguística, oferece para possibilitar a apropriação de um idioma não materno.

De fato, a análise de dados de expressão em língua estrangeira nos levou a observar a presença imponente da língua materna. Pudemos, porém, observar outros dois outros aspectos essenciais: a existência de criações linguísticas inéditas quando da expressão em LE e a fala-escuta como o âmbito pelo qual fundamos nosso lugar em idiomas não maternos. Tais fenômenos linguísticos parecem nos remeter, imediatamente, aos dois primeiros interrogantes do início desta seção: o que faz com que nos tornemos falantes e ouvintes de uma língua estrangeira e o que impede tal processo? Que componentes da língua estão em jogo quando tentamos nos expressar em uma língua que não é nossa primeira língua de significação? Esta seção é dedicada às problemáticas que nos encorajam a desenvolver este trabalho.

A produção⁵ de MIC, brasileiro, nordestino radicado em Porto Alegre, que estudou 260 horas de francês no intuito de imigrar ao Quebec (Canadá)⁶, pode fornecer-nos elementos de reflexão:

⁵ Na transcrição completa dos dizeres de MIC (disponível em <http://hdl.handle.net/10183/39339>), optamos por uma transcrição ortográfica e acrescentamos observações, em nota de rodapé, sobre alterações fonéticas.

⁶ Trata-se de uma simulação da estrutura da entrevista pela qual MIC passaria para obter o direito de imigrar ao Québec.

Exemplo 1

13 JAN Où êtes-vous nés ?

14 MIC Je suis né à Maceió.

15 JAN Et votre épouse ?

16 MIC Ééé... **elle a née** à Rio Grande do Sul.

17 JAN Ok. Et dans quelle ville ?

18 MIC **Elle née** à [...] Ahh [...] Je ne me souviens pas, mais c'est une petite ville de Rio Grande do Sul

Exemplo 2

31 JAN Vous êtes mariés depuis quand ?

32 MIC **Nous avons marié** [...] Nous vivons ensemble beaucoup de temps. J'ai cinq ans que je vive avec elle, nous vivons ensemble, mais **nous fait** la *cerimônia* é [...] un an, deux ans plus ou moins [...] *há* un an, deux ans.

Exemplo 3

59 JAN Ah. OK Et [...] Ahm [...] Dans quelles entreprises vous avez travaillé ?

60 MIC **J'ai commencé** avec la programmation à Planetec et depuis un an j'ai [...] **j'ai resté** chez moi parce que [INC]... . Je ne souviens pas comment se dit en français.

Esmiuçaremos, ao longo deste estudo, os dizeres acima à luz de conceitos saussurianos. Por ora, objetivamos somente explicitar nossos interrogantes. Nos exemplos em negrito, é possível identificar diferentes formações do passado composto em francês: 1) com o uso do auxiliar gramaticalmente correto e do comumente usado; 2) com o uso de um auxiliar, mas não o gramaticalmente correto, embora de uso relativamente comum; 3) com o apagamento do auxiliar, prática não rara para falantes não nativos, mas considerada gramaticalmente incorreta. A pergunta que parece caber diante deste quadro aparentemente tão irregular é: o que autoriza o falante a ora alternar os auxiliares, ora utilizá-los ou não? Trata-se de erros, de dificuldades cognitivas ou motoras ou tais fenômenos poderiam ser explicados pela lógica singular do sistema linguístico do falante?

Diante de tais produções, um procedimento comum em aulas de língua francesa e de um falante nativo seria classificar as formas do passado produzidas por MIC como erradas, à

exceção de “je suis né” e de “j'ai commenc e”, e instruir sobre a forma correta. Em um trabalho orientado pela linguística saussuriana, no entanto, a produ o do falante precisa ser tomada como fenômeno de língua, isto  , como fenômeno que alia formas, sentidos e valores sist micos e que, do ponto de vista metodológico, deve ser descrito e explicado, inexistindo, portanto, qualquer movimento de julgamento do fenômeno linguístico em questão. Nesse sentido, posto que produzidas por um falante, as produ oes devem ser respeitadas como produ oes linguísticas possíveis, já que foram efetivamente produzidas.  , pois, no sistema que devemos buscar as explica oes para tais produ oes, assim como naquilo que Saussure elenca como parte de um sistema linguístico: a existência de signos, cujo valor específico reside na sua negatividade em rela o a todos os demais, a rela o arbitrária entre massas indistintas de som e de sentido, a linearidade do significante e sua dupla dimensão (concreta e abstrata), a língua como efeito da articula o dos eixos sintagmático e associativo, o fônico como dimensão de intersec o entre língua e fala, a existência de procedimentos analógicos que permitem a cria o linguística.

Mas voltemos aos dizeres de MIC e sua importância para este estudo. A forma com que trabalhamos aqui, apesar de transcrita,   inicialmente uma interven o oral, tratando-se, portanto, de uma forma sonora. Assim, nossos questionamentos voltam-se, agora, para a rela o forma/sentido, que   mediada pelo fônico, um fenômeno acústico-articulatório, que permite que o significante seja não somente imagem acústica, abstra o, mas também, cadeia falada.

Apesar de termos optado por uma transcri o ortográfica ao invés da fonética, podemos notar em MIC que a pronúncia do pronome pessoal de primeira pessoa, “je”, oscila entre [ʒe] e [ʒə], sendo esta a pronúncia considerada gramaticalmente correta e a comumente usada em francês. A pronúncia [ʒe] também existe, mas exprime a primeira pessoa do singular do verbo ter, “ai”, cujo fonema prepondera sobre o fonema vocálico do pronome sujeito, [ə], formando [ʒe]. Em português – novamente a língua materna do falante! –, inexistente o fonema [ə] e podemos notar que não raro MIC adapta esse fonema a sons do português cujas articula oes apresentem algum traço semelhante, como   o caso do [e] e do [o], que têm o posicionamento lingual e o arredondamento labial em comum, respectivamente. Será que MIC reconhece, ao ouvir, a diferença entre tais fonemas? Isto  , para o falante, haveria distin o entre tais sons? E, se reconhece, por que não produz?

Tais questões nos remetem ainda a outras mais gerais: em que medida o não reconhecimento de uma distin o fonética afeta a rela o entre som e sentido em língua estrangeira? Como reconhecer acusticamente um fonema inexistente em língua materna e que

só se produziu durante a fertilidade do balbucio? E como produzir um fonema que não se escuta? Ora, o aspecto fônico é essencialmente duplo: compõe a língua, sendo, portanto, abstrato, mas realiza-se na fala, o que faz dele concreto. Em meio a essa dupla articulação é que se faz necessário operar para falar uma língua estrangeira, já que há um corpo fundado em um primeiro sistema linguístico. Quais são as demandas corporais impostas a quem tenta se expressar em outro sistema?

A influência do fônico na apropriação de uma língua não materna, aliada ao hibridismo formal que MIC apresenta, trazem à mesa o conceito de língua. Afinal, se língua é sinônimo de idioma e se o idioma francês refuta formações no passado composto sem auxiliar, a forma utilizada por MIC está, efetivamente, incorreta e deve ser corrigida. No entanto, ela foi pronunciada com a autoridade de um falante e foi compreendida por um ouvinte, como bem nos mostra a transcrição. Assim, a questão que se impõe é: o que é língua para Saussure e o que é esse objeto do qual tantos já falantes desejam apropriar-se?

Uma segunda questão enfrentada quando se discute o conceito de língua em Saussure concerne à aparente dicotomia entre língua e fala. Difundiu-se, pelas mais diversas razões, a ideia de que Saussure preocupou-se somente com a língua, compreendida como um sistema unicamente abstrato. É claro que o próprio *Curso de Linguística Geral* permite, a um olhar menos atento, compreendê-la dessa forma: “é necessário colocar-se no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito” (CLG, p. 17). E mais adiante: “a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da língua” (CLG, p. 18).

Na sequência do CLG, no entanto, em um capítulo dedicado à fonologia, encontramos uma nuance importante: “Quando se trata de uma língua viva, o único método racional consiste em: a) estabelecer o sistema de sons tal como é reconhecido pela observação direta; b) **observar o sistema de signos que servem para representar – imperfeitamente – os sons**” [grifo nosso] (CLG, p. 47). Aqui, pela primeira vez, é estabelecida uma relação teórico-medotológica entre som, língua e representação, posicionamento que continua ao longo de todo o resto do capítulo e, também, do apêndice ao capítulo, ao inserir as noções de fala e de impressão acústica:

A delimitação dos **sons da cadeia falada** só se pode apoiar, então, na

impressão acústica; mas, para sua descrição, procede-se de modo diverso. Ela só poderia ser feita com base no ato articulatório, pois as unidades acústicas, tomadas em sua própria cadeia, não são analisáveis. Cumpre recorrer à cadeia dos movimentos de fonação (...). [grifos nossos] (CLG, p. 51)

Assim, apesar daquela inicial delimitação da disciplina da linguística, que só se ocuparia da língua, Saussure acrescenta ao fenômeno os sons, a cadeia falada, a escuta (pela impressão acústica): todo um circuito que envolve sistema abstrato, realização pelo fônico e ouvinte. Mais adiante, também começa a tratar da distinção entre fonemas, que é elemento essencial da teoria do valor: “mas enumerar esses fatores de produção do som não é ainda determinar os **elementos diferenciais** dos fonemas. Para classificar estes últimos, **importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros**” [grifo nosso] (CLG, p. 54).

A segunda problemática que ronda o conceito de língua fica, pois, mais clara: diante de uma tradição epistemológica que dicotomiza o termo separando-o da fala, há toda uma elaboração teórica – estendida, aliás, a várias fontes do trabalho de Saussure – que nos permite, assim como a renomados leitores de Saussure, pensar em um conceito língua-fala, em que língua e fala não são nem no fenômeno nem metodologicamente separáveis.

Em nosso estudo, iremos aprofundar essa relação entre língua e fala, que é de mister importância para nós, já que nos interessamos pelo processo de apropriação de uma língua estrangeira, isto é, pelo processo que permite a um falante situar-se na língua-alvo. Além disso, iremos explorar as noções principais da teoria saussuriana moderna, que deu origem à disciplina da linguística, cujas bases teóricas são a teoria do valor, as reflexões sobre o caráter abstrato e concreto do significante, a relação entre valor e significação e a analogia, que se revelou um dos aspectos linguísticos mais importantes neste estudo. Além disso, teceremos inúmeras reflexões sobre o fônico, tanto na teoria desenvolvida por Saussure, quanto no processo de apropriação de línguas estrangeiras. Dada a heterogeneidade que marca a obra saussuriana, iniciaremos, no entanto, com uma profunda análise das fontes deixadas por Saussure, para, somente então, iniciarmos nosso caminho em direção à compreensão do processo de apropriação de línguas estrangeiras, alumiados pelo legado saussuriano.

3. A inspiração teórica

3.1. Como tratamos as fontes do pensamento de Saussure

A obra considerada essencial para a fundação da disciplina da linguística não foi escrita por aquele que é comumente designado seu autor, Ferdinand de Saussure. Com efeito, apesar de o *Curso de Linguística Geral* ser conhecido como de autoria do genebrino, trata-se, como bem salientam seus autores no prefácio à primeira edição, de uma tentativa de “reconstituição, de síntese, (...), de recriação” (CLG, p. 3) do pensamento saussuriano veiculado durante três cursos ministrados em Genebra, entre 1907 e 1911. Não tendo acesso a muitas das anotações feitas por Saussure para os cursos, os compiladores e editores da obra, Charles Bally e Albert Sechehaye, tiveram que recorrer às notas feitas por estudantes que participaram das aulas e empreender comparações entre os cadernos dos alunos e os conteúdos dos três cursos. Ambicionavam “tentar ver [o pensamento saussuriano] em sua forma mais definitiva, isentado das variações, das flutuações inerentes à lição falada, [e, depois], encaixá-lo em seu meio natural” para, enfim, apresentar “todas as partes numa ordem conforme à intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada” (CLG, p. 3).

Essa heterogeneidade na autoria do Curso, apesar de não ter sido empecilho para a constituição de uma disciplina no início do século XX, tornou-se, nos anos 60 (Normand, 2009, p. 26), objeto de um profundo debate, que foi do questionamento sobre os efeitos da obra para as ciências humanas até a tentativa de definição do que seria o autêntico pensamento saussuriano. Esta última discussão ficou evidente no meio linguístico com a publicação, em 1957-69, do estudo escrito por Robert Godel, *As fontes manuscritas do Curso de Linguística Geral*, momento designado por Simon Bouquet e Rudolf Engler no prefácio aos *Escritos de Linguística Geral* (2002) como a inauguração da “era das pesquisas exegéticas saussurianas” (p. 14). Tal estudo foi seguido de outro livro, publicado por Engler, entre 1967 e 1968: uma edição crítica do Curso, que contou não só com a compilação das notas dos alunos mas também com outros textos manuscritos. Outro importante momento do debate sobre as fontes saussurianas ocorreu em 1996, com a descoberta de novos manuscritos na estufa do hotel da família de Saussure em Genebra. São justamente esses últimos documentos que dão origem aos *Escritos*, em 2002, livro ao qual os autores acrescentaram os textos integrados à edição de Engler, de 1967-68.

A contínua e lenta descoberta de manuscritos saussurianos, cheios de interrogantes, rasuras, lacunas e substituição de termos, foi contribuindo para o questionamento sobre a autenticidade do conteúdo do *Curso de Linguística Geral*, debate resumido pela pergunta que Claudine Normand faz no prefácio do livro *Saussure* (2009): “(...) de qual Saussure se trata?” (p. 17). Os organizadores dos *Escritos de Linguística Geral* respondem a tal questão – colocada genericamente pela comunidade linguística conhecedora dos trabalhos do mestre genebrino –, caracterizando o Curso como uma vulgata dos cursos proferidos por Saussure na Suíça, que teriam sido muito menos categóricos e muito mais questionadores do que “a sua tradução de 1916” (p. 12). A continuidade do debate se dá com uma interpretação positiva de Normand para o termo vulgata: traduz a “sagração do processo” (Normand, 2009 p. 21) em que o pensamento saussuriano – inicialmente, impenetrável, já que fruto de três cursos orais ministrados em Genebra – torna-se, finalmente, acessível através do trabalho empreendido para a publicação do Curso.

Sabemos que Saussure publicou pelo menos dois trabalhos científicos durante sua vida – a dissertação *Sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, em 1879, e a tese de doutoramento, *De l'emploi du génitif absolu en sanskrit*, em 1881, ambos tendo como ponto de partida a perspectiva da gramática comparada⁷ – e que vislumbrou a necessidade de publicação de uma terceira obra, que trataria sobre linguística geral. Com efeito, conforme podemos observar na famosa carta a Antoine Meillet, de 1894 (ELG, p. 15), Saussure, preocupado com a “inépcia da terminologia corrente” (ELG, p. 15), que não mostra “que espécie de objeto é a língua em geral” (ELG, p. 15), adverte sobre a necessidade de produzir uma obra que preencha tais lacunas. Saussure, na mesma correspondência, aponta a si mesmo como o responsável por essa produção: “isso vai acabar, à minha revelia, num livro onde, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há um único termo empregado em linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer” (ELG, p. 15).

Os manuscritos já publicados por Engler (1968-1974) e reintegrados aos ELG comprovam a intenção de Saussure de publicar: apresentam, no mínimo, cinco excertos de notas consideradas pelos editores como tendo sido elaboradas para um livro sobre linguística geral. As temáticas dessas notas giram, entre outros pontos, em torno dos objetivos e da metodologia de uma teoria da linguagem, que “terá, como tarefa principal, que esclarecer o que pertence às nossas primeiras distinções” (ELG, p. 170), tema do qual deriva a discussão

⁷ Por terem sido produzidos nos tempos de Leipzig e tratarem do sânscrito e indo-europeu, há, nesses estudos, forte estilo comparatista. A questão que nos interessa, aqui, é que, já no interior dessa reflexão comparatista, há o embrião da reflexão sobre sistema, que podemos perceber nas análises de como as vogais em indo-europeu se organizavam em sistema, centrando-se na alternância de emprego dessas vogais.

acerca de identidade e entidade e a noção de figura vocal; tratam do caráter social ou não da língua e do arbitrário do signo; abordam a noção de sistema, de acontecimento e de fenômeno linguístico e, por conseguinte, tratam de forma e de arbitrariedade.

Com base nesses documentos, que, sabemos, foram obra direta e intocada de Saussure, já é possível, caso ainda haja dúvidas acerca da validade e legitimidade do *Curso de Linguística Geral*, estabelecermos comparações entre os manuscritos e a obra de autoria atribuída. De nossa parte, após generosas leituras e releituras tanto do Curso (1996) quanto dos Escritos (2002) e do manuscrito *Phonétique* (1995), pudemos constatar que os axiomas da teoria saussuriana estão presentes nessas três fontes, que, lidas conjuntamente, demonstram sólida coesão, diferindo, sobretudo, na forma de apresentar as reflexões do mestre genebrino.

De fato, no Curso, a organização do conteúdo é muito mais rigorosamente estruturada para constituir um texto coerente: inexistem rasuras ou questionamentos acerca do emprego de termos e expressões, o material está organizando segundo uma lógica interna para conformar um livro e não respeita a ordem das temáticas apresentadas no Curso de Linguística Geral ministrado em Genebra, entre 1907 e 1911. Já os Escritos e o manuscrito *Phonétique*, ainda que editados de maneiras bastantes distintas um do outro, são publicações que buscam preservar as marcas do autor e tornar acessíveis, inclusive, as substituições de termos, expondo, enfim, o pensamento em construção do linguista genebrino, através da preservação das lacunas, de pontos de interrogação, etc.

A recorrência temática em ambos os tipos de fontes – de autoria atribuída e manuscrita –, no entanto, impõe-se como critério principal para uma decisão acerca do tratamento que dispensamos às diferentes obras. Com efeito, os textos não apresentam discrepâncias tais que invalidem os eixos principais do que é considerado a teoria saussuriana – a língua ser um sistema de signos; o signo ser composto por significado e significante; a noção de valor linguístico, por exemplo – e a flutuação terminológica – um critério que também não nos parece menor na avaliação da legitimidade dos textos – está presente em todas as fontes do trabalho de Saussure, inclusive no Curso, não constituindo, portanto, um motivo de exclusão dessa fonte do nosso escopo de análise. De qualquer forma, a riqueza e a heterogeneidade das fontes do trabalho de Ferdinand de Saussure dizem muito sobre a postura dialética – ou do “gosto pela antítese” (Tullio de Mauro, p. 323) – que o genebrino mostrou frente à teoria que ambicionava desenvolver, no sentido de acolher sempre o contraditório, a dúvida, com vistas ao aprimoramento teórico de seu pensamento.

3.2. Uma certa novidade saussuriana

Apesar de o *Curso de Linguística Geral* (1996) ser considerado a obra fundadora da linguística, as reflexões sobre língua, fala e linguagem não se iniciam com Ferdinand de Saussure. De fato, enquanto os primórdios da reflexão nos remetem aos gregos, muito mais tarde, chegamos aos franceses (CLG, p. 7), que faziam o que então se chamava de gramática, isto é, a formulação de “regras para distinguir as formas corretas das incorretas” (CLG, p. 7). Um segundo momento de estudo foi, segundo o CLG⁸, a filologia, que consistia na “comparação de textos de diferentes épocas para determinar a língua peculiar de cada autor” e na explicação de “inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura” (CLG, p. 7-8). O terceiro período teve seu início com o que fora chamado de gramática comparada ou filologia comparativa, cujo ponto fulcral era a comparação de idiomas entre si, buscando, com isso, reconstituir a raiz comum de todas as línguas, o indo-europeu. A novidade apresentada por essa abordagem – de que todas as línguas pertencem a uma mesma família – é vista, no CLG, como significativa e importante –, já que, com ela, passou-se a admitir que “as relações entre as línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma” (CLG, p. 8).

No entanto, a potencialidade inicial dessa nova perspectiva não se traduziu na fundação de uma ciência, já que “tal escola, (...), que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da linguística [porque] jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo” (CLG, p. 10). As críticas de Saussure a essa nova escola dizem respeito ao que, justamente, o teórico genebrino almeja para uma nova teoria linguística: definir os métodos por meio dos quais o estudo das línguas ocorreria, especificar seu objeto, ou seja, “as condições de vida das línguas” (CLG, p. 10-11) e, sobretudo, constituir um programa para uma linguística geral, que não só propusesse uma nova terminologia, mais adequada aos fenômenos que almeja descrever, como também desse conta do fato linguístico *latu sensu* – ao contrário da gramática comparada, que resumia as línguas aos sons e ao aparelho fonador.

Segundo o próprio CLG, o que permitiu o advento da linguística moderna – a linguística “que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe” e que se aproximou “de seu verdadeiro objeto” (CLG, p.11) – foi resultado do estudo das línguas românicas e germânicas, empreendido pelos neogramáticos ao final do século XIX. Com efeito, esses gramáticos passaram a ver a língua não mais como “um organismo que se desenvolve por si,

⁸ Tullio de Mauro (nota 19), autor de uma edição comentada do *Curso de Linguística Geral*, cita manuscritos de Saussure e notas de alunos que atestam a presença da temática sobre a história da linguística na segunda e na terceira edição do curso ministrado em Genebra, entre 1907 e 1911.

mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos”, pois “a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam”, segundo o próprio CLG (p. 12).

Assim, as reflexões saussurianas não nascem *ex nihilo*; são, pelo contrário, fruto de um vasto conhecimento acerca do que e de como se estudou a(s) língua(s) ao longo da história ocidental e fruto de um ambiente teórico marcado pela gramática comparada, que, por sua vez, levantava em Saussure a preocupação sobre a inépcia terminológica, a causa, segundo o genebrino, da dificuldade de conformar uma linguística geral. Como veremos a seguir, é no desenvolvimento de um construto teórico que corrija a “inépcia terminológica” da gramática comparada, na realocação do conceito de signo no seio da noção de sistema e na definição de uma metodologia sincrônica com centro na teoria do valor linguístico que Saussure consegue, enfim, delimitar o lugar da língua dentre os fatos da linguagem e fundar, assim, a linguística moderna.

3.3. O amanhecer da teoria saussuriana

Saussure inicia seu percurso, como já afirmamos, como gramático comparatista. Além da dissertação de mestrado e da tese de doutorado, ambas apresentadas em Leipzig, terreno frutífero da gramática histórica à época, pouco se sabe, no entanto, sobre a metodologia e o posicionamento teórico adotados por Saussure antes de 1893, data dos primeiros manuscritos a que, hoje, temos acesso.

O artigo de 1964, *Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études*, escrito por Émile Benveniste, linguista que se inscreve na teoria de base saussuriana, fornece-nos algumas respostas a certas lacunas biográficas e acadêmicas deixadas por Saussure. No período posterior às defesas de seus trabalhos acadêmicos na Alemanha (entre 1879 e 1880), Saussure foi a Paris, substituir Michel Bréal, na *École des Hautes Études* (EHE), onde lecionou de 1881 a 1891 como professor de gramática comparada. Dessa época, as únicas fontes sobre o trabalho de Saussure, segundo Benveniste, são os relatórios anuais elaborados pelo próprio genebrino para a direção da escola. Essas fontes são pouco numerosas, mas deveras interessantes para desvelar as sementes do raciocínio saussuriano, que vai aparecer muito mais conformado e elaborado durante os três cursos de linguística geral ministrados em Genebra, quase duas décadas depois do período em que fora docente em Paris.

Segundo Benveniste, no relatório que escreveu em seu primeiro ano na EHE, Saussure já delimita claramente seu objeto de estudo “seja nos exercícios práticos, seja na exposição

teórica, o maître de conférences se associou à confrontação dos dialetos, a explicitar os traços distintivos do gótico no meio da família germânica”⁹ [grifos nossos] (Benveniste, 1964, p. 29). Os comentários de Benveniste acerca do relatório de Saussure assinalam o aporte de uma nuance nova e importante ao fazer linguístico da época: salientam a mudança de objetivo e de objeto entre o modo de fazer saussuriano e aquele da gramática histórica tradicional. De fato, enquanto esta amparava-se muito mais em uma “reunião de correspondências entre formas tomadas indistintamente a todas as línguas da família”¹⁰ (Benveniste, 1964, p. 29), aquela trabalhava com a confrontação de dialetos – através dos traços distintivos citados nas notas de Saussure – para deles extrair os caracteres próprios a uma língua determinada, no caso, o gótico. Trata-se, portanto, de uma mudança de postura teórica, que resulta, ainda segundo o linguista sírio, em que Saussure “restaura a individualidade da língua, o que ia de encontro à tendência de fragmentá-la em correspondências de detalhes”¹¹ (Benveniste, 1964, p. 29). O novo posicionamento fornece-nos, igualmente, uma primeira noção do que constitui o objeto língua para Saussure: “a identidade de uma língua é fornecida pela soma de seus traços distintivos”¹² (Benveniste, 1964, p. 29).

Com tais observações, vislumbramos, já, a novidade que o teórico suíço representava inclusive para a gramática comparada: ao invés de buscar o que se mantinha entre as línguas em questão, Ferdinand de Saussure procurava, através da confrontação de dialetos, extrair os traços distintivos – isto é, o que não se mantém – entre gótico e germânico. Nessa sutil mas importantíssima mudança metodológica estava, parece-nos, o germe do que começava a se tornar uma teoria da negatividade, que viria a compor a noção de valor na língua.

Outras novidades acompanharam a postura acadêmica do linguista suíço durante sua estadia em Paris. No mesmo relatório de 1881, assinala Benveniste, Saussure afirma ter abordado, em suas aulas acerca da fonética, seu “sistema gráfico, seu sistema das vogais, seu sistema das consoantes”¹³. Além dessa matutina presença da noção de sistema, podemos também observar no relatório o início da ideia de valor com os exercícios de análise de textos clássicos que Saussure prescrevia a seus alunos: a descrição das línguas era feita pelo viés sincrônico. Assim, ao invés de descrever uma língua pela perspectiva diacrônica – o que se

⁹ No original: “soit dans les exercices pratiques, soit dans l'exposition théorique, le maître de conférences s'est attaché par la confrontation des dialectes, à faire ressortir **les traits distinctifs** du gothique au milieu de la famille germanique” [grifos nossos].

¹⁰ No original: “assemblage de correspondances entre des formes prises indistinctement à toutes les langues de la famille”.

¹¹ No original: “restaure l'individualité de la langue, à l'encontre de la tendance à la morceler en correspondances de détail”.

¹² No original: “l'identité d'une langue est fournie par la somme de ses traits distinctifs”.

¹³ No original: “système graphique, son système des voyelles, son système des consonnes”.

mantém do estado de língua anterior –, o linguista suíço insistia em uma descrição que fosse operada pelas relações presentes no estado de língua do texto analisado, do que deveria resultar uma gramática da língua de cada texto. O último momento dos exercícios previa a comparação dos diferentes textos e das variações linguísticas neles encontradas a fim de compreender o que diferenciava cada sistema linguístico.

As diferenças metodológicas que Saussure incorpora aos seus estudos linguísticos logo no início de sua carreira não parecem estar isoladas da teoria que desenvolve posteriormente e que não difunde, ainda em vida, pelo zelo com a precisão teórica. Com efeito, no relatório à direção da EHE, de 1885-1886, Saussure declara que “foi possível ir muito além do que habitualmente e em um sentido científico no estudo da gramática gótica”¹⁴ e menciona que ministrou “algumas aulas dedicadas a generalidades sobre o método linguístico e sobre a vida da linguagem”¹⁵ (Benveniste, 1964, p 33). Essas palavras, proferidas por Saussure, demonstram que o linguista não só utilizava, durante a docência em Paris, um método diferente daquele adotado por seus pares na Alemanha, como também já empreendia reflexões mais gerais sobre o fazer científico, sobre língua e linguagem, elementos de uma ciência que fundaria *post mortem*.

Além dessa posição teórica prospectiva, como já mencionamos, Saussure tinha uma postura crítica em relação à linguística comparada – retomamos, aqui, suas características para mostrar especificamente em que o pensamento saussuriano se diferenciava. Os estudos sobre linguagem da época privilegiavam um ponto de vista comparatista da análise linguística. Tinham como foco principal o indo-europeu, no sentido de reconstituí-lo para que, então, fosse possível traçar a linhagem linguística, expressa pela noção de geneticidade das línguas. Nos documentos primeiramente publicados por Godel, em 1957-64, e, posteriormente, incorporados aos *Escritos de Linguística Geral*, Saussure se pergunta:

qual é, em definitivo, o papel da comparação na história das línguas? Acabou-se não se sabe bem por quê, por fazer do linguista um comparador. Entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista compara. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar? (ELG, p. 150).

¹⁴ No original: “il a été possible de pousser beaucoup plus loin que d'habitude et dans un sens plus scientifique, l'étude de la grammaire gothique”.

¹⁵ No original: “quelques leçons consacrées à des généralités sur la méthode linguistique et la vie du langage”.

A questão acerca da validade da linguística comparada interpela Saussure em várias ocasiões de sua vida acadêmica – pelo menos, é o que se pode constatar dos não poucos numerosos comentários que encontramos sobre o assunto. O que fica claro é que muitas das críticas feitas à gramática comparada tornam-se carro chefe do que vem a ser a novidade saussuriana.

De fato, no capítulo do CLG que nos fornece uma visão sobre a história da linguística, encontramos, por exemplo, considerações sobre a importância de definir um objeto de estudo preciso para a linguística: a gramática comparada “jamais se preocupou em determinar a natureza de seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria” (CLG, p. 10). Com essa crítica, Saussure entende a necessidade de estabelecer, na linguística que construía, um objeto preciso – que veio a ser a língua – e de determinar qual é natureza desse objeto – composta de signos, sistêmica e social.

Ainda sobre o objeto que viria estipular para a linguística, Saussure critica a gramática histórica por tomar a língua “como um organismo que se desenvolve por si” (CLG, p. 12), como uma “esfera à parte, um quarto reino de Natureza” (CLG, p. 10), enquanto, para o genebrino, ela seria “um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (CLG, p. 12). Além disso, tece críticas à utilização da língua escrita no lugar da falada, método empunhado pelos filologistas, que, segundo Saussure, “apegam-se muito servilmente à língua escrita e esquecem da língua falada”, que, não sendo mais que uma entidade, “não existe senão nos que a falam” (CLG, p. 12).

Além do mais, Saussure colocava uma questão latente sobre metodologia: ao esclarecer “uma língua por meio de outra” (CLG, p. 8), a linguística comparada fazia com que fosse sempre necessário um elemento exterior ao conjunto linguístico estudado para explicá-lo. De fato, “as identidades deste domínio são dadas, antes de tudo, necessariamente, pelas do precedente” (ELG, p. 24), o que faz da disciplina uma fonética histórica. Não por acaso o eixo de sustentação da obra saussuriana prevê, como veremos na sequência, um conceito sistêmico de língua, que permita ao linguista analisar o objeto por ele mesmo, isto é, pela conjunção das regularidades e forças que o compõe.

Outro campo de estudos que também influencia o construto teórico desenvolvido por Saussure é a *Lautphysiologie* ou *Sprachphysiologie*, ou, em português, o estudo da fisiologia dos sons, renomeada por Saussure de fonologia (CLG, p. 42-43)¹⁶. Ao contrário da fonética da

¹⁶ Embora não abordemos este tema no presente estudo, é preciso, no mínimo, mencionar que o manuscrito *Phonétique* (1995) parece permitir a compreensão de uma noção de fonética e de fonologia atreladas à noção sistêmica das unidades da língua, desenvolvida por Saussure.

época, que tratava, como já assinalamos, das evoluções dos sons no tempo, a fonologia “se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo”. Adentraremos mais nessa questão nas próximas páginas, em que trataremos dos conceitos de língua e fala; por ora, desejamos somente pontuar a apreciação saussuriana sobre o estudo da fisiologia dos sons:

sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua. (CLG, p. 43)

Essas duas características – a busca pelo que se mantém entre as línguas historicamente e o privilégio da análise da produção dos sons – têm consequências metodológicas e epistemológicas importantes. Relembremos: elas implicam, de um lado, uma análise operada com base nas formas, sem levar em conta o papel que tais formas tiveram ou têm no sistema linguístico em questão (aspecto que será rebatido, mais tarde, por Saussure com a ideia de valor) e, de outro, a utilização, por parte do linguista, de elementos exteriores a seu objeto de análise. Não por acaso, o teórico suíço, no construto teórico que propõe, prioriza os conceitos de sistema e de sincronia, que esmiuçaremos na próxima seção.

De qualquer forma, como já salientamos, Saussure não descarta, para a linguística, o estudo histórico; ao contrário, estipula este como sendo a primeira tarefa da ciência que estuda a língua. A novidade saussuriana está em acrescentar à linguística outro estudo, com outra metodologia e outro objeto:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria (CLG, p. 13)

Com efeito, o linguista genebrino prevê para a linguística uma tarefa mais geral e de

caráter sincrônico: a de conseguir mapear os elementos que constituem a língua e de compreender seu mecanismo de funcionamento. Nesse sentido, não se trata de ter como objeto de estudo somente línguas vivas em oposição ao estudo das línguas mortas, mas de encontrar a lógica interna que conforma e permite todo e qualquer idioma.

Assim, vemos que a novidade saussuriana, apesar de ter sido conhecida com o *Curso de Linguística Geral*, em 1916, data de antes disso: das nuances que o autor trouxe ao próprio método comparatista, ao defender sua dissertação de mestrado sobre as vogais primitivas do indo-europeu; ao ensinar, em Paris, quando também privilegiou, a exemplo de sua dissertação, uma metodologia sincrônica de análise e ao propor uma linguística que, de alguma forma, corrigisse os pontos que considerava inconsistentes no estudo das línguas de sua época.

Mas o que Saussure propunha?

3.4. A teoria saussuriana, tomada pelos conceitos e língua e de fala

Como vimos, a teoria saussuriana não é um construto homogêneo e uníssono. De fato, o raciocínio e os interrogantes que norteiam os trabalhos de Saussure em gramática comparada, embora já contivessem o embrião do que vem a desenvolver mais tarde, no Curso, têm uma abordagem distinta daquela que foi responsável por fundar a linguística moderna. O Saussure dos primeiros estudos em linguística tem contato com inúmeras línguas românicas e indo-europeias, línguas mortas e línguas vivas, e tem, desde cedo, uma vasta formação em línguas estrangeiras, expondo-se, inclusive, como ouvinte na Lituânia para aprender a língua do país¹⁷. As reflexões e estudos sobre idiomas em geral, que se iniciaram de veras

¹⁷ Encontramos referência à tal viagem na edição crítica ao Curso redigida por Tullio de Mauro (p.331), considerada pelo crítico como uma “experiência decisiva”. Segundo o crítico, apesar das controvérsias em relação à datação em que Saussure permaneceu na Lituânia, é coerente adotar o testemunho de Muret, aluno de Saussure durante a época da docência em Paris, que indica o ano de 1880 como o momento da imersão linguística no país eslavo. Sobre essa experiência, Tullio de Mauro cita três testemunhos que situam Saussure na busca pela língua através da fala. Trata-se, respectivamente, de dizeres de Bally, Favre e Muret (p. 332):

- a) Quant au lituanien, cet idiome si précieux pour la connaissance de l'indo-européen, il était allé l'étudier sur place et en avait tiré la matière de ses plus pénétrantes recherches;
- b) Tout jeune, il a créé une méthode; il a remplacé dans l'étude de la linguistique la preuve écrite par le témoignage parlé et un jour où il se fut en Lituanie pour étudier des dialectes qui ont, jusqu'à nos jours, conservé un aspect de l'indo-européen particulièrement archaïque;
- c) ... Le jeune docteur de l'université de Leipzig s'en fut en Lituanie pour étudier, dans leurs variétés parlées, ces dialectes qui ont conservé jusqu'à nos jours un aspect indo-européen si archaïque et dont les inflexions nuancées devaient lui révéler quelques-uns des secrets de l'histoire de la parole humaine.

precocemente¹⁸, e as experiências durante os estudos em Leipzig, forneceram a Saussure um importante escopo para pensar sobre a natureza do que classificou como fenômenos linguísticos. A partir dessas reflexões, identifica algumas das várias dimensões articulatórias, físicas e simbólicas que estão em jogo nesse conglomerado de operações que constitui o fato linguístico:

1° As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* existe somente pela correspondência desses dois aspectos. Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica (...).

2° (...) o som, unidades complexas acústico-vocal, forma por sua vez, com a ideia, uma unidade complexa fisiológica e mental. (...)

3° A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.

4° A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. [grifos do autor] (CLG, p. 15-16)

Podemos ver que as ponderações de Saussure, proferidas publicamente durante os cursos que ministrou em Genebra, não dizem respeito às características específicas de cada idioma que estudou no mestrado e no doutorado em Leipzig ou que aprendeu durante sua vida enquanto falante de línguas estrangeiras. Trata-se, ao contrário, de observações sobre

Il abordait ainsi, l'un des premiers, cette étude directe de la langue qui a depuis lors si complètement transformé les méthodes et les problèmes de la linguistique. Quelque temps après, Saussure arrivait à Paris ...

Em português:

a) Quanto ao lituânio, esse idioma tão precioso para o conhecimento do indo-europeu, ele foi estudá-lo em imersão e dele tirou a matéria de suas pesquisas mais penetrantes;

b) Extremamente jovem, ele criou um método; ele substituiu, no estudo da linguística, a prova escrita pelo testemunho falado e, um dia, foi à Lituânia para estudar dialetos que, até hoje, conservaram um aspecto do indo-europeu particularmente arcaico.

c) ... O jovem doutor da universidade de Leipzig foi à Lituânia para estudar, em suas variantes faladas, esses dialetos que conservaram até hoje um aspecto indo-europeu tão arcaico e cujas sutis inflexões deviam revelar-lhe alguns dos segredos da história da fala humana. Ele abordava, assim, sendo um dos primeiros, esse estudo direto da língua que, desde então, transformou completamente os métodos e os problemas da linguística. Algum tempo depois, Saussure chegava a Paris...

¹⁸ Segundo Tullio de Mauro (p. 322), aos 13 anos, Saussure já conhecia o francês, o alemão, o inglês e o latim e, a partir de 1870, inicia os estudos em grego, mesmo ano em que se dedica à escrita do *Essai sur les langues* (em português, Ensaio sobre as línguas), que dedica a um de seus mestres, A. Pictet.

possíveis mecanismos e princípios que, segundo o suíço, estariam presentes em todos os idiomas, isto é, em qualquer sistema linguístico. Entre a formação na Alemanha (século XIX) e os cursos proferidos em Genebra (já no século XX), portanto, os interrogantes aos quais Saussure dedica-se, apesar de distintos, apresentam uma certa continuidade: do estudo de línguas-idiomas, Saussure centra-se na língua enquanto sistema: busca compreender sua natureza para, assim, alçá-la à condição de objeto por excelência da linguística e fornecer ferramentas teóricas para um estudo sincrônico.

Diante da heterogeneidade dos fatos linguísticos que consegue elencar e da complexa relação existente entre eles, Saussure pergunta-se, então, qual dessas dimensões deve o linguista estudar. Afinal, ao mesmo tempo em que refletia acerca dos fenômenos linguísticos, via a necessidade premente de aperfeiçoar a terminologia da linguística para, afinal, dar-lhe contornos de ciência¹⁹. A resposta a tal interrogante deveria, portanto, atender a um critério principal: o fenômeno linguístico deveria ser, enquanto objeto, passível de ser descrito. Para tanto, o teórico suíço se pergunta sobre a natureza da língua e vê nela uma capacidade de representação através de signos, que seria possível pela faculdade da linguagem (CLG, p. 18). Assim, fazia-se necessário delimitar o lugar da língua nos fatos da linguagem^{20 21}, já que esta seria responsável por permitir a existência dos mais variados sistemas que usam signos para representar (“o alfabeto dos surdos-mudos, ritos simbólicos, formas de polidez, sinais militares” (CLG, p. 24)). Uma ciência geral que se ocuparia de todos esses sistemas, ou seja, que estudaria “a vida dos signos no seio da vida social”, deveria, portanto, ser criada. A essa ciência, Saussure chamou de semiologia (CLG, p. 24). A linguística, por sua vez, não seria “senão uma parte dessa ciência geral” (CLG, p. 24) e o papel do linguista, o de “definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (CLG, p. 24).

Mas como delimitar a língua entre todos os fatos da linguagem? Para tal empresa, Saussure parte da existência da capacidade humana de representar através de signos – dados os vários sistemas simbólicos existentes – e da observação do fenômeno da fala, que classifica como “o embrião da linguagem” (CLG, p. 19) e um produto individual para deles deduzir uma instância abstrata subjacente: a língua. Afinal, “entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente,

¹⁹ Como já afirmamos, a famosa carta endereçada a Meillet mostra-nos isso quando Saussure fala da “inépcia da terminologia corrente”, da “necessidade de reformá-la e de mostrar, com isso, que espécie de objeto é a língua em geral” (ELG, p. 15).

²⁰ “Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmos-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala.” (CLG, p. 19)

²¹ Apesar de estar nas partes iniciais do CLG, foi objeto tardio (entre 1910 e 1911) dos cursos ministrados em Genebra (Tullio de Mauro, nota 59).

sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos²² unidos aos mesmos conceitos” (CLG, p. 21). Assim, enquanto a fala, como conjunto de sons e sentidos, forneceria somente manifestações individuais de linguagem, o construto teórico resumido no conceito de língua se oferece como uma instância suficientemente homogênea e geral²³ para ser tomada como objeto da linguística.

O conceito de língua elaborado por Saussure atende também a outra exigência do fazer científico: a explicação do objeto por ele mesmo, sem elementos externos, o que implica a mudança do método de análise linguístico, que passa a ser sincrônico. Com efeito, não mais se tratava de explicar as continuidades das formas linguísticas através de elementos externos a um idioma, mas de identificar e nomear, em um primeiro momento, os mecanismos do fato linguístico que estão em jogo em um determinado estado de língua para, após, ser possível a descrição do sistema. Para ilustrar a noção de sincronia e bem demarcar a diferença entre fatores internos e externos Saussure utiliza a famosa metáfora do jogo de xadrez :

Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. (...) (CLG, p. 32)²⁴

Assim Saussure vê a necessidade de olhar para a língua enquanto estado e não enquanto organismo que se desenvolve diacronicamente.

No Curso, podemos perceber que, antes de tratar do conceito de língua e de passar a investigar suas características, Saussure elenca, como citamos anteriormente, vários fenômenos linguísticos, e somente em um segundo momento procede à delimitação da língua dentre os fatos de linguagem, fazendo, ora ou outra, comparações com a instância da fala, sobre o que trataremos na sequência. Ao, finalmente, começar a esmiuçar o conceito, Saussure localiza a língua “na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem

²² Aqui, o termo signo parece estar sendo usado no sentido em que Saussure chamará, em outros momentos, de significante/imagem acústica.

²³ E, para Saussure “entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito” (CLG, p. 16-17).

²⁴ Note-se que, novamente, encontramos uma resposta de Saussure ao fazer linguístico da gramática comparada, cujas análises sempre se davam diacronicamente, valendo-se de sistemas linguísticos diacrônicos para explicar ou reconstruir um idioma.

associada a um conceito” (CLG, p. 22). Tal foi a nomenclatura utilizada no dia 02 de agosto de 1910 (Tullio de Mauro, nota 128), momento em que Saussure tratou do assunto durante o Curso de Linguística ministrado em Genebra. Duas semanas depois, segundo Tullio de Mauro, o genebrino propõe um adendo àquela primeira aula e, além do título, que deixa de ser “A natureza do signo linguístico” para tornar-se “A língua como sistema de signos”, altera também a nomenclatura para os componentes do signo, que passam a chamar-se *significante* e *significado*²⁵. Apesar de os autores do Curso não terem preservado o título retificado por Saussure²⁶ (Tullio de Mauro, nota 128) e de tal terminologia não ter, à época, tradição em francês (Tullio de Mauro, nota 134), é interessante notar que Saussure estipula, no próprio título, o principal axioma de sua teoria: a língua é um sistema de signos.

Ao contrário da concepção aristotélica de signo, que concebia o conceito como uma nomenclatura e relacionava-o, portanto, às coisas do mundo, Saussure propõe concebê-lo como uma entidade virtual, que somente por acaso fará remissão ao objeto no mundo. Com efeito, “é um acidente quando o signo linguístico corresponde a um objeto definido mais pelos sentidos como *um cavalo, o fogo, o sol*, do que por uma ideia como *ele colocou*” [grifos do autor] (Tullio de Mauro, nota 128). Assim, partindo da noção segundo a qual a língua, através dos signos, seria uma instância designadora de objetos, o pensador de Genebra realoca teoricamente o conceito – e, em decorrência, o de signo – como um sistema que se organiza de forma autônoma. Além de não ter nenhuma relação direta com o que designa, também não há razão para a associação entre porções de sons e de ideias²⁷. O autor conclui que o signo linguístico é **radicalmente** arbitrário e, em razão desse caráter randômico, forja-se na comunidade humana que o usa e em cada ato de fala. Aqui, é mister charmarmos a atenção, assim como o faz Tullio de Mauro na edição crítica ao Curso (1967), para o adjetivo empregado por Saussure – radicalmente: para Mauro (nota 136), trata-se do sentido latino da palavra, isto é, o signo tem origem no fugaz encontro entre uma forma sonora e uma forma

²⁵ Segundo Tullio de Mauro, os termos *significante* e *significado*, operadores teóricos da teoria saussuriana, têm como origem “um calco no par terminológico estóico” (no original: “un calque d'un couple terminologique stoïcien”). A dupla é “a marca, no plano terminológico da plena consciência da autonomia da língua, como sistema formal, em relação à natureza auditiva e acústica, conceitual, psicológica ou de objetivo das substâncias que ela organiza” (no original: “sceau, sur le plan terminologique de la pleine conscience de l'autonomie de la langue, comme système formel, par rapport à la nature auditive et acoustique, conceptuelle, psychologique ou d'objet des substances qu'elle organise”).

²⁶ “Significante e significado, como participios substantivados não tinham tradição em francês antes de Saussure e deixaram alguns problemas de tradução nas mais diferentes línguas.” No original: “Signifiant et signifié comme participes substantivés n'avaient pas de tradition en français avant Saussure et ont posé quelques problèmes de traduction dans les différentes langues”.

²⁷ Conforme os Escritos: “(...) nada é dado, a não ser a diversidade dos signos combinada indissolúvelmente, e de maneira infinitamente complexa, com a diversidade de ideias. Os dois caos, ao se unirem, produzem uma ordem” (p. 50).

significativa, o que o torna relativamente novo a cada dizer. Aqui, adentraremos na relação entre língua e fala.

Para definir língua, Saussure esmiúça, como já mencionamos, o fato linguístico, que se mostra acessível somente pela fala; afinal, é o aspecto fônico partilhado por vários falantes que dá a pista para o linguista supor a existência de um sistema de formas subjacente e compartilhado. Mas sendo o fônico, a fala, uma manifestação individual, tal instância não deveria figurar como objeto de estudo da linguística, afinal, o objeto desta precisa ser de natureza geral e a língua “não está completa em nenhum [cérebro], e só na massa ela existe de modo completo” (CLG, p. 21).

Temos, pois, aqui, uma das várias encruzilhadas teóricas que Saussure – e seus leitores! – teve de enfrentar. De fato, a Linguística que se praticava até as reflexões saussurianas outorgava a capacidade de fala ao aparelho fonador – a *Lautphysiologie*, ou seja, fisiologia dos sons – e buscava reconstruir as formas que ligavam idiomas de épocas diferentes a fim de estabelecer uma sequência natural na evolução das línguas. Saussure rejeita tal raciocínio e rebate-o em vários momentos no Curso salientando o caráter psíquico do signo linguístico – tanto do significante quanto do significado –, o que talvez tenha contribuído para a posterior dicotomização do pensamento saussuriano, que estabelecia os conceitos de língua e fala como excludentes e que, portanto, retirava a fala do escopo da Linguística.

Até mesmo o CLG contém um capítulo que parece endossar a separação entre língua e fala. Trata-se do capítulo IV da introdução, em que são abordadas as diferenças entre o que poderia ser uma linguística da língua e uma linguística da fala. Na seção, afirma-se que

o estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e a psico-física. (CLG, p. 27)

Assim, talvez a instância da fala, por ser individual, não pudesse ser considerada parte do objeto da Linguística. Interessante notar, porém, que, ao descrever o que é interno e externo à língua, Saussure estabelece a seguinte diferença:

Consideremos, por exemplo, a **produção** dos sons necessários à fala:

os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto; e a **fonação**, vale dizer, a **execução** das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si. Sob esse aspecto, pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade. [grifos nossos] (CLG, p. 26)

Utilizando os termos produção, fonação e execução, Saussure parece, de fato, excluir a fala do objeto da linguística. Uma leitura mais atenta, porém, mostra-nos que o que Saussure concebe como estudo da fala é a análise da execução dos sons, interpretação que o parágrafo seguinte à citação anterior corrobora: “a essa separação da fonação e da língua (...)” (CLG, p. 26). De fato – e aqui, ainda uma vez, mencionaremos o fazer linguístico anterior a Saussure –, a linguística que se produzia até a teoria saussuriana empreendia um estudo baseado nos sons das línguas e, não por acaso, acabou dando margem a pesquisas sobre a produção desses sons e sobre a relação entre a execução e os sons produzidos. A novidade de Saussure, que concebeu uma instância subjacente a essa produção, a língua, coloca-se, portanto, em contrariedade a uma análise do fato linguístico somente enquanto fonação. Ora, “não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse” (CLG, p. 43). É, então, na relação do sistema com os sons que o estudo parece anunciar-se produtivo.

A interpretação, difundida já em meados do século XX, de que Saussure teria oposto língua e fala e excluído esta do escopo de análise parece, com o raciocínio que ora efetuamos, fragilizar-se. Afinal, língua e fala “se implicam mutuamente”, a “língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas [a fala] é necessária para que a língua se estabeleça”, além do que “o fato da fala vem sempre antes”, afinal, “como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala?” (CLG, p. 27). Assim, vemos que, para Saussure, o fenômeno linguístico da língua é inseparável do fenômeno linguístico da fala, já que o fônico só se torna inteligível quando ancorado em um sistema e que o sistema precisa do fônico para ser apreendido. Se tal reflexão concerne primeiramente o fenômeno, podemos perceber que, ao longo das reflexões saussurianas, tanto no Curso quanto nos manuscritos, os termos tornam-se operadores teóricos do construto desenvolvido pelo genebrino.

De fato, qualquer som produzido pelo aparelho fonatório pode significar, desde que apresente valor para o sistema linguístico em que ele está sendo empregado. O caráter arbitrário do signo se impõe ainda uma vez. Como já afirmamos, nada há, em princípio, de

exterior à língua que obrigue determinado significante a se ligar a determinado significado. Um exemplo parece oportuno: enquanto o fonema [o], em português, pode denotar uma interjeição, um chamado (“ô, fulano!”), em francês, quer dizer água, *eau*. A associação é completamente imotivada nas duas línguas e poderia haver uma terceira em que o fonema reivindicasse a ideia de “críquete” ou de “crustáceo” ou ainda uma língua em que o referido som nada signifique. A diversidade de línguas (CLG, p. 28) parece, portanto, ser o exemplo ideal para ilustrar o construto saussuriano que ora esmiuçamos, afinal, como justificar, senão pela relação entre as noções de signo (significado/significante), arbitrário e sistema, as mais variadas relações entre forma e sentido que encontramos nas línguas ao redor do mundo?

As problemáticas não encontram, no entanto, seu fim. Para bem compreendermos o objeto que permitiu a fundação da linguística, precisamos aprofundar nossa reflexão acerca do aspecto material da língua. Saussure salienta, como uma das características de seu objeto, seus componentes exclusivamente abstratos, isto é, psíquicos. De fato, o genebrino fala em “sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (CLG, p. 21), como já citamos. Entretanto, tais componentes não são acessíveis diretamente ao linguista, que precisa, assim como o falante, do caráter fônico para acessar o sistema. Conforme nos diz, no CLG,

Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc), e negligenciam o lado acústico. Esse método não é correto: não somente a impressão produzida no ouvido nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a base de toda a teoria. O dado acústico existe já inconscientemente quando se abordam as unidades fonológicas; pelo ouvido, sabemos o que é um *b*, um *t*, etc.[grifos do autor] (CLG, p. 49).

Ao refutar o estudo do aspecto fisiológico do ato de fala dada sua pouca influência para o estudo da língua, Saussure privilegia o aspecto acústico desse ato, isto é, o produto sonoro que será percebido por um ouvinte. Assim, neste primeiro momento – porque, em língua estrangeira, a questão fisiológica parece adquirir outros contornos –, vemos que, no fenômeno linguístico²⁸, mais importante do que os movimentos corporais empreendidos para

²⁸ Mais tarde, no mesmo capítulo, Saussure, ao falar do fazer do linguista, afirma que

A delimitação dos sons da cadeia falada só se pode apoiar, então, na impressão acústica; mas, para sua descrição, procede-se de modo diverso. Ela só poderia ser feita com base no ato articulatório, pois as unidades acústicas, tomadas em sua própria cadeia, não são analisáveis. Cumpre recorrer à cadeia dos movimentos de fonação; então se nota que ao mesmo

a produção de um determinado som é o efeito acústico causado, traduzido, teoricamente, pelo conceito de significante, já que o efeito acústico possui significado. Assim, à noção de língua se associa todo o circuito da fala de que Saussure trata logo no início do *Curso de Linguística Geral*:



CLG, p. 27 : o circuito da fala

Interessante notar que, assim como o conjunto de signos é organizado em uma lógica sistêmica, os sons de uma língua também são sistêmicos. Talvez aí, inclusive, esteja localizada a fundamental, porque primeira, lógica sistêmica de um idioma. Nesse sentido, convém nos determos naquilo que constitui, para nós, o principal ponto de intersecção entre língua e fala: o significante. Para Saussure, há um dualismo profundo que divide a linguagem e, ao contrário do que se popularizou, não se trata das instâncias língua e fala:

O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal como tal e do fenômeno vocal como signo²⁹ – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo). (...) Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolúvelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo” mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal. (ELG, p. 24)

É visível, neste trecho, que Saussure reconhece o fenômeno vocal sob duas formas distintas: de um lado, isolado do fenômeno língua e, de outro, componente desse mesmo

som igual corresponde o mesmo ato: b (tempo acústico) = b' (tempo articulatório). (CLG, p. 51)

²⁹ Nessa passagem, há provavelmente uma flutuação terminológica em que Saussure chama de signo o que considera significante. A mesma flutuação pode ser vista na seguinte passagem: “b) as figuras vocais que servem de signos não existem mais na língua instantânea. Elas existem, então, para o físico, para o fisiologista, não para o linguista e nem para o sujeito falante. Assim como não há significação fora do signo a , assim também não há signo fora da significação.” (ELG, p. 67)

fenômeno. No primeiro caso, trata-se de massa amorfa, isto é, sons que não significam porque não estão situados em um sistema que lhes atribui uma ideia. De fato:

(...) para que uma forma exista, como forma e não como figura vocal, há duas condições constantes (...):

1º: que essa forma não seja separada de sua oposição com formas simultâneas;

2º: que essa forma não seja separada de seu sentido. (ELG, p. 31)

Já no segundo caso, objeto da discussão que ora efetuamos, há o estabelecimento de duas características do significante: uma concreta e uma abstrata. Saussure insiste nessas duas dimensões ao afirmar que “uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua” (ELG, p. 38), ou ainda que “entre as coisas que podem ser *opostas* ao som material, nós negamos, essencialmente e sem depois se perder nos detalhes, que seja possível lhe opor à ideia. O que é oponível ao som material é o *grupo som-ideia*, mas absolutamente não a *ideia*” [grifos do autor] (ELG, p. 155).

Destarte, o significante se afirma como o elo que liga língua, fala e escuta³⁰, já que é a representação sonora de uma unidade da língua. Essa ligação tem extremo valor tanto para nossa compreensão da teoria saussuriana quanto para a reflexão que empreendemos neste trabalho, sobre apropriação de línguas estrangeiras: ela instaura uma diferença radical entre a leitura dicotômica sobre as instâncias língua-fala e propõe-nos uma concepção do dizer que toma a língua como um sistema que é somente relativamente previsto em uma comunidade falante, e que necessita da fala-escuta, enquanto realização desse sistema, para existir.

De mister importância mencionarmos, neste ponto, o manuscrito *Phonétique*, escrito por Saussure, aproximadamente, entre 1883 e 1884. De início, notamos que se trata de reflexões anteriores ao *Curso de Linguística Geral* e que, como veremos, já apresentam noções que vimos presentes no Curso e nos Escritos. Em seguida, o manuscrito nos aponta para uma presença marcante da escuta no que vem a ser a língua. De fato, Saussure não só situa seus corpus na cadeia falada, como também associa à noção de orelha³¹ muitos dos conceitos que conhecemos de sua teoria: a noção de “diferença” (p.70, 90), de “valor” (p.

³⁰ A noção de escuta pode ser ilustrada pela seguinte passagem, em que Saussure utiliza o conceito de imagem acústica; trata-se, portanto, da representação dos sons no inventário da língua: “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.” (CLG, p. 80)

³¹ Entendemos que Saussure utiliza o termo *oreille*, em português, orelha, como um conceito e desenvolve-o de sobremaneira no manuscrito *Phonétique*.

165), de “identidade” (p. 90) e de “idêntico” (p. 90). Dessarte, mesmo neste manuscrito que, aos olhos de um leitor desavisado, poderia tratar somente de sons, há a instauração da instância sistêmica, que está, por sua vez, aliada ao papel do falante-ouvinte e dos fonemas que compõem o sistema.

A explicitação de nossa concepção de uma língua constituída de fala se mostra, portanto, fundamental para nosso estudo, já que, ao pensarmos o processo de apropriação de uma língua estrangeira, não temos como excluir a língua em uso, que é o primeiro meio de contato do aspirante a falante com o sistema-alvo e que, em última instância, é a prova de sua apropriação. É, com efeito, sendo falante e ouvinte de uma língua que podemos nos apropriar dela. Assim, sendo a língua um sistema abstrato de signos, a atualização da língua pelo uso – tanto falando quanto ouvindo – se constitui na única forma de acessá-la.

4. O processo de apropriação de línguas estrangeiras tomado à luz da teoria saussuriana

Até agora, nos dedicamos a estudar a teoria saussuriana no que ela propôs de novo para os estudos linguísticos: a adoção da língua como o objeto da linguística. Esmiuçamos a relação de complementariedade entre o fenômeno da língua e o da fala e vimos que é possível conceber um conceito teórico de língua-fala. Com o auxílio de várias passagens dos escritos saussurianos, vimos também que o significante tem aspectos concreto e abstrato, realizando-se na fala, momento fugaz em que um signo é formado, porque a uma ideia é unido um som, que passa, por sua vez, a representá-la. Passamos também pela noção de arbitrário do signo e, brevemente, pela questão do valor linguístico, que aprofundaremos nesta seção.

A teoria desenvolvida por Ferdinand de Saussure não se esgota nos conceitos que acabamos de trabalhar, ainda que sejam centrais para compreendê-la. A partir deste momento, adentraremos especificamente no estudo do processo de apropriação de línguas estrangeiras, interpretado à luz do pensamento do mestre genebrino. Iniciaremos nossa caminhada com reflexões acerca do que Saussure denomina estado de língua, para, posteriormente, avançarmos até o aspecto fônico da apropriação de línguas estrangeiras e as relações entre valor e significação. Para tanto, iremos, além de reutilizar as noções já expostas de língua e de arbitrário, valer-nos também de outros conceitos, tais como massa indistinta e recorte da unidade (donde a importância, como veremos, de estabelecer previamente um conceito de língua que englobe fala), de valor, significação e negatividade (donde a relevância de compreender língua como o estado de um sistema atualizado pela materialidade fônica). Iremos igualmente discutir o tornar-se falante e o tornar-se ouvinte de uma língua estrangeira, noções seguidas embora não tão sistematicamente tratadas por Saussure em seus trabalhos e, em um próximo momento, abordaremos o conceito de analogia, noção que nos remeterá novamente ao conceito de arbitrariedade do signo linguístico.

A partir desse conceito, o de analogia, objetivamos lançar uma explicação saussuriana para o que é considerado erro na expressão em língua estrangeira, o que nos levará a pensar brevemente o valor da língua materna para o falante. Nessa mesma linha, adentraremos nos conceitos de interlíngua e de *code-switching*, provenientes da Didática de línguas e da

Linguística aplicada, por serem noções que tratam do contato entre línguas. Nosso objetivo, nesta última seção, é o de explicitar as nuances entre tais conceitos – erro, interlíngua e *code-switching* – e a proposta que ora desenvolvemos, à luz da teoria saussuriana, acerca do processo de apropriação de línguas estrangeiras. Tais reflexões nos levarão ao último capítulo desta dissertação, que será, a uma só vez, uma reflexão sobre o percurso que empreendemos e uma reflexão do que ora propomos, embrionariamente, como sendo o processo de apropriação de uma língua não materna.

4.1. O estado de língua

Muito nos dedicamos, já, à delimitação do conceito de língua: um sistema de signos ancorado em uma coletividade³²; reúne dimensões abstratas e concretas³³; é, para Saussure, uma instituição social³⁴. Resta-nos, no entanto, ainda uma característica a pontuar sobre esse fenômeno, característica que está diretamente relacionada com a reflexão acerca do processo de apropriação de línguas estrangeiras que ora empreendemos.

Apesar de ainda não muito empregada neste trabalho, Saussure utiliza a expressão **estado de língua** de veras corriqueiramente em suas reflexões. De um lado, o termo estado parece contrapor-se à noção de história e remeter, portanto, ao método sincrônico, que o linguista genebrino advogava para a linguística. De outro, porém, parece dizer respeito ao fenômeno língua e a uma determinada característica da dinâmica de seus componentes. Com efeito, trata-se da ausência de fixidez ou organicidade dos fatos, que, apesar de permanecerem sistêmicos³⁵, apresentam diversos fatores que induzem e permitem sua mutação.

Vejamos alguns elementos que contribuem para tal dinâmica:

- Espaço e tempo: “a língua se diferencia no tempo e, ao mesmo tempo, ela se diferencia ou se diversifica no espaço. (...) Considerada em dois pontos, mais ou menos distantes, de seu território, ela também não é idêntica a si mesma” (ELG, p. 132);

- A ação dos falantes:

³² Por exemplo: CLG, p. 85, 87, 108.

³³ Por exemplo: CLG, p. 126, 141.

³⁴ Por exemplo: CLG, p. 92.

³⁵ “(...) a tendência ao sistema ou à ordem não se abate jamais: por mais que se tire de uma língua o melhor de sua organização, no dia seguinte os materiais restantes terão sofrido um arranjo lógico em um sentido qualquer, e esse arranjo será capaz de funcionar no lugar do que se perdeu (...).” (ELG, p. 227)

Todos, sem exceção, imaginam a língua como uma forma fixa e todos, também, sem exceção, como uma forma convencional. Eles se movimentam naturalmente no que chamo de seção horizontal da língua, mas sem a menor ideia do fenômeno sócio-histórico que provoca o turbilhão de signos na coluna vertical e impede que se faça dela um fenômeno fixo ou uma linguagem convencional, já que é o **resultado incessante da ação social**, imposta além de qualquer escolha. [grifo nosso] (ELG, p. 92)

Pois “da língua, (...), cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos” (CLG, p. 88).

As mutações no tempo e no espaço e a influência dos falantes faz da língua um conjunto de signos volátil, embora perene, porque contínuo, apesar de mutável. Assim, Saussure pontua a inexistência de um “equilíbrio, [de] um ponto de permanente, estável, em língua alguma”; é aí que coloca “o princípio da transformação incessante das línguas como absoluto” (ELG, p. 138).

A característica de mutabilidade conforme a ação dos falantes e da diversificação no tempo e no espaço acaba por concernir até a ideia de idioma e se irradia para a noção de dialetos. A esse respeito, Saussure afirma que “assim como não há dialetos delimitados, não há línguas delimitadas, nas condições normais. Assim, a língua, que não é, como vimos, uma noção definida no tempo, não é, também, uma noção definida no [espaço]” (ELG, p. 149).

A reflexão que pretendemos trazer neste início de capítulo diz respeito, pois, de um lado, à suscetibilidade à mudança a que um idioma está exposto, apesar – e por causa – do caráter arbitrário e social do signo; de outro, à diversidade de formas que um idioma pode apresentar. Assim, se evocarmos o idioma francês, por exemplo, não estamos tratando de uma única variante, mas de todas as formas que o dito idioma pode ter: a forma de Paris, do norte da França, do Québec, da Luisiana, do Haiti, do Senegal, da Nova Caledônia; a forma de brasileiros falando francês; a forma das pessoas mais idosas, a forma utilizada por jovens, etc... Como ilustração, fornecemos o exemplo da palavra *agora*, que, na França, é traduzida por *maintenant* (particípio presente do verbo *maintenir*, manter), e que, na Luisiana, estado americano com grande imigração francesa, é traduzida por *asstheure* (contração fonética da expressão *à cette heure*, nesta hora/neste momento).

Outra característica – que também interessa a presente discussão sobre o signo linguístico – e, portanto, sobre a língua –, é sua capacidade de transmissão: “por vida da linguagem, pode-se entender, primeiramente, o fato de que a linguagem vive através do tempo,

ou seja, é suscetível de se transmitir” (ELG, p. 51). Além do fenômeno, segundo o qual, efetivamente, os idiomas são transmitidos, parece-nos, com efeito, que a capacidade de mutação também concerne ao caráter transmissível do signo linguístico, que adquire novos valores – formas sonoras e significações – segundo seu uso:

presença, ausência ou formas sucessivas têm exatamente o mesmo valor: ou seja, cada uma tem, a cada momento, um valor absolutamente qualquer, impossível de se prever, que vem simplesmente, e de minuto a minuto, do que existe à sua volta. (ELG, p. 63).

A relevância de refletirmos sobre a noção de estado de língua, isto é, sobre o caráter, ao mesmo tempo, perene e mutável de um idioma, e sobre as especificidades que tal sistema adquire no seio das comunidades que o utilizam toca diretamente a nosso estudo, afinal, como apropriar-se de um sistema que está constantemente suscetível à ação daqueles que o falam? Como transmitir um sistema dando conta de suas regularidades e, ao mesmo tempo, dos mais diversos valores que cada associação entre som e ideia pode produzir? Ou ainda: como lidar com a diversidade de relações forma-sentido dentro do que chamamos de idioma e não cair, assim, em uma ideia purista ou normativa do que seria este ou aquele sistema?

A reflexão que ora empreendemos não é, portanto, irrisória. Aceitar a noção de estado de língua implica aceitar a diversidade inerente aos sistemas linguísticos. Iríamos mais longe: a aceitação ou não de uma forma utilizada por um falante concerne primariamente à negociação entre aquele que fala e aquele que ouve, ou seja, trata-se da negociação entre dois estados de língua em contato, cada um com seu inventário de formas, que é semelhante, mas não absolutamente igual. Ora, se a língua se mantém, é transmissível, é preciso que os falantes compartilhem, em certa medida, formas que são, se não iguais, muito parecidas; ao mesmo tempo, se ela se diversifica de acordo com o tempo, a geografia, as classes sociais, é porque ela também apresenta uma propriedade de adaptação/modificação. É nesse sentido que a noção de estado de língua dialoga diretamente com o processo de apropriação de línguas estrangeiras, já que esse processo, como veremos mais adiante, é marcado pela singularidade da produção de formas, característica que está intrinsecamente ligada às analogias que um falante pode produzir porque decorrentes de seu estado de língua.

A presente discussão estará subjacente no curso de todo este capítulo: ao tratarmos do fônico e das distintividades sonoras necessárias para o estabelecimento de um sistema

linguístico; ao abordarmos a noção de erro e a negociação entre os estados de língua de professor e aluno ou entre falante nativo e falante estrangeiro; ao esmiuçarmos o processo de apropriação, e as negociações entre estados de língua materna e estrangeira.

4.2. O lugar do fônico na apropriação de línguas estrangeiras

Como acontece que a morfologia tenha, algumas vezes, que se ocupar de sons?

O som pode ser portador de uma ideia. (ELG, p. 157)

Longamente deixado às margens da Linguística saussuriana, o estudo do aspecto fônico da língua é, neste trabalho e especialmente nesta seção, elemento de destaque, já que, ao analisarmos a tomada de contato de um indivíduo com línguas estrangeiras, é a dimensão fônica – e, sobretudo, o que é ouvido – que se evidencia como elemento de mediação, isto é, de primeiro contato, com o idioma alvo. Não por acaso, a relação do aspirante a falante com o fônico da língua estrangeira gera sensações traduzidas em expressões que consideram o dizer do outro como “falar grego”³⁶, o que indica, claramente, a aguda incompreensão do que fora dito. Na sequência, quando iniciada apropriação, o fônico, além de estar presente no que o falante ouve em língua estrangeira, aparece também em sua própria fala.

Mas o que é o aspecto fônico da língua? Estamos tratando de qualquer som que nosso aparelho fonador seja capaz de produzir, da voz, dos fonemas, do significante, da pronúncia, ou somente da noção de fala? Sabemos de antemão que os termos citados pertencem a matrizes teóricas distintas. Assim, antes mesmo de tratar do fônico no processo de apropriação de língua estrangeira, é mister refletir sobre o que o conceito evoca no seio da teoria desenvolvida por Saussure.

Como já pontuamos em outros momentos deste trabalho, a ideia de fônico, no *Curso de Linguística Geral* (1996), vem inicialmente acompanhada da noção de fonologia, ou seja, do estudo da fisiologia dos sons. Saussure não vê relevância em tal estudo, uma vez que a produção dos sons, em si, não se altera com o tempo nem com a coletividade, ao contrário do que ocorre com a língua. No entanto, a noção vai adquirindo novos contornos na medida em que avançamos na leitura do Curso e que investimos em uma leitura dos *Escritos de*

³⁶ A título de curiosidade: enquanto no português do Brasil utiliza-se a expressão “falar grego”, em alemão, utiliza-se “falar espanhol” e, em francês, “falar chinês”.

Linguística Geral (2002) e no manuscrito *Phonétique* (1995). Com tais obras conjugadas, não somente conseguimos pensar um conceito de língua composto de fala – como é, aliás, o fenômeno linguístico –, como também vislumbrar dimensões concreta e abstrata para o significante, em que um som produzido pelo aparelho fonatório adquire feições linguísticas porque é ancorado em um sistema – em uma coletividade – que o reconhece e o prevê.

Para nós, então, o fônico reside, justamente, na materialidade, que evoca um elemento do sistema virtual de formas linguísticas, o que é traduzido, na imensa maioria dos idiomas³⁷, por um som significativo cuja contrapartida é, ao mesmo tempo, uma imagem acústica e um significado. Ao situar o fônico na intersecção entre língua e fala, resgatamos também o falante e o ouvinte, responsáveis, respectivamente, pela produção e percepção do fônico³⁸. Tais são as temáticas que iremos abordar nessa seção, que será constituída por uma análise das dimensões corporais, sistêmicas e acústicas que compõem o aspecto fônico da língua. Assim, iniciaremos nosso percurso com uma reflexão acerca do sistema fonológico dos idiomas; em seguida, pensaremos o fônico pelo seu aspecto corporal, isto é, a fisiologia da produção de sons, e refletiremos sobre a pronúncia e sobre o conceito de imagem acústica; finalmente, em um próximo momento, nos debruçaremos sobre a dimensão acústica. Todas as temáticas, evidentemente, partirão das reflexões saussurianas para, então, iluminarem nossa reflexão acerca do processo de apropriação de línguas estrangeiras.

4.2.1. O fônico a partir da perspectiva do sistema fonológico de uma língua

No início deste capítulo, chamamos a atenção para o que Saussure denomina de **estado de língua**, caracterizado pela relativa ausência de fixidez das formas que compõem um sistema linguístico e pela constante reorganização da lógica desse sistema, que sofre alterações em função do tempo, do espaço e da massa falante. Talvez o elemento mais fixo de um idioma – ou aquele mais lentamente alterado – seja seu sistema fonológico. Com efeito, o sistema de fonemas constitui a primeira instância sistêmica de uma língua, ou seja, os sons passam a existir no sistema por causa de sua distintividade, sendo, pois, o que todos os outros

³⁷ A materialidade linguística não está presente somente em línguas orais: ela é necessária igualmente em línguas de sinais, sob a forma de gestos, conforme podemos ver na dissertação de mestrado de Laura Amaral Kümmel Frydrych (2013), com orientação e co-orientação, respectivamente, de Carmem Luci da Costa Silva e de Luiza Milano.

³⁸ A voz e a prosódia, citadas mais acima, também parecem compor o aspecto fônico das línguas, mas não serão objeto de análise deste trabalho; constituem, no entanto, interessantes temas para pesquisas futuras, já que trazem para a cena linguística toda as singularidades que forjam a expressão em uma língua.

não são.

Além do mais, “cada língua, (...) opera com um número determinado de fonemas bem diferenciados”. Sendo assim,

o que se pode imaginar de mais irredutível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com os outros sons presentes; e é essa primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das oposições, ou dos valores recíprocos, ou das quantidades negativas e relativas que criam um estado de língua. (ELG, p. 27)

Após extensa pesquisa acerca do fônico em Saussure, no que diz respeito ao sistema de sons que compõem um determinado idioma, podemos perceber que o linguista genebrino percebe a negatividade por duas vias: pelo efeito sonoro – um som é o que o outro não é – e na própria fonação, que apresenta, também, caracteres negativos, isto é, ausentes em determinados movimentos fonatórios³⁹:

na produção do som, os fatores que podem entrar em jogo são a expiração, a articulação bucal, a vibração da laringe e a ressonância nasal. Mas enumerar esses fatores de produção do som não é ainda determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar estes últimos, importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros. Ora, um fator negativo pode ser maior importância para a classificação que um fator positivo. Por exemplo, a expiração, elemento positivo, mas que intervém em todo ato fonatório, não tem valor diferenciador; ao passo que a ausência da ressonância nasal, fator negativo, servirá, do mesmo modo que sua presença, para caracterizar os fonemas. (CLG, p. 54)

Com o estudo do fônico, Saussure reconhece também a existência do que considera os elementos fundamentais – porque primeiros – de um sistema linguístico: os fonemas, as primeiras unidades que se organizam sistemicamente, através de oposição, e que têm valor⁴⁰.

³⁹ A esse respeito, cabe, também, citar o manuscrito *Phonétique*: “A articulação, sozinha, é múltipla. É somente nela que pode residir o fato da diversidade e a individualidade dos fonemas” (p.25). No original: “L’articulation seule est multiple. C’est en elle seule que peut donc résider le fait de la diversité des phonèmes, et leur individualité à chacun”.

⁴⁰ Ainda uma vez, vemos ecos – ou os primórdios – da reflexão saussuriana sobre o fônico como linguístico, ao relacionar os fonemas ao valor que têm em um sistema: “De fato, tudo depende do que agrada ver como foneticamente equivalente ou como foneticamente distintivo” (*Phonétique*, p.13). No original: “En effet tout dépend de ce qu’il plaira de regarder comme phonétiquement équivalent ou comme phonétiquement distinctif”.

Da junção de fonemas, formam-se unidades maiores, também significantes, que passam a ter, então, sua contrapartida: o significado. Assim, o primeiro sistema de contrastes que uma língua tem situa-se na intersecção entre o corporal, o acústico e o simbólico, ou ainda, entre a fonação e os efeitos sonoros produzidos a partir daí.

Se aceitarmos a afirmação segundo a qual a lógica de formação de um idioma ocorre pelo estabelecimento de seus elementos sonoros fundamentais, podemos, imediatamente, aplicar tal raciocínio à apropriação de línguas. Com efeito, os primeiros elementos a que uma criança em processo de aquisição de língua materna tem acesso são os sons utilizados naquela que será sua primeira língua de comunicação. Assim, entre o momento em que o bebê não pronuncia som nenhum e aquele em que ele já consegue comunicar-se utilizando e produzindo algum tipo de fonação, ele é capaz de produzir uma infinidade de sons⁴¹ e, na medida em que identifica efeitos produtivos de certos sons na comunidade que o rodeia, vai reduzindo seu repertório até, efetivamente, conformar o “número determinado de fonemas” (CLG, p. 44) que irão compor a sua primeira língua e serão capazes de significar.

Com a apropriação de línguas estrangeiras, no entanto, o processo ocorre com diferenças deveras salientes. De fato, ao contrário da criança, cujo sistema de imagens acústicas está aberto a todos e a quaisquer fonemas, o indivíduo que já adquiriu uma língua materna, ao apropriar-se de outra língua, já conhece um sistema primário, composto de um número estabelecido de oposições; ele ouve e produz, desde a tenra idade, os mesmos sons, sem nem mesmo preocupar-se com a sua execução. Visto que o primeiro contato com a língua estrangeira se dá, majoritariamente, pela via acústica, o aspirante a falante tem diante de si, no mínimo, dois importantes desafios: precisa, antes de mais nada, perceber o sistema fonológico da língua-alvo, isto é, perceber de quais oposições ele é composto, quais são seus sons fundamentais; em seguida, precisa colocar-se a tarefa de produzi-los, compreender os mecanismos fonatórios que permitem e facilitam a produção desses sons.

Adentraremos ainda mais no terreno da produção e percepção dos significantes na próxima subseção. Por ora, interessa-nos refletir, sobretudo, sobre o espaço atribuído ao reconhecimento das unidades primordiais das línguas, os fonemas, na apropriação de línguas estrangeiras.

Apesar de não termos efetuado, neste trabalho, uma extensa e quantitativa análise de livros didáticos, basta folhear alguns manuais de ensino de línguas, sobretudo de francês, para percebermos que a atenção dedicada ao estudo do sistema fonológico da língua-alvo é

⁴¹ Ancoramos tal afirmação no texto “Por que 'papa' e 'mama'?” (1967), de Jakobson.

bastante reduzida. Em geral, inexistem espaços dedicados à apresentação do conjunto dos sons que compõem o idioma, que são, via de regra, trabalhados a partir dos pares distintivos e, em raros momentos, com base nas dificuldades frequentemente enfrentadas por uma determinada comunidade linguística. Trata-se, portanto, de um tratamento não prioritário do primeiro sistema formal que compõe um sistema linguístico.

Uma segunda abordagem possível e também utilizada para tratar do sistema fonológico de uma língua estudada como estrangeira é aquela que insiste na reprodução da pronúncia de uma determinada variante de língua⁴² e que proíbe, através da correção incessante, pronúncias adjacentes, como se não houvesse pronúncias variáveis e tão distintivas quanto as preconizadas como corretas. De fato, o sistema fonológico de um idioma não aceita pronúncias adjacentes para toda e qualquer unidade, já que o sistema prevê um número contável e definível de sons, organizados por sua distintividade. No entanto, é também claro que a maneira de executar e produzir tais sons varia segundo cada falante, o que acarreta, para o fato linguístico, que pronúncias levemente diferentes sejam aceitas, isto é, continuem significando (o que, na fonologia moderna, é conhecido como alofone). Em francês, por exemplo, o fone /R/ adquire tranquilamente as facetas de tepe e de gutural, como vemos com as cantoras Lisa Leblanc e Edith Piaf, respectivamente. Qual, porém, é a variante ensinada e legitimada nos manuais de língua? O fonema [R] utilizado nas maiores regiões urbanas da França. Parecem, aliás, inexistir menções sobre as possíveis variantes que não prejudicam o contraste no sistema.

Assim, o estudo do sistema fonológico dos idiomas tidos como estrangeiros parece ser relegado ou a um lugar secundário na apropriação das línguas ou a um purismo que apaga qualquer singularidade do futuro falante e dos já falantes da língua-alvo. Parece-nos que uma abordagem de cunho mais saussuriano do processo de apropriação de línguas estrangeiras, dada a relevância assinalada pelo genebrino do sistema fonológico como o primeiro sistema de diferenças, atribuiria ao fônico uma presença mais constante, adquirindo mesmo, talvez, um caráter estruturante do processo de apropriação: apropriar-se/compreender/perceber da/a contrastividade fônica que compõe uma língua é a condição para conseguir estabelecer diferenças em unidades maiores, isto é, atribuir valor. Além disso, a aceitação das nuances fonatórias e das decorrentes nuances acústicas assegura uma noção de apropriação ancorada no caráter singular, e, portanto, diverso de todo estado de língua, inclusive, aquele produzido

⁴² Nos Escritos, Saussure faz uma importante observação sobre a variante de língua e sua relação com a legitimidade da pronúncia: “A posição do francês diante dos dialetos franceses é exatamente a mesma; ou seja, o francês oficial representa o dialeto de uma única [região]: Paris e Île-de-France” (ELG, p. 146).

por falantes ditos estrangeiros.

4.2.2. O fônico e a fonação

A linguística desenvolvida por Saussure não atribui lugar especial ao estudo da fisiologia dos sons. Ao contrário: estabelece que “o mecanismo de articulação permanece sempre igual a si mesmo” (CLG, p. 43), não se alterando, portanto, com o tempo; assim, uma vez estabelecidas as condições para as produções de sons, o estudo da fonação teria se esgotado. Outro raciocínio utilizado por Saussure para não incluir a fisiologia dos sons nos estudos da língua diz respeito à ausência de relação direta entre fonação e sistema. De fato, para o linguista suíço, “a fonação em nada afeta o sistema” (CLG, p. 46) e, sendo este último o objeto de estudo do linguista, a investigação sobre o primeiro perde relevância.

Para o processo de apropriação de línguas estrangeiras, no entanto, a reflexão sobre a produção dos sons parece de maior relevância, já que o aspirante a falante de uma língua não materna é convocado a mobilizar seu aparelho fonador de maneira distinta daquela que faz em língua materna: deve produzir sons que, talvez, não pertençam ao sistema fonológico de sua primeira língua e, por vezes, deve produzir até mesmo sons que nem percebe em seu ouvido; é convidado a adotar uma prosódia completamente diferente daquela a que está acostumado. Dar espaço à compreensão da fisiologia dos sons, quando da apropriação, não nos parece, portanto, descartável em língua estrangeira, quanto mais quando o próprio linguista de Genebra, apesar de considerar irrelevante o estudo em si, não se furta a sublinhar sua importância para o fenômeno da língua, conforme podemos perceber no manuscrito *Phonétique*:

Dado um som perfeitamente determinado para a orelha, podemos, por experiência, fixar as condições fisiológicas necessárias para a produção desse som. Nós formularemos, assim, a fórmula fisiológica de um som. Essa fórmula, uma vez obtida, pode ser substituída pela forma psíquica ou pela forma sensorial que nós não temos. Torna-se possível abstrair o fato acústico e raciocinar sobre o fato fisiológico sem medo de passar involuntariamente a uma outra entidade fonética, a mesma causa tendo que sempre ter o mesmo efeito. (p.113)⁴³

⁴³ No original:

Étant donné un son parfaitement déterminé pour l'oreille, on peut, par expérience, fixer les conditions physiologiques nécessaires pour la production de ce son. On en dressera ainsi la formule physiologique d'un son.

De fato, esse excerto explicita a relação entre as dimensões fisiológica e acústica que estão em jogo ao falarmos. Nesse sentido, ao tomarmos contato com uma língua estrangeira, não nos parece menos importante o conhecimento das articulações que permitem, facilitam ou dificultam a produção de certos sons. Tal relevância parece, inclusive, estar presente em uma das noções de unidade fonética saussuriana:

Unidade fonética = unidade acústica de sensação do fenômeno físico considerado conjuntamente com o fato fisiológico que lhe dá origem.⁴⁴ (Phonétique, p.117)

Tais reflexões nos remetem diretamente ao curso de extensão em fonética do francês, que oferecemos aos estudantes de Letras francesas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante os anos de 2009 e 2010. Tratava-se, como já mencionamos, de uma necessidade estrutural do curso de Letras-francês, que não oferecia uma formação específica em fonética da língua francesa para os futuros professores da língua. O curso compreendia exercícios de distinção auditiva, privilegiando os sons que ofereciam mais dificuldades na compreensão em francês e exercícios de pronúncia. Ao fazermos estes últimos, ficava clara a relevância da atenção aos aspectos corporais presentes durante o processo de apropriação do francês.

De fato, o corpo de um aprendiz de uma língua estrangeira é um corpo convocado a empreender novos movimentos musculares, diferentes dos que está habituado, convocado igualmente a descobrir como efetuar nasalizações diferentes daquelas que faz – ou não faz – em língua materna, etc.. Essa primeira hipótese acerca do impacto que representam as diferenças fonatórias entre língua materna e língua estrangeira foi confirmada com as oficinas de fonética articulatória ministradas, ainda no âmbito do curso de extensão, pela professora que orienta este trabalho, Dra. Luiza Milano. Baseada nas articulações das consoantes da língua portuguesa, a oficina representou um salto de qualidade na pronúncia em francês: ao fornecer maior consciência dos fatores articulatórios envolvidos na produção dos sons, a oficina indicou aos estudantes a importância de permitir ao corpo efetuar novos movimentos

Cette formule une fois obtenue peut être substituée à la formule psychique ou à la formule sensorielle que nous ne possédons pas. Il devient possible de faire abstraction du fait acoustique et de raisonner sur le fait physiologique sans crainte de passer involontairement à une autre entité phonétique, la même cause devant toujours avoir le même effet.

⁴⁴ No original:

Unité phonétique = unité acoustique de sensation du phénomène physique considérée conjointement avec le fait physiologique qui y donne naissance.

para, quem sabe, surgirem daí novos efeitos sonoros, afinal, é impossível, por exemplo, a produção de um [y] sem o arredondamento dos lábios e o tensionamento das bochechas.

Destarte, se não prioritária para a linguística saussuriana, no que diz respeito ao estudo sobre a apropriação de línguas estrangeiras, a fonação, enquanto especificações sobre a maneira de produzir determinados sons da língua alvo, revela-se de grande importância, vez que, de um lado, fornece pistas para o falante de língua estrangeira, sobre como mobilizar seu aparelho fonador para produzir os sons significantes da língua-alvo e, de outro, contribui para a internalização dos movimentos responsáveis pela produção dos fonemas.

4.2.2.1. A margem de ação na pronúncia

Ao tratarmos da relação entre fonação e som produzido, pode parecer, à primeira vista, que preconizamos certas pronúncias como corretas. Não se trata, de forma alguma, de um tal posicionamento, ainda mais se, ao pensarmos no idioma francês, devemos pensar na diversidade de pronúncias que encontramos: a pronúncia de um [t] mais oclusivo ou mais africado como são os casos das pronúncias do Québec e da França, respectivamente; a maior vocalização do francês haitiano, em relação ao francês utilizado na França, etc.. De fato, o que objetivamos discutir na primeira parte desta seção foi a importância, no processo de apropriação de línguas estrangeiras, de uma atenção especial aos mecanismos de fonação, vez que eles parecem, de acordo com nossa experiência no grupo de estudos em fonética do francês, facilitar enormemente a apropriação de uma língua estrangeira, já que parecem representar uma tomada de consciência da parte do falante sobre o mecanismo que produz os próprios sons da língua que fala e que indica, inclusive, que distintividades no ato de fonação acarretam distintividades sonoras.

Neste ponto, acrescentaremos ainda uma nova faceta à relação entre fonação e som produzido: o efeito sonoro ou, como é mais conhecido tal fenômeno linguístico, a pronúncia⁴⁵. Para Saussure, uma língua necessita unicamente de distinções morfológicas para que seja viável em uma comunidade de falantes: “No ato fonatório que vamos analisar, levamos em conta apenas os elementos diferenciais (...)” (CLG, p. 67). Assim, a pronúncia dos sons de uma língua não precisa ser homogênea, isto é, igual em todos os falantes, para que a

⁴⁵ Segundo Herman Parret (2014), estudioso de Saussure, “pronúncia parece ser a palavra ideal quando tratamos de reproduzir, de realizar um efeito conhecido” (p. 24). No original: “prononciation semble le mot juste quand il s'agit de reproduire, de réaliser un effet connu.”.

comunicação seja possível; ela demanda, apenas, que a pronúncia apresente contrastes e, por conseguinte, valores que a contrastividade acarreta. Não por acaso, falantes das mais diversas regiões francófonas do mundo são capazes de se compreender entre si, apesar das diferenças de suas respectivas pronúncias.

Saussure trata do tema pelo que chamou de “latitude de pronúncia” (ELG, p. 66):

certos elementos ou certos grupos que ofereceram, não se sabe, por quê, uma latitude de pronúncia (...). Em francês, pode-se pronunciar, sob o som de r, duas ou três consoantes completamente diferentes em articulação e, além disso, tão diferentes para o ouvido que não há nada que se note mais no falar de um indivíduo. Entretanto, todos esses sons tão diferentes são aceitos – por assim dizer, legalmente – como valendo a mesma coisa (...) (ELG, p. 66).

O conceito parece exprimir o que, atualmente, em linguística moderna, chamamos de alofones, isto é, fones diferentes que têm um único valor dentro do sistema. No entanto, tais latitudes de pronúncia não são fixas, e, ao contrário, estabelecidas em cada estado de língua, pelos falantes e ouvintes que participam da comunicação. Ao aceitarmos o conceito e sua condição para ocorrer, isto é, em uma comunidade de falantes, estamos, da mesma forma, colocando em suspenso a ideia, seguidamente difundida em línguas estrangeiras, da pronúncia correta ou, até mesmo, da pronúncia ideal. Ora, a regra é a diversidade de pronúncias organizadas em sistemas; as distintividades são o princípio fundamental. Assim, o critério deixa de ser a correção e passa a ser o funcionamento: se a distintividade empregada funcionou para significar, então, ela parece funcionar para o sistema.

4.2.2.2. A importância da imagem acústica para a pronúncia

Durante as palestras que proferiu em Genebra, Saussure decidiu substituir o conceito de imagem acústica pelo de significante, utilizando, como já apontamos, um novo termo para a terminologia linguística da época. Neste trabalho, porém, assinalamos a adoção de ambos os termos ao tratarmos das dimensões concreta e abstrata do significante, já que parece existir, entre tais dimensões, uma diferença sutil, ainda que não menos relevante para o processo de apropriação de línguas estrangeiras.

Com efeito, a possibilidade de pronúncia mental, sem realização fônica, de um signo, isto é, a possibilidade de lembrarmos de sua pronúncia sem precisarmos pronunciá-lo é, talvez, a prova contundente da existência da língua, um sistema virtual de signos presentes, com formas e sentidos mais ou menos parecidos, em todos os falantes de uma comunidade. A imagem acústica, enquanto dimensão abstrata do significante, compõe essa rede mental, em que uma espécie de memória de pronúncia é armazenada. É a essa memória, que evoca a lembrança da concretude fônica do significante, assim como os aspectos corporais envolvidos, que o falante de língua estrangeira recorre para conseguir pronunciar, sobretudo, sons que inexistem em seu sistema fonológico⁴⁶. De fato, segundo Saussure,

Capital observar que todas as vezes em que ficamos atentos a um detalhe, uma nuance de som, por exemplo, à pronúncia ligeiramente diferente de duas palavras, nós temos, como único meio, interrogar a nós mesmos, precisar a ideia da palavra, como que evocando a pronúncia correspondente. (ELG, p. 105)

A evidência da intersecção⁴⁷ entre aspectos corporais, acústicos e sistêmicos aparece, ainda, quando Saussure menciona a diferença entre “efeito procurado e efeito produzido”:

(...) quando se trata de pronunciar dois sons combinados, a questão é menos simples; estamos obrigados a levar em conta a discordância possível entre o efeito procurado e o efeito produzido; não está sempre ao nosso alcance pronunciar o que desejamos. (...) A liberdade de ligar as espécies fonológicas é limitada pela possibilidade de ligar os movimentos articulatórios. (CLG, p. 63).

⁴⁶ É mister registrar que acabamos de abordar o que Saussure chamou de “efeito procurado e efeito produzido”, que, talvez, represente exatamente a diferença que tentamos especificar, nesta subseção, entre imagem acústica e significante.

⁴⁷ A menção a tal heterogeneidade do fenômeno linguístico traduzido pela ideia de imagem acústica está presente no manuscrito *Phonétique*:

A lembrança das sensações acústicas é o que evoca os diferentes atos, e não há ligação estabelecida entre uma fração da sensação acústica e uma parte do ato. b evoca um conjunto de movimentos (B), dentre os quais, o fechamento dos lábios é uma parte; e a função acústica especialmente atribuída a essa parte não entra de forma alguma no pensamento. (p.106)

No original:

Le souvenir des sensations acoustiques est ce qui appelle les différents actes, et il n’y a pas de lien établi entre une fraction de la sensation acoustique et une partie de l’acte. b appelle un ensemble de mouvements (B) dont la fermeture des lèvres est une partie; et la fonction acoustique spécialement dévolue à cette partie n’entre point dans la pensée.

Parece haver, portanto, um sutil hiato entre nossa memória de signos, as imagens acústicas, e sua concretização, pela fala, em forma de significante. De fato, na produção linguística que se dá através do som, além da imagem acústica – isto é, a forma que acreditamos, em língua estrangeira, que deva ter o significante – há outros fatores envolvidos: a voz; as possibilidades de articulação do aparelho fonatório; e a presença do ouvinte, que precisa comungar com as distintividades do dizer do falante para que haja algum tipo de comunicação. Portanto, a situação se complexifica no ato de transformação da imagem acústica em significante.

Notemos, ainda, que é possível compreender a distinção entre imagem acústica e significante pela relação entre o que é individual e social:

(...) a execução dos sons permanece do lado do indivíduo, da faculdade da linguagem. Ao passo que a “impressão acústica” deve ser colocada do lado social: de fato, não poderíamos compreender uma língua se não houvesse, na base, acordo sobre o que significam suas unidades. (Depecker, p. 146)

A capacidade de memória de um som da língua, ou ainda, a sensação acústica, parece atestar a compreensão de um falante sobre os valores que um som tem para um sistema e, assim, sua apropriação. O falante está, portanto, a par do fato social.

Exercícios de pronúncia e de audição de signos e fonemas em língua estrangeira confirmam, assim, sua grande pertinência para o processo de apropriação. Efetivamente, eles criam as condições para que, de um lado, o falante construa seu próprio inventário de imagens acústicas, isto é, associe os sons às suas respectivas formas articulatórias, e, de outro, consiga, cada vez mais, atingir o efeito procurado, dependente da intersecção entre as imagens acústicas e a materialidade fônica e corporal.

4.2.3. Para tornar-se falante de língua estrangeira, é necessário tornar-se também ouvinte

Na mesma medida em que ouvimos,
nós falamos. (ELG, p. 211)

Dizer que Saussure, em sua obra, elaborou uma teoria do ouvinte pode parecer, ainda hoje, surpreendente. Se, no entanto, o linguista genebrino não se dedicou explicitamente a tal tema, não é impossível vislumbrar em seus escritos a presença constante e determinante da orelha e do componente acústico, como pesquisas recentes parecem demonstrar⁴⁸. Com efeito, podemos encontrar a noção de ouvinte desde as reflexões sobre delimitação da unidade até a percepção da distintividade fônica, como acabamos de demonstrar.

Já esmiuçamos o fônico no processo de apropriação de línguas estrangeiras pelo viés do sistema fonológico de um idioma e pelo viés fonatório; nesta seção, adentramos na reflexão sobre o fônico e a língua estrangeira, salientando a perspectiva acústica. Importante observar que a utilização do verbo salientar não é randômica: o linguístico reside essencialmente na fugaz junção de porções de sons com porções de ideias, sendo, portanto, um fenômeno constitutivamente heterogêneo, que não pode ser cindido, sob pena de perda de seu caráter linguístico. As ponderações que fazemos, então, adotam uma perspectiva didática de análise, no intuito de compreender o papel de cada instância no processo que culmina na apropriação de uma língua não materna.

Seja pela metáfora da Torre de Babel ou pela utilização da expressão “falar grego”, o ser humano tem encontrado maneiras de exprimir a ausência total de relação entre forma e sentido. Saussure chamou tal fenômeno de massa amorfa: um conjunto de formas linguísticas, lineares, que, por desconhecermos o fato social, não somos capazes de decompor para, então, atribuir algum sentido. Junto com o conceito de massa amorfa – por vezes também chamada de massa indistinta ou fita amorfa –, Saussure apresenta a noção de escuta - uma vez que percebemos a massa amorfa sobretudo pelo viés acústico - e a noção de unidade - perceptível somente quando conhecemos o sistema fonológico de um idioma. Adentremos específica e brevemente nesses conceitos para, na sequência, refletir sobre como eles tomam parte no processo de apropriação de línguas estrangeiras.

Ao lermos os manuscritos sobre a dupla essência da linguagem (ELG, p. 21-88), um tema em especial salta aos olhos: a busca incessante de Saussure pela unidade. Trata-se, entretanto, de dois interrogantes que se entrecruzam: a unidade teórica e a unidade do fenômeno língua, sobre a qual os falantes operam. Muito cedo, Saussure dá-se conta de que as

⁴⁸ Citamos, a esse respeito, os trabalhos de Herman Parret (2014), Jacques Coursil (2000) e a recente dissertação de Aline Stawinski (2016), acolhida pela mesma instituição que ora recebe este trabalho dissertativo, em que o papel do ouvinte na teoria saussuriana é esmiuçado.

unidades da língua não são fornecidas ao linguista tal como o são as unidades da química ou da biologia; são, com efeito, “elementos destituídos, em sua complexidade, de uma unidade natural” (ELG, p. 22). Assim, cabe ao linguista desvendar a melhor maneira de obter tais unidades.

Logo de início, Saussure rechaça o caminho traçado pela fonologia da época, que se ocupava, como citamos anteriormente, do estudo da fisiologia dos sons:

Muitos fonologistas se aplicam quase que exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc.) e negligenciam o lado acústico. Esse método não é correto: não somente a impressão produzida no ouvido nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a base de toda a teoria. O dado acústico existe já inconscientemente quando se abordam as unidades fonológicas; pelo ouvido, sabemos o que é um *b*, um *t*. [grifos do autor] (CLG, p. 49)

Recusando o método fonológico, o pensador de Genebra elege, tanto no Curso quanto nos Escritos e no manuscrito *Phonétique*, a impressão acústica, e, portanto, a escuta, como fonte para a delimitação da unidade:

A delimitação dos sons da cadeia falada só se pode apoiar, então, na impressão acústica; mas, para sua descrição, procede-se de modo diverso. Ela só poderia ser feita com base no ato articulatório, pois as unidades acústicas, tomadas em sua própria cadeia, não são analisáveis. As primeiras unidades que se obtém ao dividir a cadeia falada (...) chamam-se fonemas; (...) [os fonemas são] a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais, uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia. (CLG, p. 51)

E também:

A melhor prova de que a impressão acústica, por si só, tem um valor, é o fato de ser impossível, aos próprios fisiologistas, distinguir unidades no mecanismo da voz sem as unidades previamente fornecidas pela sensação acústica. O que faz um fisiologista ao explicar os movimentos para o *b*? Ele começa por estabelecer uma base na unidade que produz o *b* em seu ouvido. (ELG, p. 212)

Notemos que, na medida em que cabe ao linguista estabelecer as unidades da língua e que este parte, em princípio, do ato articulatório, o falante de uma língua materna já conhece tais unidades e lida com elas sem dedicar-lhes maior atenção. Para os dois, tanto o linguista quanto o falante, porém, a imagem acústica é o elemento central⁴⁹, e a articulação, para o estudioso da língua, contribui somente para o esforço de classificação dos sons. Com efeito, é pela noção de identidade linguística e pela legitimidade do falante que conseguimos dizer da similitude de sons:

A impressão acústica é definível? Ela não é mais definível do que a sensação visual do vermelho ou do azul, que é psíquica e completamente independente do fato de o vermelho depender 72000 vibrações que penetram no olhos, ou seja, qual for esse número. Mas ela é segura e clara? Perfeitamente segura e clara, não precisa de nenhuma ajuda. Para diferenciar as letras de seu inimitável alfabeto, vocês acham que os gregos se puseram a estudar? Não. Eles simplesmente sentiram que *l* era uma impressão acústica diferente de *r*, e *r* diferente de *s*, etc. (ELG, p. 211).

No entanto, para comunicar, de nada adiantaria o testemunho do ouvido (CLG, p. 76) se desconhecêssemos o fato linguístico: “[a língua] é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito podem nos fazer encontrar os elementos particulares” (CLG, p. 120) ou ainda “quem conheça uma língua delimita-lhe as unidades: (...) [é preciso] colocar-se no plano da fala tomada como documento da língua, e em representá-la por duas cadeiras paralelas: a dos conceitos (a) e a das imagens acústicas (b)” (CLG, p. 121). Destarte, apesar de ser primariamente um fato físico, o som proferido em forma de fala depende do inventário linguístico para ter efeitos⁵⁰.

⁴⁹ Nos Escritos, lemos a seguinte passagem, que corrobora nossa afirmação:

(...) cada designação de unidade fonatória quer dizer que o elemento proposto é conhecido em seu lado acústico, assim como em seu lado mecânico, não que é determinado a partir de um desses dados. Sem o que, pondo-se ponta com ponta duas unidades, determinadas, por exemplo, só a partir de sua natureza acústica, poder-se-ia ficar diante de dois casos mecânicos profundamente diferentes, com os mesmos termos fonológicos” (p. 124).

⁵⁰ Convém, com vistas a corroborar a noção de fônico em Saussure que ora desenvolvemos, retomar o manuscrito *Phonétique*, que não poupa menções diretas ou indiretas ao papel fundamental da orelha na busca pelas unidades: “a distinção consoante vogal em cadeia fonética não é que um mesmo elemento pode ser consoante ou vogal. E sendo [, de um lado,] as condições gerais desconhecidas, e, [de outro] a distinção, por ser demandada empiricamente à orelha, supomos sempre uma cadeia fonética determinada” (p.29); e também: “Só há fonema na medida em que um efeito acústico sensível é produzido” (p.24). No original: “la distinction consonne voyelle en chaîne phonétique n’est pas qu’un même élément peut être consonne ou voyelle. Et les

Além do conhecimento do sistema, outra condição se impõe para que a decomposição da massa amorfa ocorra: mesmo em domínio do fenômeno linguístico, nem sempre conseguimos, enquanto falantes, delimitar claramente suas unidades. Saussure encontra, então, na atribuição de significados – enquanto contrapartida do significante – a saída última para a delimitação das unidades e, portanto, para a comunicação:

Sabemos (...) que a cadeia fônica tem, como caráter primário, ser linear. Considerada em si própria, ela é apenas uma linha, uma tira contínua, na qual o ouvido não percebe nenhuma divisão suficiente e precisa; para isso, cumpre apelar para as significações. Quando ouvimos uma língua desconhecida, somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada; é que essa análise se torna impossível se se levar em conta somente o caráter fônico do fenômeno linguístico.

Mas quando sabemos que significado e que papel cumpre atribuir a cada parte da sequência, vemos, então, tais partes se desprenderem umas das outras, e a fita amorfa partir-se em fragmentos. (CLG, p. 120)

Para pensarmos o processo de apropriação de línguas estrangeiras, convém, assim como fizemos com os demais conceitos com que já trabalhamos neste estudo, verificar em que medida iluminam o fenômeno linguístico que ora investigamos.

Não raro, ao trabalharmos, em sala de aula, com atividades de áudio, os alunos, sobretudo os iniciantes, apresentam uma reação comum: surpresa ao perceberem a incompreensão do excerto auditivo por terem a sensação de que ele é composto por uma única frase. O fenômeno representa a massa amorfa de que fala Saussure: na medida em que não conhecem o fato social, a língua, os falantes que iniciam seu percurso na apropriação de uma língua estrangeira não conseguem fazer o recorte das unidades, não sendo capazes, portanto, de atribuir-lhes significado. Notemos que dois processos estão imbricados em tal situação: um primeiro, que diz respeito à identificação das distintividades primárias da língua, os fonemas; e um segundo, que se refere à identificação de signos presentes nos excertos. Caso o falante já consiga identificar as unidades primárias – donde a importância do conhecimento do sistema

conditions générales étant inconnues, la distinction étant demandée empiriquement à l'oreille, on suppose toujours une chaîne phonétique déterminée"; e, também: "Il n'y a phonème qu'autant qu'un effet acoustique sensible est produit".

Afora isso, inúmeras são as menções a julgamento (p. 30, 62), sentimento (p. 153), decisão (p. 99) e distinção da orelha (p.29).

fonológico das línguas estrangeiras –, é possível que desmembre a tira amorfa, atribuindo às formas que destaca algum tipo de significado. Na hipótese negativa, para o ouvido do falante, tratar-se-á de um aglomerado de sons indistintos.

Outro ponto importante, ao tratarmos da noção de massa amorfa no processo de apropriação de línguas estrangeiras, concerne ao papel do ouvinte. Vimos que um primeiro procedimento necessário à delimitação dos signos é o reconhecimento das unidades mínimas, os fonemas. Dessa afirmação, poderíamos concluir que, uma vez delimitados os elementos primários, a delimitação das unidades maiores dar-se-ia da mesma forma para todos os ouvintes, o que não parece corresponder à experiência na língua em si.

De fato, entre a pronúncia do falante e a escuta do ouvinte, há um procedimento em comum: ambos mobilizam as unidades que conhecem da língua no intuito de comunicar. Tal mobilização não é, porém, unívoca e a escuta pode resultar em uma delimitação de unidades diferente daquela significada pelo falante. No Curso, Saussure ilustra tal afirmação com a palavra fonética [siʒəla'pRã] (p. 121), que pode ser compreendida tanto como “si je la prends” quanto como “si je l'apprends”; a delimitação das unidades em [si-ʒə-la-'pRã] ou em [si-ʒə-l-a'pRã] dependerá unicamente do ouvinte, que associará um sentido que, por sua vez, autorizará a delimitação (CLG, p. 121). Saussure chamou a tal fenômeno linguístico de “teoria dos efeitos” (ELG, p. 212) ao que refere também as noções de impressão, efeito e sensação acústicos. Isto é, o que chega ao ouvinte não é mais a fala, mas o efeito dela⁵¹, já que, se fosse a fala do falante, não haveria diversidade no recorte da unidade⁵². Cabe, portanto, ao ouvinte, não somente reconhecer as unidades da língua, os fonemas, mas recompô-lo acústica e simbolicamente.

Ora, podemos vislumbrar inúmeros fatores que intervêm na delimitação das unidades da língua. Pragmaticamente, os efeitos de uma fala recaem sobre ambos os indivíduos presentes na situação de comunicação: se é certo que o interlocutor escuta o efeito da fala do

⁵¹ O autor belga Herman Parret (2002) cita, por exemplo, a voz como um fator de mediação entre a fala e a escuta. Enquanto fator intermediário, a voz atribui, pois, características suplementares e singulares ao ato de comunicação.

⁵² A título de ilustração, eis uma das definições de Saussure para a unidade mínima da língua, o fonema, no manuscrito *Phonétique*:

Fonema = seja o jogo simultâneo em sua complexidade
 = seja a resultante acústica de todos os fatores requisitos para uma espécie fonética em oposição aos diferentes fatores considerados isoladamente” (p.73)

No original:

Phonème = soit le jeu simultané dans sa complexité
 = soit la résultante acoustique de tous les facteurs requis pour une espèce phonétique par opposition aux différents facteurs considérés isolément” .

locutor, este, por sua vez, também se escuta. É, no entanto, o ouvinte a instância responsável por comungar com a expressão do falante, sem o quê, inexistente comunicação.

Mas e o ouvinte de língua estrangeira, como pode ele operar a delimitação das unidades sem, necessariamente, conhecê-las todas? A pergunta é instigante. De fato, a situação acústica de um indivíduo que decide se expor como ouvinte a um sistema não materno evoca, de imediato e talvez contraditoriamente, sua primeira língua de significação: trata-se de um indivíduo que descobriu o mundo por meio de sua L1, que foi, aliás, a primeira língua que lhe permitiu significar-se. Da imensidão possível do balbúcio, momento durante o qual poderia ter-se tornado falante de qualquer língua existente, filtrou sons, restringiu articulações musculares e adequou seu ouvido para pronunciar e escutar sobretudo os sons componentes de sua língua materna. É a esse indivíduo que é demandada a escuta e a pronúncia dos sons da língua estrangeira.

Levando em conta tal presença maciça e fundadora do sistema fonológico da língua materna, não é de se admirar que a escuta desse falante, em LE, ocorra permeada, em alguma medida, pelos fonemas e pela lógica organizacional de sua primeira língua.

Assim, no processo de apropriação de língua estrangeira, a dimensão acústica se revela tão necessária quanto a dimensão da fala. Com efeito, em nenhuma das instâncias há passividade: tanto ao ouvir quanto ao falar, o falante-ouvinte é convocado a trabalhar as unidades, com base no sistema, para conseguir significar a partir delas. Não por acaso, como já mencionamos, em cursos de línguas estrangeiras, utilizam-se, ainda que não muito frequentemente, exercícios acústicos de diferenciação de fonemas (pares distintivos). Tal procedimento didático parece evocar dois aspectos da teoria saussuriana: de um lado, o efeito acústico mostra-se tão importante quanto a produção oral, já que é a partir daquele que é possível vir a conhecer as unidades de uma língua, e, de outro, o efeito acústico evidencia um dos princípios da própria linguagem, que “compõe-se de um sistema de oposições acústicas e mesmo o prolongamento de um elemento não existe para ajudar a caracterizar um conjunto de sons, uma palavra, mas para dar um elemento de oposição a mais”⁵³ (Phonétique, p. 91).

Assim, a explicitação das oposições acústicas de um sistema linguístico parece revelar-se como uma abordagem didática com ecos indiretos da teoria saussuriana. A essa primeira postura que flerta com a noção sistemática da língua, no entanto, como já assinalamos, seria preciso associar, igualmente, com vistas a um ensino de LE com inspirações saussurianas, um lugar mais relevante ao fônico, não enquanto variante de língua

⁵³ No original: “se compose d’un système d’oppositions acoustiques et même la prolongation d’un élément n’est pas là pour aider à caractériser un ensemble de sons, un mot, mais pour donner un élément d’opposition de plus”.

(sotaque) a ser reproduzida – uma interpretação purista do fenômeno linguístico –, mas enquanto instância que designa a intersecção do corporal, do simbólico e do acústico e que, por sua relevância no processo de apropriação de línguas, parece merecer certa atenção na sala de aula.

4.3. O valor e a significação

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá
 onde a criança diz: Eu escuto a cor dos
 passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não
 funciona para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um
 verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
 de fazer nascimentos -
 O verbo tem que pegar delírio.

(Manoel de Barros, do Livro das ignoranças)

Ao caracterizar a língua como um sistema de signos, Saussure estabelece o que é, por muitos linguistas, considerado o ponto mais relevante de seu construto teórico: a teoria do valor. É pelo conceito de valor que o pensador de Genebra organiza, também, as noções de arbitrário e de significação e que situa a língua como uma instituição social. De fato, inexistindo qualquer motivação para a associação de certa massa amorfa de som a certa massa amorfa de significado, para que as produções dos falantes não sejam também amorfas, é necessário que, em alguma medida, os falantes se sujeitem ao uso coletivo (CLG, p. 108), que é, inclusive, o meio que estabelece o valor de uma forma linguística: “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (CLG, p. 132). Assim, o valor depende do sistema, que associa massas indistintas de som e de ideias, e só é encontrado no seio de uma comunidade de falantes.

O caráter arbitrário do signo e a composição sistêmica da língua fazem com que uma entidade linguística não seja algo em si, mas valha, e que seu valor seja determinado por todas as demais formas linguísticas que não são e que podem substituir a entidade em questão (CLG, p. 134). Isso implica dizer que “na língua só existem diferenças” (CLG, p. 139), princípio

aplicado a todas as dimensões da língua – tanto à ideia quanto ao fônico:

o que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação. (CLG, p. 139)

É na esteira de tal constatação que Saussure postula também a impossibilidade de existência de sinônimos, já que, como todas as demais entidades da língua, os sinônimos “limitam-se reciprocamente” e é por isso que palavras como “recear”, “temer”, “ter medo” só têm valor pela oposição; se “recear” não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes (CLG, p. 135). Notemos que a temática da sinonímia evoca imediatamente a questão da significação, ponto que nos interessa por concernir também diretamente ao processo de apropriação de línguas estrangeiras.

No Curso, Saussure nos diz da dificuldade de estabelecer uma fronteira clara entre valor e significação: “Essas duas palavras serão sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que pela delicadeza da distinção que elas assinalam” (p. 133). Para o linguista, o valor “constitui (...) um elemento da significação”, mas não pode ser por ela tomado. De fato, enquanto a significação é a contraparte de um significante, de uma conjunção de sons, o valor implica não somente essa relação dentro do signo, mas também a relação com todos os outros signos do sistema. A fixação de um valor se dá, então, pela comparação – que ocorre a cada ato de fala – entre “1º uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa” (CLG, p. 134). Para deixar mais clara a diferença, Saussure fornece-nos exemplos: em português, em francês e em inglês, encontramos a mesma significação para o animal carneiro, (*mouton* e *sheep*), mas não temos o mesmo valor para tais entidades, já que, para falar da carne de carneiro, o inglês conta também com a entidade *mutton* – enquanto *sheep* é o animal vivo.

Ao pensarmos no processo de apropriação de línguas estrangeiras, sobretudo em situação de aprendizagem, podemos perceber que a transmissão da língua se dá, majoritariamente, pela via da significação e não do valor. Assim, costuma-se associar um termo estrangeiro a uma entidade supostamente equivalente da língua materna dos aprendizes.

Ocorre que, ao adotar tal procedimento, os professores oferecem aos alunos a ilusão de uma relação fixa entre o som e a ideia em língua estrangeira, deixando, assim, de dar conta da flexibilidade que tal forma tem pelo simples fato de adquirir seu valor por tudo o que a rodeia no ato de fala e por tudo o que não está presente nesse mesmo ato. Um exemplo parece-nos oportuno.

A língua francesa opera com três tipos de artigos: definidos, indefinidos e partitivos. Não raro, somente os dois primeiros são ensinados logo no início do aprendizado em francês, enquanto o terceiro é transmitido mais tardiamente e relacionado a um conteúdo específico – comidas e bebidas. Tal postura didática não somente exclui o artigo partitivo da própria noção de artigo, ao não mencioná-lo como tal, mas também lhe atribui uma única significação: designar a parte de um todo concreto e ingerível, como é o caso, por exemplo, de *manger de la viande* e *boire du vin* (comer carne e beber vinho, respectivamente). No entanto, o partitivo é utilizado, em língua francesa, para designar partes de elementos abstratos também, como é o caso de *J'ai de la chance*, *Ayez du courage!*, e, ainda, *Je veux de l'amour, de la joie et de la bonne humeur*⁵⁴ (Eu tenho sorte, Tenham coragem!, Eu quero amor, alegria e bom humor, respectivamente). Dessarte, se a transmissão de um idioma ocorre somente pela via da significação, no caso do partitivo, como acabamos de perceber, há uma perda extremamente relevante de valor, que, inclusive, interfere na capacidade significativa da frase e na liberdade que o falante poderia tomar para realocar o valor de um termo segundo seu sentimento da língua⁵⁵.

Diante dessa última observação, uma pergunta que se poderia colocar é: se o valor depende de tudo o que se assemelha com a forma e de tudo o que dela se difere, isto é, se o valor depende de todas as relações dentro do sistema, como transmitir valor em uma situação de aprendizagem iniciante, momento em que o falante ainda não está apropriado de todo o sistema? A resposta, parece-nos, reside no método: ao invés de atribuir significações imediatas a formas da língua-alvo, conviria demandar ao futuro falante tudo o que a dita forma evoca – tanto do ponto de vista do som, quanto do radical, passando pelos prefixos e sufixos, pelo entorno sintático e, mesmo, por sua língua materna ou pelos demais sistemas linguísticos que venha a conhecer⁵⁶. Trata-se, portanto, de provar constantemente ao aspirante

⁵⁴ Trechos da canção *Je veux*, da cantora francesa Zaz.

⁵⁵ É é mister lembrar que Saussure elenca o sentimento dos falantes como critério para o método sincrônico: “Não nos esqueçamos de que tudo o que existe no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real. (...) Porque, mais uma vez, no nono século, verdade é o que sentem os alemães no nono século, absolutamente mais nada” (ELG, p. 160).

⁵⁶ Interessante salientar que as práticas que ora apresentamos são também adotadas pela autora deste trabalho em sua prática docente, enquanto professora de língua francesa.

a falante de uma língua estrangeira que os termos que ele passará a empregar estão, sempre, em relação uns com os outros, numa solidariedade sincrônica, e que podem adquirir valores diferentes de acordo com o entorno linguístico em que estejam situados.

Assim, por exemplo, se um aluno questiona o professor acerca do significado da palavra *malheureusement*, conviria perguntar-lhe acerca das unidades que formam as palavras. Se for um falante de uma língua latina, ele muito provavelmente identificará o sufixo *-ment* como algo que exprime modo ou maneira. Então, pode-se confirmar a hipótese sobre o sufixo em outras formas que também o contenham. Em seguida, focar no prefixo *e*, antes de indicá-lo como formador de antônimos, fornecer exemplos de outras palavras que contenham o mesmo afixo, como *malhonnête*, *malsain*. Desse proceder, o aluno provavelmente interpretaria *mal-* como sendo um prefixo de negação da língua francesa. Finalmente, uma alternativa para encontrar o valor de *-heureu-* seria opô-lo a outras palavras com valores semelhantes, como *content*, *gai*, e, em último lugar, evocar outras formas com as mesmas relações grafema-fonema, como as palavras *deux*, *eux*, *feu*.

O mesmo procedimento poderia ser aplicado para a conjugação de verbos. É possível observar que a conjugação dos verbos em língua francesa obedece a certas regularidades: a manutenção das terminações relativas às pessoas e, via de regra, a manutenção do radical. Assim, se o estudante vê-se incapaz de conjugar o verbo *tourner*, mas consegue conjugar o verbo *parler*, ao invés de indicar-lhe a forma esperada, convém, por exemplo, pedir-lhe para conjugar o verbo que conhece e convidar-lhe, então, a aplicar a regularidade no verbo sobre o qual acredita desconhecer a conjugação. Trata-se, com efeito, de um convite ao procedimento que, segundo Saussure, é adotado por todos os falantes da língua, a todo o momento: a identificação das entidades significativas que aparecem em cada unidade, isto é, a interpretação da língua. Assim, o estudante compreenderá, por exemplo, que o sufixo *-ons* evoca, em geral, a primeira pessoa do plural, enquanto a presença do *-s* evoca a segunda pessoal do singular.

Assim, parece-nos que um ensino de línguas estrangeiras ancorado em princípios saussurianos basear-se-ia mormente no auxílio que o professor forneceria ao estudante para que este encontre regularidades dentro do sistema-alvo. Com efeito, tal postura docente concederia ao aluno a possibilidade de manejar a língua e de tomar liberdades quanto às suas formas e sentidos por fiar-se na regularidade. O professor deixaria, assim, de ser um transmissor de formas fixas e inalteráveis – que, ao final das contas, acabam representando uma ilusão de realidade fixa de língua – e passaria a ser um importante personagem do processo de convite à experimentação dos mecanismos do sistema-alvo.

4.4. A analogia

A teoria saussuriana é comumente abordada pelo que propõe de novo para a Linguística – o método sincrônico – e pelo que preconiza sobre o objeto língua – ser composta por signos, organizados por suas distintividades. Outro tema seguidamente evocado por seu caráter inovador é a teoria do valor, sobre a qual acabamos de tratar. Há, no entanto, um quarto tema, que, apesar de ainda pouco destacado como pertencente à teoria saussuriana⁵⁷, é fundamental para pensarmos o fenômeno língua e – ainda mais fundamental – para pensarmos o processo de apropriação de línguas estrangeiras. Trata-se do que Saussure caracterizou como a “substância mais clara da linguagem”⁵⁸ (ELG, p. 141), ou seja, a analogia.

Ao tomarmos a língua por seu viés sincrônico, isto é, ao olharmos para um estado de língua e para o jogo incessante de associação de massas amorfas de sons e de ideias, encontramos, enquanto fenômeno, o mecanismo analógico, que é o “princípio geral das criações da língua” (Tulio de Mauro, Edição crítica, p. 280). Assim, tudo o que se produz sincronicamente é fruto de procedimentos analógicos, caracterizados, essencialmente, por serem transformações inteligentes produzidas por falantes; por serem fruto de interpretações que o falante faz, ainda que inconscientemente, de seu próprio sistema linguístico; por serem produto, ao mesmo tempo, de associações de formas-sentidos *in absentia* e ocorrerem no sintagma, *in praesentia*; por produzirem formas regulares e totalmente gramaticais.

Esmiucemos ainda mais o fenômeno.

A analogia é considerada por Saussure como sendo uma transformação inteligente porque necessita, para ocorrer, de, no mínimo, dois fatores: o conhecimento das unidades que compõem um certo idioma e certa dose de criatividade para produzir novas associações a partir das unidades dadas, criando, assim, unidades antes inexistentes no sistema. Com efeito,

(...) em todo estado de língua, os sujeitos falantes têm consciência de unidades morfológicas – ou seja, de unidades significativas – inferiores à unidade da palavra.

Em francês, nós temos consciência, por exemplo, do elemento -eur,

⁵⁷ Apesar de, nos Escritos, a menção ao mecanismo analógico se dar, praticamente, ao longo de toda a obra, no Curso de Linguística Geral, a analogia está situada na parte caracterizada como linguística diacrônica, razão pela qual, talvez, a temática ainda seja pouco atrelada às reflexões saussurianas.

⁵⁸ A passagem completa é a seguinte: “para que não haja nenhum mal-entendido sobre o valor que atribuímos a esses fatos: não são fatos excepcionais e anedóticos, não são curiosidades ou anomalias, mas a substância mais clara da linguagem” (ELG, p. 141).

que, empregado de uma certa maneira, serve para dar a ideia de autor de uma ação: *graveur, penseur, porteur*.

Pergunta: O que prova que esse elemento -eur seja realmente isolado por uma análise da língua?

Resposta: Como em todos os casos parecidos, são os neologismos, ou seja, as formas em que a atividade da língua e sua maneira de proceder conseguem se manifestar num documento irrecusável: *men-eur, os-eur, recommenc-eur*.

Por outro lado, as mesmas formações atestam que os elementos *men-, os-, recommenc-* são percebidos como unidades significativas. [grifos do autor] (ELG, p. 159)

Notemos que o falante figura, no procedimento analógico, como personagem fundamental: se é a língua, enquanto sistema, que permite a analogia, é o falante que a executa, baseado, como já afirmamos, em sua capacidade criativa e no conhecimento que tem das unidades que significam na língua:

a criação, que lhe [da analogia] constitui o fim, só pode pertencer de começo à fala; é obra ocasional *de uma pessoa isolada*. É nessa esfera, e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno. Cumpre, entretanto, distinguir duas coisas: 1º a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si; 2º o resultado sugerido pela comparação, *a forma improvisada pelo falante* para a expressão do pensamento. Somente esse resultado pertence à fala. [grifos nossos] (CLG, p. 192)

É no que Saussure denomina de eixo sintagmático que a ação do falante ocorre, ou seja, no discurso, no momento fugaz em que agrupa linearmente unidades da língua para significar; trata-se do que o linguista genebrino chama de relações *in praesentia*. Há, porém, ainda um outro eixo que é imediatamente mobilizado quando falamos: trata-se do eixo que evoca todos os termos que não foram utilizados na fala mas que lhe estão, de alguma forma, relacionados, ainda que *in absentia*. Sem este eixo, o eixo associativo, e a conseguinte análise das relações que os termos estabelecem entre si, a analogia não seria possível. Dessarte, o fenômeno analógico só se torna possível pela ação concomitante de ambos os eixos: “toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas” (CLG, p. 192). Saussure nos traz alguns exemplos:

As crianças francesas dizem *viendre* para *venir*, *mouru* para *mort*. Mas também a linguagem dos adultos as oferece. Assim, muitas pessoas substituem em francês *trayait* por *traisait* (...). Todas essas inovações são, em si, perfeitamente regulares; explicam-se pela mesma maneira que as que a língua aceitou; (...). (CLG, p. 196)

Com efeito, como podemos ver na citação acima, ao dizerem *viendre* para *venir*, *mouru* para *mort* ou, ainda, *traisait* para *trayait*, os franceses, no eixo sintagmático, evocam não somente as relações linguísticas que precederam e que sucederam o termo novo (respectivamente, o sentido, o tempo ou a pessoa a que as formas referem-se), mas também outros termos, *in absentia*, presentes somente no eixo associativo: em *viendre*, parece agir o raciocínio que deduz que o radical do verbo acompanha sua conjugação, no caso, *je viens, tu viens, il vient*; já em *mouru*, impera a lógica em relação às formas do particípio passado: se para *courir*, digo *couru*, para *mourir*, digo *mouru*; finalmente, em *traisait*, a associação *in absentia* parece ocorrer em relação aos verbos que terminam em *-re*, notadamente, o verbo *taire*, cuja forma do pretérito imperfeito é justamente *taisait*.

Além da reflexão que acabamos de fazer, da citação acima podemos concluir, ainda, outra característica sobre o fenômeno analógico: o fato de ele produzir formas regulares. De fato, a forma analógica “supõe um modelo e sua imitação regular. (...) é feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (CLG, p. 160). Além disso, ela “se exerce em favor da regularidade e tende a unificar os processos de formação e de flexão” (CLG, p. 187). É assim que, existindo, por exemplo, em francês, *pension-pensionnaire* e *mission-missionnaire*, “qualquer pessoa pode criar *interventionnaire* ou *répressionnaire*” (CLG, p. 189), que proviriam das formas *intervention* et *répression* (em português, intervenção e repressão).

Em seu construto teórico, Saussure situa a analogia como um dos grandes fatores de renovação linguística, colocando, a seu lado, a mudança fonética. A diferença entre os dois fenômenos se daria no eixo de tempo considerado: enquanto a primeira se daria sincronicamente, a segunda ocorreria diacronicamente:

Há, de um lado, a mudança *fonética* e, de outro lado, a mudança que recebeu diversos nomes sendo que nenhum é excelente, mas dos quais o mais usado é mudança *analógica*. (...) Pode-se opor, sob diversos pontos de vista, esses dois grandes fatores de renovação linguística, dizendo, por exemplo, que o primeiro representa o lado fisiológico e físico da fala enquanto o segundo corresponde ao lado psicológico e mental do mesmo ato –, que o primeiro é inconsciente, enquanto o

segundo é consciente, sempre lembrando que a noção de consciência é eminentemente relativa, de sorte que se trata apenas de dois graus de consciência, sendo que o mais elevado é ainda o da pura inconsciência, comparado ao grau de reflexão que acompanha a maior parte dos nossos atos –, opõe-se também, com frequência, essas duas ordens de fatos, dizendo que um diz respeito aos sons e a outra às formas gramaticais, o que não é uma ideia clara porque as formas da língua nada mais são do que os sons, mas pode-se dizer que uma ataca a forma pelo lado do som e a outra, a ataca pelo lado da ideia; pode-se dizer, também, que uma representa operações puramente *mecânicas*, ou seja, em que não se pode descobrir nem objetivo nem intenção e, a outra, operações *inteligentes*, em que é possível descobrir um objetivo e um sentido. [grifos do autor] (ELG, p. 139)

Notemos que, ao elencar as características da mudança fonética, Saussure relaciona-a, seguidamente, àquilo que exclui da Linguística: o estudo do som puro visto diacronicamente e o estudo das articulações que produzem os sons. De fato, se entendermos por mudanças fonéticas alterações de motivação somente acústica ou articulatória, é coerente um posicionamento teórico que não as situe em um estudo sincrônico de língua. Parece-nos, no entanto, haver um outro raciocínio possível: sendo o sistema fonético um sistema da língua, formado por diferenças de sons e de representação, não poderíamos conceber a existência de fenômenos analógicos de base fonética, isto é, de criações a partir de associações sonoras? Ora, entre a imagem acústica e o significante, o eixo associativo continua presente e atuante, produzindo, como vimos acima, as diferenças entre efeito procurado e efeito produzido.

Além disso, não é menos importante o fato de que qualquer novação analógica ocorre na fala: “Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo” (ELG, p. 87). É nessa instância que, além dos signos previstos na língua, operam também diversos fatores, dentre eles a plasticidade do significante, que adquire novas feições em cada mudança de ritmo, de acordo com cada entorno articulatório. De fato, o valor de uma forma em um sistema não é fixo, ele depende constantemente da associação de matéria fônica a significado:

a novação morfológica, fenômeno cuja natureza, capacidade e unidades temos que estabelecer a toda hora, compreende: 1º, tudo o que se reúne sob o termo “mudanças analógicas”; 2º, qualquer deslocamento do valor dos signos ligado à mudança fonética das figuras vocais. (ELG, p. 79)

Ora, ainda que Saussure, no trecho acima, refira-se à fonética diacrônica, parece-nos possível pensar que, se a matéria fônica compõe o sistema linguístico, ela pode, também, sofrer alterações por associações *in absentia*, assim, parece-nos coerente vislumbrarmos, a possibilidade de que criações analógicas ocorram, também, em função de fatores fonéticos. Dessarte, se o eixo associativo também compreende as distintividades das imagens acústicas, não podemos excluí-las como fator que influenciam sincronicamente nas criações que um falante empreende com base em sua língua. Veremos com muita clareza como tal fator aparece no fenômeno de apropriação de línguas estrangeiras na próxima subseção.

4.4.1. A criação analógica em língua estrangeira

Na seção anterior, vimos que a analogia é um fenômeno de criação inteligente que ocorre em estados de língua, isto é, sincronicamente. E sincrônica também deve ser a análise efetuada pelo linguista. Mas onde reside o sincrônico? Como delimitá-lo? Saussure fornece-nos a resposta: “A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, *para o indivíduo falante*, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado” [grifos nossos] (CLG, p. 97); e ainda: “[a linguística sincrônica] se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos *pela consciência coletiva*” [grifos nossos] (CLG, p. 116). É, pois, na perspectiva dos falantes (CLG, p. 247) que reside o sincrônico.

Percebamos que a afirmação de Saussure não se dirige explicitamente à língua materna. Tal hipótese é possível, embora jamais confirmada por Saussure. De fato, o linguista suíço trata do linguístico e o linguístico reside no momento em que uma porção de som é associada a uma ideia e produz, portanto, um signo, como insiste Saussure no capítulo do Curso sobre o signo linguístico.

O falante que se apropria de uma língua estrangeira está constituído, já, por um sistema sincrônico primeiro, sua língua materna, e almeja apropriar-se de um segundo. Conseguiria ele compartimentar perfeitamente tais sistemas? Ou o sincrônico, para um falante de uma língua não materna, reside, justamente, na contiguidade entre tais sistemas? Responderemos a tais interrogantes ao longo desta subseção, em que analisaremos a produção linguística em língua estrangeira à luz do conceito de analogia, proposto por Saussure. Veremos também que o fenômeno analógico aparece, inúmeras vezes, em línguas não maternas, através da noção de erro, isto é, quando a dita forma não apresenta as características

manifestadas por falantes nativos ou prescritas em gramáticas.

Tomemos como exemplo as produções “pergunté”, “estudiantes”, “appartement”, “ultim”, “secure”, “confusés”, “mestrai”, “doctorai”, “subterrine”, “infelizment” e “coloquer”, advindas de duas entrevistas feitas com MIC, um brasileiro falante de francês, e publicadas em nosso Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível?* (Gomes, 2011). Se apresentarmos tais formas a um falante nativo de francês, ele provavelmente as entenderá, muito embora aponte algumas discordâncias em relação às formas que utilizaria normalmente. Em um curso de língua francesa, também, muito provavelmente, tais formações seriam consideradas errôneas e, possivelmente, corrigidas pelo professor, que acentuaria a forma considerada correta para a variante de língua que ensina: *demandé, étudiants, appartement, dernière, sûr, confus, master, doctorat, souterraine, malheureusement, e mettre*.

O falante, no entanto, não forja formas completamente ausentes na língua francesa; aliás, muito pelo contrário, em cada uma das palavras, utiliza elementos da língua-alvo, mobilizando o que parece ser o eixo associativo de que dispõe em francês. Porém, não é somente a esse eixo que apela: resgata, também, formas de sua língua materna, o português, e cria, assim, formas analógicas.

Em “pergunté”, utiliza o sufixo formador de particípio passado dos verbos regulares terminados em *-er, -é*, mas, para o radical, utiliza o sentido e a forma da língua portuguesa, *pergunt-*; em “estudiantes” e em “appartement”, reproduz, respectivamente, uma parte do termo tal como é em francês, *étudiants* e *appartement*, muito embora aplique elementos de sua língua materna: o fonema [s] e o [a], respectivamente; em “ultim”, utiliza corretamente a forma, embora atribua um valor diferente daquele utilizado na variante parisiense, já que o utiliza no sentido de último e, em francês, *ultime* tem o valor de derradeiro, enquanto é *dernier* a unidade mais utilizada para ordenamentos; em “secure”, parece evocar, pelo eixo associativo, a palavra francesa *sécurité*, mas produz uma forma deveras parecida com a do português, “segura”, que também tem três sílabas, é paroxítona e apresenta uma plosiva velar na sílaba tônica; em “mestrai” e “doctorai”, a associação parece se dar com as imagens acústicas, já que o grafema *-ai-* tem como relação fonêmica [e] ou [ɛ] e que, em francês, mestrado é pronunciado [mas'tɛR] – a pronúncia de [dokto'ʀɛ] parece, portanto, ocorrer por associação à primeira; finalmente, em “subterrine”, o falante emprega o primeiro dos dois radicais pela forma em português, *sub*, e o segundo, pela forma em francês; com as formas “infelizment” e “coloquer”, o procedimento é semelhante: radicais do português e sufixos do francês: *-ment* e *-er*, respectivamente.

Com tais produções, que se revelam verdadeiros fenômenos analógicos, formados por claras associações *in absentia* de formas do sistema materno e do estrangeiro, devemos admitir a hipótese segundo a qual a sincronia, na expressão de um falante de língua estrangeira, seja composta por todos os sistemas linguísticos que o falante conhece, que estão, por sua vez, em relação de contiguidade e não de compartimentalidade. Senão, como explicar as formas que acabamos de analisar?

De fato, não se trata de expressões que nascem *ex nihilo*, conforme bem nos aponta Saussure:

(...) Não há melhor maneira de perceber o que é isso [o fenômeno de analogia] do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três a quatro anos. Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas. (...) *Venirai*. Como je *venirai*? Para isso é preciso que, em primeiro lugar, a criança conheça *venir* e que associe, em seu espírito, a ideia contida em *venir* com a que deseja exprimir; mas isso não basta; é preciso, em segundo lugar, que ela tenha ouvido dizer *punir* e *je te punirai* ou *choisir* [*je choisirai*]. Então, acontece o fenômeno *punir*: *punirai* = *venir*: *venirai*. Nada de mais consequente, nada de mais lógico e de mais certo do que o raciocínio que conduz a *venirai*. Observemos, em seguida, uma das características desse fenômeno: *em certo sentido*, isso não é uma transformação, é uma *criação*; mas, em última análise, não passa de uma transformação, já que todos os elementos de *venirai* estão contidos nas formas existentes, fornecidas pela memória; *punirai*, *punir* ou, então, se assim se desejar, o sufixo – *ir*; o sufixo – *irai* e sua relação de significação. Sem a presença desses elementos, *venirai* é simplesmente impossível. Não haverá jamais criação *ex nihilo*, mas cada inovação será uma nova aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem. [grifos do autor] (ELG, p. 139-140)

Ora, como o falante teria conseguido utilizar formas do sistema alvo sem estar situado nesse sistema, isto é, sem conhecer as unidades que o compõem? E, ainda: se foi o sistema que permitiu tais formas, como considerá-las erros? Parece claro que o falante, ao efetuar tantos processos analógicos com base no sistema linguístico alvo, já está situado nesse sistema. Caso contrário, como efetuar analogia em língua estrangeira sem o eixo associativo que acompanha a língua?

Se a analogia é o principal fenômeno atuando no processo de apropriação de línguas estrangeiras, ela não é, no entanto, o único. Há, ainda, outro princípio da língua que nos parece igualmente imperativo e que se coloca, imediatamente, quando tratamos da capacidade

comunicativa: trata-se do valor. Afinal, constatar que a expressão em língua estrangeira de MIC contém formas compostas por elementos advindos tanto de sua língua materna, o português, quanto da língua-alvo, o francês, não garante sua capacidade de comunicação com falantes nativos de francês que não dominem a língua portuguesa (em situações em que seu interlocutor conhece ambos os sistemas, a comunicação parece muito mais evidente).

Com efeito, além da identificação das unidades que compõem uma língua, a compreensão do valor de uma forma parece figurar, também, como condição para a possibilidade do procedimento analógico, isto é, como condição para que uma forma, de fato, signifique. Partamos de exemplos de situações de apropriação de línguas estrangeiras para ilustrar o que acabamos de afirmar. Para tanto, tomemos como exemplo o falar de MIC:

Exemplo 1

1. **JAN:** Donc qui est le requérant principal?

2. **MIC:** C'est **man épouse** (...), Dani.

Exemplo 2

13. **JAN:** Où vous êtes nés?

14. **MIC:** Ahhh (...) **Je suis né** à Maceió (...)

15. **JAN:** Et votre épouse?

16. **MIC:** Ééé [...] **ele a née** (...) à Rio Grande do Sul...

17. **JAN:** Ok... et quelle ville?

18. **MIC:** **Elle née** à [...] Ahh [...] Je ne me souviens pas mais c'est une petite ville de Rio Grande do Sul.

Exemplo 3

34 **MIC:** (...) C'est comme une petite ville. **Tout le monde connaît** tout le monde que c'est plus [...] **faire l'amizé** [...], non [...] amizé, non [...] amizé? Je ne [...]

Exemplo 4:

94 **JAN:** Le temps [...] Ok. Et pourquoi vous voulez immigrer au Canada?

95 **MIC:** Ah! Beaucoup de mots. Beaucoup de raisons mais le principal, c'est sécurité, la

santé et aussi l'éducation. Parce que **nous avec besoin** un place que c'est secure et **que valorise** la personne. Et **pour crier notres** enfants. (...)

Vejamos, primeiramente, que, em todas as suas falas, MIC utiliza unidades que significam em francês.

De fato, no **exemplo 1**, utiliza a forma que estabelece que, antes de substantivos iniciados por vogal, emprega-se a forma masculina do adjetivo pessoal, *mon*. MIC, no entanto, adapta-o, parece-nos, com uma unidade de sua língua materna, o português, que associa o sufixo *-a* a formas femininas. Assim, de *mon épouse*, a forma esperada em francês, MIC efetua *man épouse*.

No **exemplo 2**, MIC produz três formas diferentes do passado: a primeira, com o verbo auxiliar esperado, o verbo *être*, conjugado no presente (“Je suis né (...)”); a segunda, com um segundo verbo auxiliar possível, aquele utilizado com a grande maioria dos verbos em francês, o auxiliar *avoir* (“Elle a née (...)”); e, finalmente, a terceira, em que suprime o auxiliar, muito embora mantenha o verbo principal na forma esperada em francês (“Elle née à (...)”).

No **exemplo 3**, há duas ocorrências, ambas envolvendo significantes e imagem acústica, já que tanto a primeira, “tout le monde connaître”, quanto a segunda, “faire l'amizé”, apresentam variações possíveis do fone [e]. A expressão nos conduz, portanto, para uma hipótese fonética acerca do procedimento analógico e é difícil afirmar se a analogia ocorre com base na língua materna ou estrangeira, já que, tanto em uma quanto em outra, o verbo apresenta o fone [ɛ] em sua sílaba tônica [ko'Nɛs] e [ko'nɛ]; em “amizé”, a analogia fonética parece clara em relação ao próprio sistema alvo, uma vez que a palavra francesa para amizade é *amitié* e apresenta, pois, o fone [e], assim como na forma produzida [ami'ze].

O **exemplo 4** apresenta, no primeiro momento, “nous avec besoin”, analogia com base em um elemento fonético da língua estrangeira; já o segundo envolve elementos híbridos de língua materna e de língua-alvo, “pour **crier notres** enfants”. Em “nous avec besoin”, há, parece-nos, a presença, *in absentia*, da imagem acústica [av] associada a [ɛk], e não a [õ], como seria a expressão em francês *nous avons besoin*; enquanto em [kRi'e] e em ['nõtR] há dois processos distintos, o primeiro, levando em conta o radical do português e o sufixo do francês, *-er*, e o segundo, mantendo a estrutura do francês e acrescentando o sufixo *-s*, do português, para designar o plural.

Analisemos especificamente cada exemplo à luz da noção de valor saussuriana.

Ao produzir *man épouse*, no **exemplo 1**, MIC mostra compreender e aplicar uma condição morfológica da língua francesa: que o adjetivo possessivo, antes de palavras que iniciem por vogal, deve apresentar o que é considerado por muitos gramáticos a consoante de ligação -n, o que acaba levando a forma para o masculino. Assim, ao invés de *ma épouse*, emprega-se *mon*. No **exemplo 2**, se MIC mostra-se ainda recorrente ao sistema materno (ao apagar o auxiliar na sentença “Elle née (...)”), aparenta, no entanto, já estar situado no sistema estrangeiro, uma vez que, majoritariamente em sua expressão, mostra compreender que o valor do passado em francês demanda a mobilização de dois verbos, o auxiliar, conjugado no presente, e o principal, conjugado no particípio passado. O **exemplo 3** atesta, no caso da expressão *connaître*, a compreensão do valor do fone [ɛ] no verbo em questão, que indica a terceira pessoa do singular. O **exemplo 4** também é testemunha da compreensão do valor das formas da língua francesa e situa, portanto, o falante nessa língua: compreende, por exemplo, que para significar a expressão *avoir besoin de*, que, em português, seria o verbo “precisar”, é necessário empregar três formas, uma delas tendo o radical [av]; já as formações “crier” e “notres” testemunham, respectivamente, da compreensão do valor de verbos no infinitivo, que, em francês, são mais produtivos com o sufixo -er, e do valor do plural em francês, que ocorre, em geral, pelo acréscimo do sufixo -s. Lembremos, a esse respeito, da subseção em que tratamos da imagem acústica: a capacidade de lembrar que um determinado som tem valor em uma língua também é um anunciador de que o falante – e ouvinte – já está nela situado, visto que a imagem acústica é da ordem do fato social, e, portanto, da língua.

A partir dessas análises, podemos, então, afirmar que MIC reconhece, ainda que por vezes fragilmente, as unidades e os valores que compõem o sistema da língua de que se apropria, o francês, e os utiliza coerentemente com o sistema. Afinal, sendo todo o estado de língua sujeito à ação do tempo e dos falantes, qualquer indivíduo que se expresse em um determinado idioma dispõe de uma significativa margem de manobra dentro desse sistema⁵⁹, tanto no que concerne aos valores quanto às próprias pronúncias. Além disso, não esqueçamos que, para ser capaz de efetuar procedimentos analógicos – sobretudo aqueles em que parte somente do sistema alvo –, ao falante é necessário conhecer e interpretar as unidades que compõem o sistema. De fato, ao criar verbos com sufixo -er, ao utilizar auxiliares nas formações em passado composto e ao propor formas com imagens acústicas muitíssimo semelhantes às esperadas na língua-alvo, MIC já advoga a si mesmo como um falante-ouvinte

⁵⁹ Loïc Depecker, estudioso de Saussure, a esse respeito, afirma que “o valor se situa, portanto, em vários planos. No mínimo ele se encontra vinculado ao sistema da língua e resulta da ação dos elementos entre si. Mas ele também está ligado aos sujeitos falantes, que estão sempre interpretando e dando sentido aos elementos” (Depecker, p. 145, 2012).

da língua francesa, já que, ao identificar unidades linguísticas, é capaz de criar a partir delas.

4.4.1.1. A analogia como marca da apropriação

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor,
esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável,
o Padre me disse.
Ele fez um limpamento em meus receios.
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,
pode muito que você carregue para o resto da vida
um certo gosto por nadas...
E se riu.
Você não é de bugre? – ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas -
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas
e os ariticuns maduros.
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática.

(Manoel de Barros, do Livro das ignoranças)

Até o momento, estudamos a analogia no processo de apropriação de línguas estrangeiras por seu viés criador e enquanto produto que evidencia a capacidade do falante em situar-se no idioma alvo, uma vez que produz formas e sentidos coerentes com esse sistema. No entanto, tais procedimentos, se justificáveis pelo viés linguístico que nos propõe Saussure, nem sempre são acolhidos em situação de aprendizagem de línguas estrangeiras, ainda que o ouvinte-professor compreenda a expressão de seu aluno. É nesse sentido que, nesta seção, iremos analisar o conceito de erro, tal como empregado em certas teorias e, por conseguinte, no ensino de línguas estrangeiras, à luz do conceito de analogia. Além disso, há outros dois conceitos deveras utilizados para caracterizar fenômenos linguísticos presentes no contato entre línguas que também convém aqui trabalharmos, já que têm como característica principal o hibridismo de formas e a oscilação entre duas línguas: trata-se das noções de interlíngua e de *code-switching*.

Antes de iniciarmos nossas reflexões, é mister, no entanto, mencionarmos o desafio que constituiu a elaboração desta seção. Como já diversas vezes salientamos, nosso trabalho nasce de questionamentos acerca da apropriação de línguas estrangeiras à luz do legado

saussuriano. Trata-se, portanto, de um estudo teórico. Contudo, ao apresentarmos nossas reflexões em eventos de linguística⁶⁰ ao longo de 2015, deparamo-nos com interrogantes que, de certa forma, confrontavam nosso estudo com o que já há de relevante acúmulo teórico na área de ensino de línguas e de línguas em contato e que é comumente ensinado em formações para professores. Assim, colocamo-nos a estudar de forma mais aprofundada os conceitos que ora trazemos à tona: erro, interlíngua e *code switching*. O que elaboramos aqui são, pois, reflexões iniciais, que buscam aprimorar o que viemos a desenvolver no campo da linguística saussuriana acerca da apropriação de línguas estrangeiras, tentando levar em conta o que já se produziu em termos de apropriação de línguas não maternas.

Isso posto, podemos retomar nossas reflexões.

Uma primeira delimitação necessária diz respeito às áreas às quais estão atrelados os conceitos acima apresentados: uma breve embora profunda pesquisa indicou-nos, no mínimo, dois principais campos de estudos, a saber, a linguística aplicada e a didática de línguas⁶¹,

⁶⁰ Os questionamentos acerca da diferenciação de nosso trabalho em relação aos de bilinguismo são oriundos de uma apresentação de trabalho no colóquio *Le mot dans la langue et dans le discours*, ocorrido em Bialystok, na Polônia, em meados de março de 2015.

⁶¹ A distinção entre linguística aplicada e didática de línguas parece ter sido estabelecida por didaticistas francófonos na década de 1970, conforme vemos no texto “L’émergence du concept de “didactique des langues” en France” (PUREN, s.d.)

O ensino das línguas, durante muito tempo considerado como uma arte, evoluiu consideravelmente no curso deste século e já adquiriu, nos melhores casos, um certo rigor científico. Estivemos, talvez, errados de querer fazer dele uma espécie de sub-produto da linguística, colando nela a etiqueta de “linguística aplicada”. Isso indis põe os linguistas que olham com algum desprezo esse filho bastardo. Isso tampouco satisfaz aos especialistas da metodologia das línguas, que se sentem desconfortáveis na pele dos linguistas, até mesmo, os “aplicados”. Eles também têm o sentimento que sua disciplina é tanto da psicologia aplicada que da linguística aplicada, assumindo o risco de, desta vez, desagradar aos psicólogos.

Qual expressão propor? A linguística aplicada britânica, depois de Mackins e de Peter Strevens, fala de *methodics* (para estabelecer uma distinção entre *methodology*, que não implica necessariamente uma atitude científica). Um famoso livro de Robert Lado se chama *Language Teaching, a Scientific Approach*... “Perspectiva científica”? Isso parece muito uma mistura de francês com inglês [“franglais”]. Por que não falar de “didática das línguas”, como faz W.F. Mackey? São diferentes aspectos dessa disciplina que serão tratados nas páginas que seguem. (p.2) [grifos do autor]

No original:

L'enseignement des langues, longtemps considéré comme un art, a considérablement évolué au cours de ce siècle et a déjà acquis dans les meilleurs des cas, une certaine rigueur scientifique. On a peut-être eu tort de vouloir en faire une sorte de sous-produit de la linguistique en lui collant l'étiquette de « linguistique appliquée ». Cela indispose les linguistes qui regardent avec quelque mépris cet enfant bâtard. Cela ne satisfait pas non plus les spécialistes de la méthodologie des langues, qui se sentent mal à l'aise dans le costume de linguistes, même « appliqués ». Ils ont aussi le

como base para nossas pesquisas acerca de erro, interlíngua e *code-switching*. Com efeito, a literatura é bastante vasta e não necessariamente concorda entre si no que concerne à alocação dos conceitos com que ora trabalhamos. De fato, enquanto erro e interlíngua parecem estar mais associados à área da didática de línguas, portanto, ao ensino, estudos sobre *code-switching* parecem vir atrelados a estudos da linguística aplicada e a situações de contato de línguas, como casos de imigração, além de estudos sobre bilinguismo. Assim, poderíamos concluir que o primeiro, originário de debates didáticos, classifica produções e situações de língua – erro e interlíngua, respectivamente –, enquanto o segundo, advindo de estudos primariamente descritivos, conceitualiza um fenômeno – o do *code-switching*.

Visto que não visamos, neste trabalho, discutir especificamente erro, interlíngua e *code-switching* e que, ao contrário, ambicionamos, unicamente, explicitar as nuances entre tais estudos e o que ora empreendemos, não iremos nos deter nos meandros das discussões entre linguística aplicada e didática de línguas e, tampouco, nas distinções que a mais qualificada rede de autores atribui a cada conceito. De fato, nosso objetivo nesta subseção centra-se na necessidade de delimitar nosso estudo e de apontar sua distintividade em relação ao que já se pesquisou em termos de apropriação de línguas estrangeiras e ao que se emprega comumente na prática docente. Para tanto, partiremos do *Dictionnaire de Didactique du Français – langue étrangère et seconde*, dirigido pelo didaticista francês Jean-Pierre Cuq, manual que é frequentemente citado como principal recurso para a formação de professores de francês, dentro do eixo França-América Latina.

Um questionamento que poderia aparecer agora, após a explicitação das referências que utilizaremos nesta seção, diz respeito à coerência entre colocar em contato um estudo de base teórica, o nosso, com uma rede de conceitos de base didática e de linguística aplicada, como o são os conceitos de erro e interlíngua e de *code-switching*. Se é verdade que tais campos dialogam na academia e que a linguística contribui para a prática do ensino, enquanto esta contribui com questionamentos aos estudiosos da linguagem, também é verdade que ambas as áreas estão autonomamente estruturadas. Nosso estudo, como já pontuamos no

sentiment que leur discipline est autant de la psychologie appliquée que de la linguistique appliquée, au risque de déplaire cette fois aux psychologues. Quelle expression proposer ? La linguistique appliquée britannique, après Mackins et Peter Strevens, parle de *methodics* (pour faire une distinction avec *methodology*, qui n'implique pas nécessairement une attitude scientifique). Un livre célèbre de Robert Lado s'intitule *Language Teaching, a Scientific Approach*. « Approche scientifique » ? Cela sonne très « français ». Pourquoi ne pas parler de « didactique des langues », comme le fait W. F. Mackey ? Ce sont différents aspects de cette discipline qui seront traités dans les pages qui suivent.

início, situa-se claramente na área da linguística teórica e, especificamente, em um saber que tem por base o deslocamento teórico de escritos saussurianos. No entanto, é também verdade que o processo de apropriação de línguas estrangeiras se dá fortemente em situação de ensino, razão pela qual tantas vezes tecemos hipóteses, ao longo deste trabalho, sobre uma possível adoção, em sala de aula, de uma postura frente língua e fala que se ancore em conceitos desenvolvidos por Saussure. É, pois, no sentido de adotar uma postura dialógica, que compreende que a pesquisa científica em linguística precisa dialogar com seu entorno, que propomos colocar a discussão deste trabalho – sobre apropriação de línguas estrangeiras – em relação ao que já se produziu em termos de línguas estrangeiras e, a partir daí, tentar explicitar nossa reflexão⁶².

4.4.1.2. Erros em língua estrangeira: signos anunciadores da apropriação

Nací en Bruselas en agosto de 1914. Signo astrológico, Virgo;
 por consiguiente, asténico, tendencias intelectuales,
 mi planeta es Mercurio y mi color es el gris,
 aunque en realidad me gusta el verde.
 Mi nacimiento fue un producto del turismo y la diplomacia;
 a mi padre lo incorporaron a una
 misión comercial cerca de la legación argentina en Bélgica,
 y como acababa de casarse se llevó a mi madre a Bruselas.
 Me tocó nacer en los días de la ocupación de Bruselas
 por los alemanes, a comienzos de la Primera Guerra Mundial.
 Tenía casi cuatro años cuando mi familia pudo volver a la Argentina;
 hablaba sobre todo el francés y de él me quedó
 la manera de pronunciar la «r» que nunca pude quitarme.

Julio Cortázar, carta a Graciela Maturo enviada de Paris em 1963

O *Dictionnaire de Didactique du Français – langue étrangère et seconde*, dirigido por CUQ (2003), apresenta dois termos para o que chamamos, em português, de erro – *erreur* et *faute*. O primeiro é caracterizado como um “uma distância em relação à representação de um funcionamento normatizado, (...) [e] foi durante muito tempo relacionado, em *Didactique des Langues*, às interferências da língua materna e da língua estrangeira”⁶³ (CUQ, p. 86). Além disso, afirma Cuq, é possível, distinguir “diversos mecanismos psicolinguísticos que atuam

⁶²Notemos que tal é a estrutura da célebre obra sobre aquisição de segunda língua *How languages are learned* (Lightbown, Spada: 2004): as autoras dedicam-se ao sobrevôo dos estudos já efetuados sobre aquisição de segunda língua e aproveitam, também, para empreender reflexões sobre o ensino.

⁶³No original: “écart par rapport à la représentation d'un fonctionnement normé, (...) [et] a longtemps été liée en didactique des langues aux interférences de la langue maternelle et de la langue étrangère”.

na produção dos aprendizes”⁶⁴, dos quais destaca a invariabilidade de emprego, dando o exemplo de “j'ai parti”, em que teria sido utilizado o auxiliar incorreto para formar o passado composto.

Por fim, ainda no verbete *erreur*, Cuq elenca algumas perspectivas que já exploraram o fenômeno, dentre as quais a abordagem cognitiva, que “considera o erro como uma etapa na estruturação progressiva da interlíngua e como o índice de uma dinâmica de apropriação do sistema”⁶⁵ (CUQ, p. 87). Dessa perspectiva, o autor deriva, ainda, dois pontos de vista possíveis: um imanentista e outro interacionista. Assim os explica na sua relação com o erro:

Conforme privilegiemos os sistemas abstrato interno ou a atividade interacional, o erro tem duas interpretações. No primeiro caso, há o insucesso das operações cognitivas; no segundo, a qualidade e a quantidade das interações não permitem ao aprendiz interiorizar, de maneira satisfatória, os funcionamentos linguísticos. (CUQ, p. 87)⁶⁶

Já no verbete *faute*, o autor classifica os erros em língua estrangeira, elencando duas modalidades: os erros de competência, que são recorrentes e não suscetíveis de autocorreção, e os erros de desempenho, por sua parte, ocasionais, não repetitivos e presentes na consciência do locutor. Por fim, Cuq cita brevemente o tratamento dado os erros segundo diferentes métodos de ensino de línguas não maternas:

No plano das metodologias de ensino, a *faute* foi sucessivamente concebida como uma injúria ao bom uso (perspectivas tradicionais), como uma 'erva daninha que deve ser estirpada', um ataque ao sistema da língua e uma carência (método audiovisual de orientação behaviorista) ou como o índice de uma dinâmica de apropriação da língua estrangeira (perspectivas comunicativas, análises de erros). Essa última posição metodológica nasce de uma concepção construtivista e cognitivista da interlíngua. (CUQ, p. 101)⁶⁷

⁶⁴ No original: “plusieurs mécanismes psycholinguistiques à l'oeuvre dans la production des apprenants”.

⁶⁵ No original: “considère l'erreur comme une étape dans la structuration progressive de l'interlangue et comme l'indice d'une dynamique d'appropriation du système”.

⁶⁶ No original:

Selon qu'on privilégie le système abstrait interne ou l'activité interactionnelle, l'erreur relève de deux interprétations. Dans le premier cas, il y a la défaillance des opérations cognitives; dans le second, la qualité et la quantité des interactions ne permettent pas à l'apprenant d'intérioriser de manière satisfaisante les fonctionnements linguistiques.

⁶⁷ No original:

Au plan des méthodologies d'enseignement, la *faute* a été successivement conçue comme une injure au bon usage (approches traditionnelles), comme une « mauvaise herbe à extirper », une atteinte au système de la langue et une carence (méthodes audiovisuelles de perspective behavioriste) ou

Como podemos observar, não são poucos os elementos que circundam a noção de erro – e, aqui, nos referimos tanto à noção de *erreur* quanto à de *faute* – no campo da didática de línguas e, portanto, em ambientes de transmissão de línguas estrangeiras mediados pelo ensino-aprendizagem. Resumidamente, tais são as características do que se considera erro, guardadas, é claro, as referências às teorias a que se vinculam:

- uma produção distante da forma normatizada da língua-alvo;
- uma produção que é fruto de interferências da língua materna, ou, ainda, que é fruto de mecanismos psicolinguísticos;
- uma produção que só estaria presente em uma etapa da evolução linguística do aprendiz;
- uma produção, segundo as perspectivas cognitivista e interacionista, que designaria uma impasse cognitivo e uma dificuldade de interiorizar satisfatoriamente os funcionamentos linguísticos;
- e, por fim, de acordo com as metodologias de ensino, o erro já foi tido como uma injúria ao uso recomendado, uma erva daninha que deveria ser estirpada, um ataque contra o sistema da língua, uma carência, e, finalmente, como o índice de uma dinâmica de apropriação da língua estrangeira.

Notemos que, salvo em algumas definições que levam em conta a noção de apropriação, o erro aparece como produções que vão na contramão do êxito da aprendizagem de uma língua estrangeira, quer porque ele não reproduz formas normatizadas da língua, quer porque ele poderia designar uma incapacidade, talvez, cognitiva, do próprio falante. Além disso, parece haver uma apreciação negativa da língua materna, como se ela fosse nociva à apropriação de outras línguas. Ora, dedicamos toda a seção anterior deste estudo a analisar as produções de um falante que apresenta formações em francês que seriam consideradas errôneas do ponto de vista gramatical e que, no entanto, continuam a significar na língua-alvo. A presença da língua materna tampouco parece se impor como problemática, na medida em que o falante recorre a ela mas não se restringe a ela: cria formas coerentes com a regularidade da língua francesa e consegue, assim, comunicar-se.

Uma objeção, no entanto, poderia ser colocada: nosso *corpus* ilustrativo se baseia na

comme l'indice d'une dynamique d'appropriation de la langue étrangère (approches communicatives, analyses d'erreurs). Cette dernière position méthodologique relève d'une conception constructiviste et cognitiviste de l'interlangue.

expressão de um falante de nível não avançado e a fala proficiente já não apresentaria erros e, tampouco, intervenções da língua materna. Nossas pesquisas, porém, nos levam a um posicionamento sobre uma presença perene da língua materna na expressão em língua estrangeira⁶⁸; tentaremos explicitar nosso ponto de vista com exemplos da expressão de uma falante fluente em francês. Na mesma entrevista que reproduzimos de MIC, a entrevistadora, JAN, professora de língua francesa há 8 anos, com diversas experiências em países francófonos, formula frases como:

<p>Exemplo 1</p> <p>13. JAN: Où vous êtes nés?</p> <p>14. MIC: Ahhh [...] Je suis née à Maceió, ... é [...] Alagoas.</p>
<p>Exemplo 2</p> <p>63. JAN: Ok. Quelle est l'entreprise où vous êtes resté plus de temps?</p> <p>64. MIC: Ah [...] Onze mois à Planetec et puis qua, six mois, je pense, à API.</p>
<p>Exemplo 3</p> <p>217. JAN: Est-ce que tu peux me raconter un événement de ta vie d'enfance?</p> <p>218. MIC: Hum [...] Quelque chose? Quelque chose spéciale?</p>

Podemos perceber nos exemplos acima que, mesmo a locutora fluente de francês traz, em sua fala, traços de sua língua materna. Tal fala, notemos, se submetida a uma análise normativa da língua, seria considerada errônea. Vejamos:

No **exemplo 1**, a ordem sintática, segundo a gramática francesa, estipula a inversão de sujeito e verbo, devendo a frase ser pronunciada na seguinte ordem: *Où êtes-vous nés?*. Em outras situações, a mesma locutora adota a inversão considerada gramaticalmente correta. Ora, não precisamos refletir longamente para nos darmos conta de que ela adota a sintaxe de sua língua materna, o português, em que a ordem sintática é partícula interrogativa + sujeito + verbo.

No **exemplo 2**, por outro lado, está em jogo uma questão sobre o valor da expressão

⁶⁸ Como já citamos, um estudo aprofundado sobre o tema pode ser encontrado no trabalho “O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível?”, disponível em <http://hdl.handle.net/10183/39339>.

utilizada. Trata-se de uma fala perfeitamente compreensível para um francófono nativo, que, no entanto, não reproduz o valor esperado no idioma francês. De fato, a locutora utiliza uma expressão traduzida do português, mais tempo (*plus de temps*), enquanto um nativo utilizaria *plus longtemps*.

Finalmente, **no exemplo 3**, para o dizer "raconter ta vie d'enfance", a forma comumente veiculada em francês seria *raconter ton enfance*, mas a falante opera uma espécie de tradução da forma-sentido de sua língua materna para o francês.

Ao constatarmos a presença da língua materna na produção de uma falante assídua da língua francesa e, ao mesmo tempo, a total comunicabilidade de seus dizeres, parece-nos, no mínimo, pertinente, neste momento, colocar em suspenso a noção de erro, tal como a concebe a didática de línguas, na expressão em língua estrangeira. De fato, além de produzir formas significantes em francês – e de fazê-lo utilizando, por vezes, formas e sentidos de sua língua materna – a falante não deixa, em momento algum, de situar-se no sistema linguístico alvo, o francês. Além disso, repetimos, as formas produzidas não nascem *ex nihilo*, mas, ao contrário, advêm das relações estabelecidas dentro dos sistemas linguísticos de que dispõe.

Neste ponto, convém mencionarmos, ainda, outra caracterização do erro, segundo o dicionário que ora utilizamos: trata-se da ideia de que produções consideradas errôneas representam, em verdade, uma etapa no processo de apropriação de línguas estrangeiras. Se levarmos em conta que, de um lado, tanto na expressão iniciante-intermediária quanto na expressão avançada em língua francesa, pudemos constatar a presença da língua materna, e que, de outro, essa presença é elencada como um dos fatores responsáveis pela produção de formas errôneas, talvez possamos vislumbrar uma compreensão alternativa para aquilo que tem sido considerado erro em língua estrangeira, já que, independentemente do nível de língua, a língua materna se faz presente e parece contribuir na atuação de um mecanismo que é interno à língua, a analogia.

Assim, mister faz-se trazermos, ainda uma vez, à tona, tal princípio da língua. Ao aceitarmos o processo analógico como, nas palavras de Saussure, "a substância mais clara da linguagem" (ELG, p. 141), e, ao conjugarmos-lo aos princípios do arbitrário do signo e do valor linguístico, parece-nos difícil continuar a caracterizar as produções analisadas, que significam – e, portanto, comunicam –, como erros, já que as formas ditas errôneas são frutos de criações produzidas a partir do próprio sistema linguístico alvo. Além disso, a própria noção de estado de língua, enquanto dimensão que depende da negociação entre falante e ouvinte, também advoga no sentido da suspensão do conceito, já que cabe ao falante movimentar-se segundo as regularidades do sistema linguístico em que almeja comunicar-se,

associando sons e ideias e, produzindo, a cada momento, seu estado de língua.

Por fim, uma última observação que poderíamos tecer acerca da definição de erro diz respeito a pouca reflexão sobre a escuta no processo de apropriação de línguas estrangeiras. De fato, como vimos anteriormente, para tornar-se falante de uma língua estrangeira, é preciso, igualmente, tornar-se ouvinte: o reconhecimento das unidades, seu agrupamento e a atribuição de significação ocorrem ativamente tanto no momento da fala quanto da escuta, sob pena de inexistência de comunicação. Afinal, como comunicar se não compreendemos o outro? Há, de fato, um ativo presente na escuta, que precisa reconhecer e associar para significar. Não vemos, no entanto, esse ativo colocado em questão nas noções de erro que analisamos, como se a apropriação de uma língua ocorresse somente pela fala.

Afinal, se consideramos erro uma produção incorreta de uma forma ou de um sentido existentes na língua, por que não trataríamos também desta mesma realização incorreta na compreensão? Assim, também nesse sentido, as contribuições de Saussure nos obrigam a olhar com certa desconfiança para a noção de erro em língua estrangeira. Um sistema linguístico não é fixo – donde, parece-nos, a expressão saussuriana "estado de língua" – e não somente a analogia, como também a constante associação de massas amorfas de sons a massas amorfas de sentido, parecem corroborar para uma visão segundo a qual, tanto na fala quanto na escuta, o que entendemos por significação e compreensão são negociações entre som e sentido, que, por sua vez, dependem, sim, do fato social – do sistema, de seus componentes e de suas regularidades – mas não são dadas previamente, antes do ato de comunicação. De fato, há, para Saussure, um princípio maior:

em um determinado estado de linguagem, real é aquilo de que os sujeitos falantes têm consciência, tudo aquilo de que têm consciência e nada além do que podem ter consciência.

Ora: 1º, em qualquer estado de língua, os sujeitos falantes têm consciência de unidades inferiores à unidade da palavra. (ELG, p. 166)

4.4.1.3. A noção de interlíngua

Nosso estudo acerca do processo de apropriação de línguas estrangeiras também parece diferir em relação às noções de interlíngua, utilizada mormente pela didática de línguas, e de *code-switching*, conceito ligado ao campo da linguística aplicada.

Sobre interlíngua, o *Dictionnaire de Didactique du Français – langue étrangère et*

seconde nos diz que, “em didática das línguas, designa-se por interlíngua a natureza e a estruturas específicas do sistema de uma língua-alvo interiorizado por um aprendiz em um estado dado”⁶⁹ (CUQ, p. 139). As características que o autor elenca para tal estado de língua são a existência, na expressão, de

“traços da língua-alvo e (...) da língua base (língua materna ou outras línguas adquiridas posteriormente ou simultaneamente), sem que se possa perceber somente a adição ou a mistura de uma e outra. Trata-se, de fato, de um sistema em si, dotado de sua estrutura própria e que pode somente ser descrito como tal”. (CUQ, p. 139)⁷⁰

Dentre os autores que cita, lembra o criador do termo, Selinker (1972), que vê, na interlíngua, uma estrutura que é produto de um esquema de processo que inclui “transferência de língua, transferência de aprendizagem, estratégias de aprendizagem de língua estrangeira, supergeneralização de elementos linguísticos da língua estrangeira”⁷¹ (CUQ, p. 140). Outros autores citados por Cuq elencam como características da interlíngua ser uma competência transitória, ser instável e estável, apresentar permeabilidade e variabilidade (CUQ, p. 140).

Christian Puren, didaticista de renome, por outro lado, ao escrever o prefácio do livro *L'interlangue, la langue de l'apprenant* (1995), cita os seguintes aspectos da *interlangue*:

- ela é diversa e variada (ela depende das estratégias individuais de aprendizagem, mas também das obrigações institucionais e do tipo de tarefa realizada);
- ela é heterogênea (ela toma emprestado tanto do sistema da língua materna e da língua aprendida, quanto, eventualmente, do sistema de outras segundas línguas, e ela é constituída de uma multidão de subsistemas relativamente autônomos);
- ela é instável (ela só existe na mente do aprendiz e depende estritamente, em particular, de seu grau momentâneo de motivação e de atenção);

⁶⁹ No original: “en didactique des langues, on désigne par interlangue la nature et la structure spécifiques du système d'une langue cible intériorisé par un apprenant à un stade donné”.

⁷⁰ No original:

traits de la langue cible et (...) de la langue source (langue maternelle ou autres langues acquises postérieurement ou simultanément), sans que l'on puisse y voir seulement l'addition ou le mélange de l'une et de l'autre. Il s'agit en effet d'un système en soi, doté de sa structure propre et qui ne peut être décrit que comme tel.

⁷¹ No original: “transfert de langue, transfert d'apprentissage, stratégies d'apprentissage de langue étrangère, surgénéralisation d'éléments linguistiques de la langue étrangère”.

- ela é contraditória, sendo que os conflitos de hipóteses opostas constituem o motor da aprendizagem;
- enfim, ela não é um produto que se possa descrever objetivamente do exterior, como o é uma língua constituída, porque ela é um 'sistema aberto do qual o utilizador mesmo é parte integrante,,,(p. 279)⁷²

Com base nas definições de interlíngua fornecidas pelos dois pesquisadores, Cuq e Puren (2003 e 1995), podemos concluir sobre uma caracterização do conceito que comporta, em si, uma noção de língua deveras particular. Ao estabelecer que o fenômeno designa um estado do aprendizado em que a expressão é transitória, oscilante entre instável e estável, heterogênea, contraditória e não descritível objetivamente por não ser, ainda, uma língua constituída, parece-nos possível concluir sobre um conceito de língua como um fenômeno fixo, invariável, homogêneo, estável, e não passível de ser descrito objetivamente do exterior como algo constituído.

Ora, este trabalho inspira-se das reflexões deixadas por Ferdinand de Saussure para compreender o processo de apropriação de línguas estrangeiras e, nesse sentido, já nos debruçamos longamente na definição de língua e do que é, para Saussure, o linguístico: trata-se, como já afirmamos, do momento em que um som é significado dentro de uma comunidade de falantes. Também já estabelecemos o que compreendemos como sincrônico, ou seja, estado de língua, para um falante que fala não somente seu idioma materno como também outros idiomas. O mesmo princípio, que advogamos na seção anterior, sobre a relativa ausência de fixidez nas formas de um sistema, parece ser pertinente na explicitação das diferenças entre o trabalho que aqui desenvolvemos e a noção de interlíngua. De fato, é no encontro de massas indistintas de som e de sentido que o signo é criado, e tal criação se passa no âmbito da

⁷² No original:

- elle est diverse et variée (elle dépend des stratégies individuelles d'apprentissage, mais aussi des contraintes institutionnelles et du type de tâche réalisée);
- elle est hétérogène (elle emprunte aussi bien au système de la langue maternelle et de la langue apprise qu'éventuellement à celui d'autres langues secondes, et elle est constituée d'une multitude de sous-systèmes relativement autonomes);
- elle est instable (elle n'existe que dans l'esprit de l'apprenant et dépend étroitement en particulier de son degré momentané de motivation et d'attention);
- elle est, elle-même, contradictoire, les conflits d'hypothèses opposés constituant le moteur même de l'apprentissage;
- enfin, elle n'est pas un produit qu'on puisse décrire objectivement de l'extérieur, comme l'est une langue constituée, parce qu'elle « est un système ouvert dont l'utilisateur lui-même est partie intégrante.

sincronia linguística de cada falante, envolvendo todas as línguas que ele conhece.

No que diz respeito à impossibilidade de descrição objetiva de uma língua que apresente as ditas características da interlíngua, chamamos a atenção para os seguintes dizeres de JAN, que, como já dissemos, é professora de francês.

Exemplo 1

119. JAN: Qu'est-ce que vous allez faire **si vous ne trouvez pas un emploi**?

120. MIC: Je vas rechercher un emplois de ma domaine, mais si je ne trouve pas je vas rechercher un emplois de quelque domaine.

(...)

187. JAN: Et si jamais **vous ne trouvez pas d'emploi** pendant un an, qu'est-ce que vous allez faire?

Exemplo 2

15. JAN: **Il n'existe vraiment.** Jamais. J'ai déménagé.

(...)

161. JAN: Tu veux que je ferme? Mais **sinon on va pas** [...].

Uma das características da interlíngua, como vimos acima nas definições dos didaticistas Cuq et Puren, é a instabilidade das produções e das regras utilizadas. Tal fenômeno caracterizaria uma espécie de etapa na aprendizagem de uma língua estrangeira e seria responsável pela impossibilidade de descrição objetiva por não ser, em si, uma língua constituída. No entanto, ao analisarmos **os exemplos 1 e 2**, encontramos, na expressão de uma falante assídua da língua francesa, o que poderíamos caracterizar como instabilidade e contradição, já que JAN utilizou formas diferentes do idioma francês para designar, ao que parece, um mesmo sentido.

No **exemplo 1**, de fato, utiliza duas formas para a negação de quantidade: na primeira ocasião, emprega uma forma que seria considerada incorreta pela gramática normativa, já que a negação de quantidade, em francês, demanda a forma *pas de*. No entanto, na sequência, JAN emprega a mesma expressão e, desta vez, respeita as regras gramaticais. O mesmo ocorre no **exemplo 2**, em que, na primeira ocorrência, faz uma negativa sem a segunda negação (*pas*), enquanto, na segunda ocorrência, omite a primeira negação (*ne*), e emprega a segunda, prática

corrente entre francófonos em geral.

Segundo as definições já analisadas do conceito de interlíngua, as expressões de JAN, por apresentarem oscilação quanto às formas e, portanto, certo conflito aparente de hipóteses na utilização da negação de quantidade e da negação em geral, poderiam ser consideradas uma etapa intermediária da aprendizagem. Ora, trata-se de uma falante com certo caminho percorrido na expressão em francês, do que podemos concluir, no mínimo, sobre seu conhecimento acerca das estruturas de negação na língua alvo. Segundo a gramática normativa, como já afirmamos, certas formas produzidas por JAN seriam consideradas incorretas, no entanto, tais formas não somente significam como são coerentes, inclusive, com produções de francófonos nativos, por exemplo. Além disso, ainda uma vez, parece clara a influência da língua materna da falante ao utilizar as expressões “si vous ne trouvez pas un emploi” e “il n'existe vraiment”, que evocam as estruturas do português “se o senhor não encontrar um emprego” e “não existe realmente”.

Como vemos, com as apreciações que acabamos de fazer, além de constatarmos novamente o recurso, ainda que indireto, à língua materna na expressão de uma falante avançada de francês – critério elencado como característica da interlíngua –, pudemos, igualmente, estabelecer uma análise objetiva dos dizeres de JAN – procedimento citado como indisponível frente a uma interlíngua –, notando os diferentes empregos de duas formas que se pretendiam iguais, por exemplo. Além disso, interessa-nos, também, observar que a noção de língua que acompanha a de interlíngua prevê instâncias que não parecem ecoar no próprio conceito de língua saussuriano. De fato, a noção de normatividade e de compartimentalização de sistemas linguísticos – o que se pode ver nas ideias de erro e de interferência da língua materna –, vão de encontro às reflexões que fizemos acerca dos processos analógicos presentes quando da apropriação de uma LE e da presença perene da LM, ambas ancoradas no conceito de estado de língua.

Ainda uma vez, é necessário apelar para o conceito de linguístico e para a não fixidez que o caráter arbitrário do signo garante a um sistema linguístico. Com efeito, se as formas utilizadas por JAN significam – e parecem significar, já que, após a fala de JAN, seu interlocutor emite respostas –, podemos concluir que as formas utilizadas traduzem a sincronicidade que compõe seu sistema linguístico, e que este é composto de, no mínimo, língua francesa e língua portuguesa, ainda que a maioria de seus dizeres ocorra, no caso dos excertos salientados, na língua-alvo.

4.4.1.4. A noção de *code-switching*

Chegamos, enfim, ao último conceito que compreendemos ser necessário analisar no intuito de precisarmos as nuances que nossa dissertação traz em relação ao que já foi desenvolvido no campo dos estudos sobre apropriação de línguas estrangeiras. Se nos dois itens anteriores, erro e interlíngua, nos centramos na situação de ensino-aprendizagem, uma vez que tais conceitos são oriundos de pesquisas feitas com foco nesses ambientes e têm como objetivo a melhora contínua do processo que leva à aquisição de uma língua não materna pelo viés do ensino – o que vemos, por exemplo, em relação ao tratamento pedagógico do erro⁷³ –, o termo *code-switching* refere-se sobretudo a situações em que o falante não está aprendendo uma língua estrangeira, mas, ao contrário, é capaz de expressar-se em duas línguas com estatuto muito parecido (duas línguas maternas ou, ainda, uma língua materna e uma segunda língua). De fato, segundo o *Dictionnaire de Didactique de Français – langue étrangère et seconde*,

A alternância códica é a mudança, por um locutor bilíngue, de língua ou de variedade linguística, no interior de um enunciado-frase ou de uma interação verbal, ou entre duas situações de comunicação. Trata-se de um conjunto de fenômenos de comportamentos complexos, sistemáticos, e suscetíveis de ser analisados nos níveis:

- psicolinguístico e linguístico: a alternância códica é tomada como testemunho dos processos de produção e de recepção no bilíngue e seu estudo daria ao pesquisador acesso à gramática do falante bilíngue. (p. 17-18)⁷⁴

⁷³ De fato, segundo CUQ (2003),

a noção de interlíngua permite, em uma perspectiva didática, de apreender as produções e os erros dos aprendizes como representativas e ilustrativas de um sistema, que é, ao mesmo tempo, estruturado e em curso de estruturação e de reestruturação, e de ultrapassar constatações ou práticas que se limitariam à correção pontual de erros ou a identificar as interferências da língua materna (p. 140)

No original:

la notion d'interlangue permet, dans une perspective didactique, d'appréhender les productions et les erreurs d'apprenants comme représentatives et illustratives d'un système à la fois structuré et en cours de structuration et de restructuration, et de dépasser des constats ou des pratiques qui se limiteraient à la correction ponctuelle d'erreurs ou à traquer des interférences de la langue maternelle.

⁷⁴ No original:

L'alternance codique est le changement, par un locuteur bilingue, de langue ou de variété linguistique à l'intérieur d'un énoncé-phrased ou d'un échange, ou entre deux situations de communication. Il s'agit d'un ensemble de phénomènes et de comportement complexes, systématiques, et susceptibles

Observemos, conforme os grifos no excerto anterior, que o *code-switching* é uma mudança entre línguas, operada por um locutor bilíngue, no interior de um enunciado-frase ou de um diálogo, ou, ainda, entre duas situações de comunicação. Uma primeira distinção que parece impor-se entre o conceito que ora esmiuçamos e nosso estudo – ou, ainda, as razões pelas quais nosso estudo não deve ser considerado um estudo sobre *code-switching* – refere-se ao fato do *code-switching* ser produzido por um falante bilíngue.

Enquanto o bilinguismo prevê duas condições principais para ser caracterizado⁷⁵ – a forma de aquisição relativamente precoce das línguas e sua constância frequente de uso –, nosso estudo trata de situações em que um indivíduo, que já é falante de uma primeira língua, decide aprender um novo idioma, que, pelo menos em um primeiro momento, não utilizará quotidianamente, donde o termo língua estrangeira. Uma segunda diferença que podemos pontuar entre nossa reflexão e a noção de *code-switching* diz respeito à natureza mesma dos dois fenômenos: enquanto na apropriação de línguas não maternas verificamos a criação de formas que têm como base tanto o sistema materno quanto o estrangeiro, tendo como fim a busca pela regularidade da língua-alvo, no *code-switching* a alternância não se dá entre as unidades da língua, mas, mormente, na estrutura sintática da frase, que apresenta estruturas de duas línguas maternas ou, no mínimo, de duas línguas constantemente usadas pelo falante. Trata-se de diferenças sutis, mas relevantes ao nos interessarmos em estudar a tomada de contato com línguas não maternas e ao tentarmos compreender o hibridismo linguístico daí decorrente.

É claro, no entanto, que, tanto na apropriação de língua estrangeira quanto no *code-switching*, o falante conhece as unidades das línguas, senão, como poderia criar novas formas e sentidos a partir de suas unidades, ou, ainda, alternar códigos em uma mesma frase? Ambos os fenômenos apresentam, portanto, certo grau de hibridismo. No *code-switching*, porém, o hibridismo deve, talvez, ser mais associado ao contexto linguístico e cultural a que um falante

d'être analysés aux niveaux:

- psycholinguistique et linguistique: l'alternance codique est envisagée comme témoignage des processus de production et de réception chez le bilingue, et son étude donnerait au chercheur l'accès à la grammaire du bilingue. (...)

⁷⁵ Conforme CUQ (2003) bem assinala, é preciso não confundir bilinguismo societal oficial e bilinguismo efetivo: “Ocorre que, em um país oficialmente bilíngue, o número de indivíduos bilíngues seja relativamente reduzido e vice-versa. As variantes em questão podem ter status e funções deveras diferentes (...)” (p. 36). No original: “il arrive que, dans un pays officiellement bilingue, le nombre d'individus bilingues soit relativement réduit, et vice versa. Les variétés en question pouvant avoir des status et fonctions très différents (...)”.

está exposto do que a um mecanismo primordialmente linguístico, como o é o processo de criação analógica.

5. Quando falar é apropriar-se. Quando apropriar-se é navegar entre os sistemas.

À guisa de conclusão

Falar é sempre navegar à procura de si mesmo (...).

Não raro que esse navegar mude de direção.

Christine Revuz

No curso desta escrita, inúmeras vezes, precisamos que nosso trabalho visava lançar um olhar para o processo de apropriação de línguas estrangeiras à luz das contribuições saussurianas deixadas no *Curso de Linguística Geral*, nos *Escritos de Linguística Geral* e, ainda sem a devida profundidade, no manuscrito de Harvard. Debruçamo-nos longamente não só sobre as fontes do pensamento do mestre genebrino, mas também sobre o tratamento teórico que damos a tais recursos, já que a obra saussuriana é, ainda hoje, objeto de estudos que, de um lado, buscam discutir sua legitimidade e conhecer sua genética e, de outro, buscam compreender seus efeitos para a linguística e para suas ciências conexas.

Já centrados no estudo direto da teoria deixada por Saussure, adentramos naquele que talvez seja o principal debate sobre a teoria saussuriana: a relação entre as instâncias teóricas da língua e da fala. De fato, a interpretação acerca da relação entre os conceitos gerou uma leitura deveras dicotômica, que persevera até hoje em certas interpretações do legado do mestre. Na contramão destas, desenvolvemos, aqui, uma reflexão que situa, assim como o fez Saussure, tanto os fenômenos linguísticos quanto os conceitos de língua e de fala em uma relação de complementariedade e interdependência, já que, como já citamos, a “língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos” e que a fala “é necessária para que a língua se estabeleça” (CLG, p. 27). Para tanto, valemo-nos, de sobremaneira, da reflexão saussuriana acerca da dualidade fundamental que repousa na noção de significante, nomenclatura que designa uma das dimensões do signo linguístico:

O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal como tal e do fenômeno vocal como signo⁷⁶ – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo). (...) Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolúvelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo” mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal. (ELG, p. 24)

⁷⁶ Como já pontuamos, há provavelmente, nessa passagem, uma flutuação terminológica em que Saussure chama de signo o que considera significante.

Assim, parece-nos, o significante, enquanto forma sonora ancorada em um sistema fonológico virtual, é o elemento que evidencia a intersecção necessária entre língua e fala. Com efeito, para além da importância teórica e epistemológica que representa uma concepção de língua que englobe a fala, tal noção também é deveras relevante para o estudo que empreendemos sobre apropriação de línguas estrangeiras, já que é na e através da expressão oral e auditiva, portanto, na fala falada e escutada, que ocorre a apropriação.

Em um segundo momento, após reflexões centradas na teoria saussuriana, procedemos aos deslocamentos teóricos necessários a este trabalho, já que Saussure não teorizou sobre a apropriação de idiomas estrangeiros embora tenha nos deixado pistas para tal estudo. Nesse sentido, olhamos para vários conceitos saussurianos e procuramos verificar em que medida eles mostravam-se produtivos para explicar o processo de apropriação de uma língua não materna.

A noção de estado de língua foi-nos de especial importância por permitir-nos olhar para o fenômeno da língua, que apresenta, segundo o mestre genebrino, um princípio absoluto: aquele da transformação incessante (ELG, p. 138). Essa susceptibilidade à mudança a que um idioma está exposto, já que dependente da ação do tempo e, sobretudo, dos falantes, produz estados de língua permeados pela diversidade das formas-sentidos e, portanto, pela singularidade do dizer. É justamente essa singularidade que marca o processo de apropriação de línguas estrangeiras, já que os processos analógicos que se produzem na expressão em idiomas não maternos ocorrem segundo a sincronia linguística de cada indivíduo e decorrem, portanto, do princípio da transformação incessante.

Após essa primeira reflexão, já valendo-nos de deslocamentos teóricos, adentramos no aspecto fônico da apropriação de línguas estrangeiras. Neste ponto, revisitamos a noção de língua e fala para esmiuçar mais os caracteres concretos e abstratos do significante. Em seguida, pensamos a apropriação do sistema fonológico da língua estrangeira, processo que é mediado pelo sistema de sons da língua materna. O próximo momento fora dedicado a uma defesa sobre a pertinência do estudo acerca da produção dos sons quando da apropriação de LE. De fato, enquanto, para Saussure, tal reflexão se mostrava inócua, já que a fonação não se altera significativamente ao longo do tempo e tampouco em cada falante, no estudo sobre apropriação de línguas não maternas, a compreensão dos processos fonatórios pareceu ser extremamente pertinente, contribuindo para a percepção e produção dos sons da língua alvo. É mister notar, a esse respeito, que não defendemos nem uma concepção normativa nem

purista da produção fonética em língua não materna: na direção contrária, investimos, justamente, sobre o que Saussure denomina margem de ação na pronúncia para evidenciar o largo espectro de formas que podem designar uma mesma sensação acústica. Em seguida, refletimos sobre a importância da imagem acústica para a pronúncia, que é a memória fônica dos sons pronunciados. Tal lembrança, parece-nos, não somente caracteriza o sistema de sons de um idioma como pertencentes à língua, como também evidencia a apropriação de tal sistema, já que o falante internalizou seus componentes primários. Um último momento do estudo acerca do fônico em nosso trabalho foi caracterizado pela relevante reflexão sobre o ouvinte na apropriação de uma língua estrangeira. De fato, nas palavras de Saussure, “na mesma medida em que ouvimos, nós falamos” (ELG, p. 211). É pelo ouvido que conhecemos o sistema fonológico de um idioma, o sistema fundamental de negatividades, e é através desse sistema que conseguimos construir unidades maiores, que permitirão a comunicação em uma língua estrangeira.

Ao lado das reflexões acerca do aspecto fônico, a próxima seção de nosso estudo, que tratou da analogia, é de extrema importância para a reflexão geral deste trabalho: o processo de apropriação de línguas estrangeiras. Saussure classifica o procedimento analógico como “a substância mais clara da linguagem” (ELG, p. 141) por, de um lado, verificar-se enquanto fenômeno linguístico, a todo instante, e, de outro, necessitar, para ocorrer, da intersecção dos dois eixos que organizam a língua: o sintagmático, como realização, e o associativo, enquanto possibilidade de regularidade do sistema.

Para nosso estudo, o mecanismo analógico mostrou-se de uma riqueza inegável: ele parece-nos ser o principal procedimento linguístico que pauta o processo de apropriação de línguas estrangeiras, isto é, o mecanismo do qual se valem os falantes para criar dentro da língua, a partir das unidades de que ela é composta. De fato, em nosso percurso, ao analisarmos falas de locutores de francês como língua estrangeira, pudemos verificar que seus dizeres eram permeados por associações entre unidades da língua materna e unidades da língua alvo, do que resultavam criações, que, apesar do hibridismo, permaneciam situadas na língua alvo. Advogamos sobre a importância dessas novas associações forma-sentido por serem signos anunciadores do processo apropriativo, já que, tendo em sua sincronia linguística dois ou mais sistemas em contato, o falante é capaz de criar signos inéditos e significantes dentro das regularidades da língua alvo, o francês. O fato de, para realizar tal procedimento, o falante precisar reconhecer as unidades da língua é, em nossa reflexão, de extrema importância: para conseguir tomar liberdades em relação a ela (CLG, p. 189), ao falante é necessário conhecer as unidades que compõem esse sistema, para, então, ser capaz

de jogar com elas e criar formas inovadoras. É nesse sentido, que a analogia parece-nos a substância mais clara que pauta, também, o processo de apropriação de línguas estrangeiras, já que ela demonstra que o falante já está situado no sistema linguístico alvo, caso contrário, como conseguiria mobilizar suas unidades e criar signos novos?

Até o momento, no entanto, não nos dedicamos a precisar o que compreendemos por apropriação e por que não adotamos o termo, mais conhecido e generalizado, de aquisição de línguas estrangeiras. Inicialmente, o termo aquisição remete a três perspectivas deveras distintas: pode tanto designar genérica e popularmente o processo de tomada de contato com línguas quanto pode fazer referência a uma teoria de base inatista, que leve em conta o Dispositivo de Aquisição da Linguagem, além, de, é claro, remeter às correntes behaviorista, com Skinner, e construtivista, com Piaget, que também utilizam o termo. Um terceiro correlato frequente ao termo aquisição é o termo aprendizagem: a primeira dar-se-ia em ambientes naturais e o segundo, em ambientes institucionais de ensino. Assim, ao adotarmos, neste trabalho, o termo aquisição, já estaríamos nos filiando, ainda que indiretamente, a certas correntes teóricas. Nesse sentido, o termo apropriação pareceu-nos, inicialmente, mais apropriado porque menos vinculado teoricamente a construtos que diferem, por vezes, radicalmente daquele deixado por Saussure.

Em um segundo momento, porém, a noção de apropriação foi colocada à luz de nossas reflexões sobre analogia, sobre a arbitrariedade do signo e a concomitante radicalidade do fato social, e, ainda, sobre a perenidade da língua materna quando da expressão em língua estrangeira. Nesse contexto, pudemos desenvolver uma reflexão, ainda embrionária, sobre apropriação, que conjuga a interpretação de fenômenos linguísticos manifestos em dizeres de línguas estrangeiras a partir das reflexões deixadas por Saussure.

Como já afirmamos, a constatação de formações analógicas permeando a fala em língua não materna figura como elemento principal do que, nesta dissertação, consideramos um processo apropriativo. Neste ponto fundamental, está a presença irreparável da língua materna, que é também fonte para criações em língua estrangeira. Já nos debruçamos, em Gomes (2011), a compreender o valor da língua materna para o sujeito falante. Concluímos, após extensas análises de falas em idiomas estrangeiros e, na época, à luz da teoria saussuriana conjugada à teoria desenvolvida por Émile Benveniste, que a língua materna possui papel fundante para o indivíduo, sendo o primeiro sistema simbólico que lhe permite inscrever-se no mundo (Gomes, 2011, p. 25). Assim, a primeira língua de um falante acaba adquirindo um estatuto que beira o absoluto: ela dá a ilusão de tudo significar e de ser A (com a maiúsculo) forma correta de designar o mundo. Ora, não raramente um professor de língua

estrangeira depara-se com alunos incomodados com a diferença dos gêneros de certas palavras, ou, no caso do francês, com a necessidade de fazer cálculos para designar certos números! Ou, ainda, com perguntas óbvias e difíceis a responder, feitas por alunos brasileiros aprendizes de francês: por que em francês é X se em português é Y? Outro elemento que ajuda a explicar essa sensação de absoluto que nos fornece a língua materna diz respeito à própria produção sonora: se, ao nascermos, somos capazes de pronunciar qualquer som de qualquer língua do mundo, a renúncia a essa imensidão fonatória e a restrição a um sistema finito de oposições fônicas também nos deixam reféns de nossa primeira língua, afinal, há uma privação necessária – e, de certa forma, fundante – que nos reduz à nossa língua materna.

Nossa noção de apropriação dialoga diretamente com a aceitação desse papel primordial da língua materna. De fato, na medida em que parece haver certa perenidade desse sistema em relação a todos os demais em que um indivíduo possa se expressar, as criações que ele faz nas línguas estrangeiras sempre parecem comportar certa dose de língua materna. O interessante é que não se trata, nunca, nem de criações exclusivamente baseadas na primeira língua nem de criações idênticas entre indivíduos. De fato, cada indivíduo efetua processos analógicos segundo seu tesouro de língua, que engloba sistema materno e estrangeiro. Saussure parece prever a singularidade de cada falante ao afirmar que as relações *in absentia* (condição, como já afirmamos, para os processos analógicos) “fazem parte do tesouro interior que compõe a língua de cada indivíduo” (CLG, p. 143). Além disso, para ser capaz, linguisticamente, de fazer, nas palavras de Saussure, transformações inteligentes em língua estrangeira, o falante precisa conseguir identificar – consciente ou inconscientemente – as unidades que compõem o sistema linguístico que mobiliza e produzi-las nas relações *in praesentia*. É nessa negociação entre unidades, forma-sentido e mobilização do aparelho fonador que uma inovação analógica ocorre e são igualmente tais fatores, por serem relativamente distintos em cada falante, que tornam todo fenômeno de criação analógica um fenômeno singular.

A essa singularidade constituinte é que atrelamos o conceito de apropriação. Com efeito, um falante, ao criar na língua, torna própria tal forma e, ao fazê-lo, enriquece seu tesouro linguístico interior com aquela nova forma, isto é, com aquela nova associação entre massa amorfa de som e massa amorfa de sentido.

Saussure, como já repetidamente afirmamos, não estudou processos de apropriação de línguas, nem materna nem estrangeira. O linguista, no entanto, não se furtou a discutir as motivações para a propagação ou não das línguas, processo que implica sua transmissão. Trata

como o “espírito do campanário” e como a força de intercuro as duas forças que “agem sem cessar simultaneamente e em sentidos contrários” decidindo a persistência ou não de um idioma no seio de uma comunidade linguística. Enquanto a força do espírito do campanário engendra tal permanência idiomática, a força de intercuro encoraja os falantes à comunicação, o que instaura, portanto, o contato entre línguas. Segundo Saussure, essa última força, por colocar línguas e culturas em relação, apresenta também uma tendência à analogia, na medida em que tal fenômeno facilita as relações humanas. De fato, “quanto mais uma inovação favorecer o intercuro, tanto mais se ampliará sua área; quanto ao campanário, sua ação consiste em manter um fato linguístico nos limites que adquiriu, defendendo-o contra concorrências de fora” (CLG, p. 241).

Notemos que Saussure aproxima a noção de línguas em contato ao mecanismo analógico, que resulta desse contato. De fato, do ponto de vista teórico, embrionariamente talvez, ao preocupar-se com a língua, enquanto sistema sincrônico, Saussure também constatava o fenômeno da fronteira entre línguas e do possível hibridismo daí decorrente, o que também compunha a sincronia da língua de cada falante.

Para nosso percurso teórico, foi de extrema importância, ao dar-nos a tarefa de ler o *Curso de Linguística Geral* em sua integralidade, constatarmos que Saussure percorria, de certa forma, o caminho que pretendíamos traçar com a presente dissertação. O mestre genebrino não se debruçou sobre a apropriação de línguas estrangeiras, mas forneceu-nos as bases teóricas necessárias, dentre outros, com as noções de analogia e de fônico, e, posteriormente, com a explicitação das forças que incentivam ou bloqueiam o contato entre línguas, para compreender o processo linguístico que está presente quando um indivíduo, já constituído falante em uma primeira língua, decide tornar-se falante e ouvinte de outras.

Assim, nas linhas que acabamos de traçar, esperamos ter conseguido explicitar o que acreditamos ser novidade em nosso estudo: propor uma compreensão do processo de apropriação de línguas estrangeiras à luz do pensamento desenvolvido por Ferdinand de Saussure, que tem como base teórica fundamental a noção de linguístico, isto é, o momento em que massas amorfas de som encontram massas amorfas de significação e formam, dentro de uma comunidade linguística, um signo. É nesse sentido que decidimos delimitar as nuances entre nosso estudo e o que já fora produzido em termos de contatos entre línguas – a noção de erro, de interlíngua e de *code-switching*. De fato, apesar de tais noções serem deveras utilizadas na comunidade que trabalha com o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e, portanto, com a apropriação de línguas não maternas, vemos que o construto teórico saussuriano propõe reflexões que nos permitem não somente alargar o que se entende

por língua – definido no encontro entre significado e significante, fato que ocorre a cada momento em que um falante mobiliza sua sincronia linguística para se expressar – como também legitimar quaisquer produções em língua estrangeira como produções linguísticas, já que produzidas por falantes que reconhecem as unidades dos idiomas que falam e criam a partir de tais unidades.

Os efeitos de nossa reflexão parecem-nos incontáveis e extremamente produtivos. Ora, por que não vislumbrarmos o desenvolvimento de manuais de língua que tenham por base o pensamento saussuriano? Que privilegiem, assim, a transmissão linguística com base na regularidade do sistema, na noção de valor e no papel primordial do fônico no processo de apropriação? Ou então, por que não aprofundar nossas reflexões acerca da singularidade que marca o processo de apropriação de LE e sua relação com o fônico, que aparece, por vezes, na descoberta, por parte do falante, de um novo timbre ao expressar-se em língua estrangeira? Esses são os trabalhos que parecem se anunciar como continuidade da reflexão sobre processo de apropriação de línguas estrangeiras que ora concluímos.

6. Bibliografia

- BARBISAN, Leci B. *Queleques aspects du rapport tâche-activité interlangagière des productions d'étudiants brésiliens apprenant le français*. Tese de doutorado. 1983.
- BADIR, Sémir. *Le concret et l'abstrait dans la phonologie et dans la phonétique de Saussure*. IN Cahiers Ferdinand de Saussure, p. 13-23.
- BARROS, Manoel. *O livro das Ignorâncias*. Disponível en: <http://www.recantodasletras.com.br/e-livros/3867501>. Data: 18/02/2016.
- BENVENISTE, Émile. *Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études*. In: École pratique des hautes études. 4e section, Sciences historiques et philologiques. Annuaire 1964-1965. 1964. pp. 20-34.
- COURSIL, Jacques. *La fonction muette du langage – Essai de linguistique générale contemporaine*. Guadeloupe: Ibis Rouge Éditions, 2000.
- CUQ, Jean-Pierre. *Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde*. Paris: 2003, Cle International.
- DEPECKER, Loïc. *Comprendre Saussure*. Paris : 2009.
- GODEL, Robert. *Les Sources manuscrites du « Cours de linguistique générale »*. Droz : 1969.
- GOMES, Janaína Nazzari, *O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível?*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível en: <http://hdl.handle.net/10183/39339>
- JAKOBSON, Roman. Por que papa e mama In: *Fonema e fonologia*. Tradução de Joaquin Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. *How languages are learned*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- PARRET, Herman. *La voix et son temps*. Bruxelas: Editions De Beck Université, 2002.
- _____. *Le son et l'oreille - Polyphonies saussuriennes*. Disponível en: <http://www.hermanparret.be/media/recent-articles/256.pdf> Data: 18/02/2016.
- PUREN, Christian. *L'émergence du concept de Didactique des langues en France*. Documento utilizado como suporte para duas atividades propostas no capítulo 5 do Dossier 7 do curso online “La didactique des langues-cultures comme domaine de recherche”. Disponível en: <http://www.christianpuren.com/cours-collaboratif-la-dlc-comme-domaine-de-recherche/dossier-n-7-la-perspective-didactologique-1-2/>. Data: 18/02/2016.

- SAUSSURE, Ferdinand de. *Phonétique*, Il manoscritto di Harvard.. Padoue :1995, Unipress.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: 1996, Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*, São Paulo: 2002, Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro, França, 1967.
- STAWINSKI, Aline. O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana. Dissertação de mestrado. UFRGS: 2016.
- VOGEL, Klaus. *Introdução escrita por Christian Puren*. L'interlangue, la langue de l'apprenant. Toulouse: Presses universitaires de Mirail, 1995.